



ARTETERAPIA Cores da Vida

Ano 18 - Volume 30 - Número 3 - Edição Especial - 2023
Estudos de revisão e reflexão da literatura

Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida
ISSN: 1809-2934

Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>

- Associação Brasil Central de Arteterapia -

SUMÁRIO

EXPEDIENTE

..... 02

EDITORIAL

Potenciais das Arteterapias criativas 05
Ana Cláudia Afonso Valladares Torres (DF-Brasil)

RELATOS DE CASO/EXPERIÊNCIA

1 – Intervenção arteterapêutica em um Centro de Atenção Psicossocial: um olhar sobre jovens e adultos usuários do serviço no interior de Pernambuco 06
Vania Rodrigues de Araujo & Robson Xavier da Costa (PB-Brasil)

2 – A arteterapia como ferramenta de autonomia e voz nos processos de inclusão 12
Chaiane Artifon Marcante & Angélica Shigihara de Lima (RS-Brasil)

3 – Reciclando almas: estudo de caso com o uso de colagem e garrafas em arteterapia para a libertação interior 22
Priscilla Tesser Reuter (SP-Brasil)

4 – Redescobrimo-se pela arteterapia: mulheres com vivências interpessoais e afetivas traumáticas 34
Gabriela dos Santos Silva (DF-Brasil)

5 – Metanoia com mandalas: uma intervenção em Arteterapia para mulheres no “Meio da Vida” 44
Dalila Favareto & Julicristie Oliveira (SP-Brasil)

ARTIGO DE REVISÃO DA LITERATURA

6 – Arteterapia no contexto hospitalar infantil: revisão integrativa da literatura 54
Bruna Lima de Freitas Araújo & Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres (DF-Brasil)

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TEXTOS A SEREM APRECIADOS PARA PUBLICAÇÃO 68

MODELO DE DECLARAÇÃO DE TRANSFERÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS 71

EXPEDIENTE

REVISTA CIENTÍFICA de ARTETERAPIA CORES da VIDA
Publicação: Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA)

EXPEDIENTE

APRESENTAÇÃO

A *Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida* (INSS 1809-2934) é uma publicação científica da Associação Brasil Central de Arteterapia, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da ABCA – <https://www.abcaArteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Foi iniciada no ano de 2005 e com periodicidade semestral, tem o intuito de receber produções de Arteterapia e áreas afins advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia.

LINHA EDITORIAL

A *Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida* da ABCA tem como objetivo divulgar prioritariamente resultados de investigações científicas, além de estudos teóricos, revisões críticas da literatura e relatos de experiência da Arteterapia que possam nortear a atenção à saúde e educação das populações na promoção da saúde, prevenção de doenças, recuperação e reabilitação dos sujeitos.

GRUPO EDITORIAL

Contato: arteterapia.goias@gmail.com

Editoras e Conselho Editorial:

Prof^a Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares Torres

Prof^a Ms. Flora Elisa de Carvalho Fussi

Conselho Consultivo:

ABCA (Goiás)

Esp. Mires Najjar

Esp. Regina Maria do Nascimento

AATESP (São Paulo)

Dr. Celso Luiz Falaschi

Me. Dilaina Paula dos Santos

Dr^a Lara Nassar Scalise

Me. Regina Fiorezzi Chiesa

Dr. Sandro José da Silva Leite

Dr^a Selma Ciornai

AARJ (Rio de Janeiro)

Dr^a Ângela Philippini

Dr^a Graciela René Ormezzano

Dr^a Eveline Carrano

Esp. Lígia Diniz

AATERGS (Rio Grande do Sul)

Esp. Angélica Shigihara

Dnda. Magda Pozzobon

ASPOART (Rio Grande do Norte)

Me. Artemisa de Andrade e Santos

ASBART (Bahia)

Me. Carla Silveira Maciel

AARTES (Espírito Santo)

Me. Glícia Conceição Manso Paganotto

APAT (Paraná)

Me. Mariel Wanderley Granato

AMART (Minas Gerais)
Me. Otília Rosângela Souza

AAPB (Paraíba)
Dr. Robson Xavier da Costa

ACAT (Santa Catarina)
Dr. Sonia Maria Bufarah Tommasi

ARTE-PE (Pernambuco)
Esp. Paulo Fernando Barreto Campello de Melo

AAMA (Maranhão)
(a definir)

Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto
Ana Cláudia Afonso Valladares Torres

Processo de Avaliação por Pares

Os artigos são recebidos por e-mail. Os artigos aceitos serão avaliados às cegas por dois revisores da área de conhecimento da pesquisa, de instituições de ensino e/ou pesquisa nacionais ou estrangeiras, de comprovada produção científica. Após as devidas correções e possíveis sugestões, o artigo será aceito se tiver dois pareceres favoráveis e será rejeitado quando dois pareceres forem desfavoráveis. No caso de um parecer favorável e um desfavorável, a decisão sobre a publicação ou não do artigo será do Conselho Editorial.

Nota

As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos Editores e ou Conselho Editorial.

REVISTA CIENTÍFICA de ARTETERAPIA CORES da VIDA

Publicação: Associação Brasil Central de Arteterapia

ASSOCIAÇÃO BRASIL CENTRAL DE ARTETERAPIA

Diretoria – Gestão 2020-2022

Presidente

Jaqueline Comazzi Lemos de Oliveira

Vice-presidente

Flora Elisa de Carvalho Fussi

1ª. Secretária

Ana Paula Pereira Ribeiro

2ª. Secretária

Ângela Maria Fernandes Iwamoto

1º. Tesoureira

Andréa Alves dos Santos Ribeiro

2ª Tesoureira

Ângela Maria Borges Goulart

Bibliotecário

Mires Najar

Conselho Fiscal

Cristiane Miguel Câmara
Regina Maria do Nascimento
Ivana Veiga Jardim

EDITORIAL

POTENCIAIS DAS ARTETERAPIAS CRIATIVAS

Nos últimos anos, têm-se evidenciado uma crescente ampliação e comprovação dos potenciais das Arteterapias Criativas em direção à prevenção, recuperação e tratamento de pessoas com transtornos mentais, no cuidado de pessoas com doenças agudas; no apoio às pessoas com distúrbios do neurodesenvolvimento e neurológicos; no auxílio da gestão de doenças não transmissíveis; e no apoio nos cuidados paliativos, além de outras áreas, como educação, campos empresariais e institucionais diversos e nos diversos conjuntos de populações e contextos - aspectos esses que impulsionam o fortalecimento da Arteterapia em nível mundial. Este volume publica várias experiências e relatos de experiência com grupos e contextos diversificados que abordavam tendências e movimentos que se alinhavam às essas novas tendências mundiais. Boa leitura!

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares Torres
Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida

Potentials of creative Art therapies

In recent years, there has been a growing expansion and confirmation of the potential of Creative Art Therapies towards the prevention, recovery and treatment of people with mental disorders, in the care of people with acute illnesses; supporting people with neurodevelopmental and neurological disorders; in helping to manage non-communicable diseases; and support in palliative care, in addition to other areas, such as education, different business and institutional fields and in different sets of populations and contexts - aspects that drive the strengthening of Art Therapy worldwide. This volume publishes several experiences and experience reports with diverse groups and contexts that addressed trends and movements that were aligned with these new world trends. Good reading!

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares Torres
Coordinator of Board Members of Editorial of the Scientific Magazine Arteterapia Cores of the Life

Potenciales de las Arteterapias creativas

En los últimos años se ha producido una creciente expansión y confirmación del potencial de las Terapias de Arte Creativo hacia la prevención, recuperación y tratamiento de personas con trastornos mentales, en la atención de personas con enfermedades agudas; apoyar a las personas con trastornos neurológicos y del neurodesarrollo; para ayudar a controlar las enfermedades no transmisibles; y apoyo en cuidados paliativos, además de otras áreas, como la educación, diferentes ámbitos empresariales e institucionales y en diferentes conjuntos de poblaciones y contextos, aspectos que impulsan el fortalecimiento de la Arteterapia a nivel mundial. Este volumen publica varias experiencias y relatos de experiencias con diversos grupos y contextos que abordaron tendencias y movimientos que se alinearon con estas nuevas tendencias mundiales. ¡Buena lectura!

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares Torres
Coordenadora del Consejo Editorial de la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida

RELATOS DE CASO/EXPERIÊNCIA

1 - INTERVENÇÃO ARTETERAPÊUTICA EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSOCIAL: UM OLHAR SOBRE JOVENS E ADULTOS USUÁRIOS DO SERVIÇO NO INTERIOR DE PERNAMBUCO

*Vania Rodrigues de Araujo¹
Robson Xavier da Costa²*

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência de estágio supervisionado em Arteterapia, que objetivou proporcionar acompanhamento arteterapêutico a jovens e adultos usuários do serviço de saúde mental, em uma instituição de atenção psicossocial num município do interior de Pernambuco. Por meio da abordagem junguiana e da pesquisa participativa, foram realizadas diversas atividades artísticas e reflexivas sobre o autoconhecimento, o autocuidado e a socialização. Para isso, foram utilizados materiais variados e estimulados o fortalecimento de vínculo e o contato com a natureza.

Palavras-chave: Arteterapia; Autoconhecimento; Vínculo.

Art therapy intervention in a psychosocial care center: a look at the users of youth and adult services in the interior of Pernambuco

Abstract: This work is a supervised internship experience report, in which it aimed to provide Art Therapy follow-up for young and adult users of the mental health service, in a psychosocial care institution in the municipality in a municipality in the interior of Pernambuco. Using the Jungian approach and through participatory research, several artistic and reflective activities were carried out on self-knowledge, self-care and socialization. To this end, various materials were used, encouraging bonding and contact with nature.

Keywords: Art Therapy; Self-knowledge; Bond.

Intervención arteterapéutica en un centro de atención psicossocial: una mirada a los usuarios de servicios de jóvenes y adultos en el interior de Pernambuco

Resumen: Este trabajo es un relato de experiencia de una pasantía supervisada en arteterapia, que tuvo como objetivo brindar acompañamiento arteterapêutico a jóvenes y adultos usuarios del servicio de salud mental, en una institución de atención psicossocial en un municipio del interior de Pernambuco. Utilizando el enfoque Junguiano y a través de la investigación participativa, se realizaron diversas actividades artísticas y reflexivas sobre el autoconocimiento, el autocuidado y la socialización. Para ello, se utilizaron diversos materiales, fomentando la vinculación y el contacto con la naturaleza.

Palabras clave: Terapia artística; Conocimiento de sí mismo; Vínculo.

Introdução

A atual política de saúde mental no Brasil, alinhada aos pressupostos da reforma psiquiátrica, propõe a progressiva substituição dos hospitais psiquiátricos por uma rede de serviços de atenção em saúde mental, da qual fazem parte os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

No Brasil, a rede de atenção à saúde mental é integrada ao Sistema Único de Saúde, e sua característica é essencialmente pública e de base municipal (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Embora a atenção em saúde mental faça parte de uma rede articulada de serviços, essa articulação deve incluir os recursos da comunidade para se constituir em verdadeiros espaços de inclusão na cidade destinados às pessoas com transtornos mentais. A inclusão dos usuários dos serviços de saúde mental na comunidade pode ser considerada como um dos maiores desafios sociais e de saúde, visto que interfere diretamente na autoestima e na qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares.

¹ Enfermeira e aluna do Curso de Pós-Graduação em Arteterapia em Arte, Educação e Saúde – UNIESP - PB

² Artista visual, curador, arte/educador e arteterapeuta. Pós-doutor em Estética e História da Arte (PGEHA MAC USP); Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFRN e UMinho Portugal). Mestre em História (PPGAH UFPB). Especialista em Educação Especial (UFPB). Com Formação em Arteterapia (Clínica Pomar RJ). Licenciado em Educação Artística - Artes Plásticas (UFPB). Docente do Departamento de Artes Visuais (DAV UFPB) e dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) e em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFPB)

Dentro da instituição, encontram-se os grupos de convivência, que têm o objetivo de trabalhar temas relevantes para os usuários, desenvolver habilidades e dar suporte para a continuidade do tratamento. Nesse contexto, a Arteterapia de base junguiana pode contribuir para estimulá-los no processo de autodescoberta, de resgate da autoestima e de expressão de seus sentimentos. Assim, eles poderão entender a si mesmos, ter consciência do seu potencial na comunidade e enfrentar os desafios pessoais cotidianos. Esse é, pois, um grande passo em direção à autoafirmação dos sujeitos na sociedade.

No grupo de convivência do Caps de um município do interior de Pernambuco, foram realizadas diversas atividades terapêuticas, por meio de exercícios artísticos e reflexivos sobre o autoconhecimento, o autocuidado e a socialização. Para isso, foram usados vários materiais. Também foram fortalecidos vínculos e estimulado o contato com a natureza. Este artigo traz um relato sobre uma experiência de estágio supervisionado em Arteterapia no referido Caps do estado de Pernambuco.

Os Grupos de Convivência nas Unidades de Atenção Psicossocial

Os Caps são unidades de atendimento em saúde mental que oferecem aos seus usuários um programa de cuidados elaborado por uma equipe multidisciplinar. Inicialmente, são concebidos como alternativas terapêuticas do modelo de atendimento centrado no hospital psiquiátrico. Desde 2002, os CAPS passaram a ter a função estratégica de articular as forças de atenção em saúde com as da comunidade, visando melhorar a vida comunitária e estimular seus usuários (LEAL, 2006).

De acordo com a orientação do Ministério da Saúde (Portarias 224/92 e 336/02) e com a tendência da reforma psiquiátrica, os atendimentos nos Caps são realizados, predominantemente, em grupos (BRASIL, 2004). Isso acontece devido ao intercâmbio inédito que o grupo proporciona aos seus integrantes, que possibilita a improvisação de novos modos de se relacionar (BRASIL, 20001; LIMA; BOTECA, 2001). Por sua vez, o suporte oferecido aos usuários com transtornos mentais graves, por centros de atendimento diurno, configura o Caps como um local propício para a realização de terapias orientadas, nas quais se inclui a Arteterapia (FERNANDES, 2003; BRASIL, 2004).

O contexto na Unidade de intervenção

Desde o início do funcionamento do Caps de um município do interior de Pernambuco, as atividades em grupo são intensas e diversificadas. O grupo selecionado foi denominado de 'Grupo Viver Bem' pela equipe técnica da instituição. Alguns usuários estão em tratamento há mais de 10 anos: uns, ininterruptamente; outros interromperam, mas retomaram sua participação, o que possibilita que a maioria deles se conheça. Sua frequência no Caps definida pela equipe técnica, é de uma vez por semana nos dois turnos. Em casos de mais necessidade, alguns usuários comparecem e permanecem diariamente na instituição. O número de participantes do grupo varia entre 10 e 15 pessoas, que o frequentam semanalmente, e as sessões duram, em média, 50 minutos. As facilitadoras do grupo são a enfermeira e a psicóloga da instituição, que também recebem apoio dos técnicos da unidade.

Convém enfatizar que a estagiária, autora deste texto, participou ativamente (pesquisa-ação) do grupo por um período de cinco meses, no decorrer de uma sessão semanal do grupo terapêutico.

Os usuários participantes

Os participantes do estágio realizado foram usuários do grupo 'Viver Bem'. Todos apresentam algum tipo de "transtorno mental", com diagnósticos variados, e a maioria é egressa de internação psiquiátrica. Todos recebem tratamento farmacológico gratuito no próprio Caps. Sua faixa etária varia entre 18 a 65 anos de idade, sendo todos adultos, de sexo masculino ou feminino, e pertencentes a estratos sociais de baixa renda.

Implementação das atividades

Inicialmente, durante duas sessões, a estagiária em arteterapia só participou como observadora. No mesmo período, realizou pesquisa, nos prontuários, para conhecer o histórico dos usuários.

No primeiro encontro como terapeuta condutora do grupo, a estagiária conversou com os usuários sobre a arteterapia e convidou-os a expressar seu desejo de participar ou não. Ademais, foi proporcionado um momento de escuta dos usuários sobre os temas que mais lhes interessavam. Foi acordado que o encontro arteterapêutico ocorreria no mesmo dia em que o grupo 'Bem Viver' já se encontrava. Obteve-se o Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes do grupo, em comum acordo com seus familiares.

As atividades foram apresentadas em cada encontro, de acordo com o plano arteterapêutico, e foi mantido um acompanhamento direcionado do início ao fim do processo. As atividades de colagem, pintura, desenho e modelagem foram desenvolvidas durante os encontros para os sujeitos expressarem seus sentimentos e emoções. Dessa forma, a arteterapia pode proporcionar ao indivíduo, por meio do desbloqueio do processo criativo, o autoconhecimento mediado pelas imagens e pelos recursos artísticos, o que os leva a um crescimento individual e coletivo (COSTA; CARLINO; COSTA, 2009).

Nesse contexto, o sujeito pode reconstruir a própria história. Depois de ter contato com suas imagens interiores, pode dialogar com sua sombra e seus complexos, apreender e conviver com suas potencialidades e fraquezas (URRUTIGARAY, 2008).

Os elementos da Natureza também estiveram presentes e foi possível mudar o espaço terapêutico para um ambiente aberto, embaixo de árvores ou externos à instituição.

Figura 1 – Espaço terapêutico ao ar livre



Fonte: Acervo da autora – 2022

Figura 2 – Encontro terapêutico ao ar livre



Fonte: Acervo da autora - 2022

Predominantemente, foram utilizadas técnicas sobre o papel, a saber: colagem, desenho, pintura e escrita. Segundo Philippini (2018), a linguagem sobre um suporte de papel é uma materialidade muito presente no “setting” arteterapêutico. Isso se deve à sua praticidade e ao baixo custo.

Em algumas produções, os usuários utilizaram mais de uma técnica, de forma espontânea, e foram além da proposta arteterapêutica. O sujeito era respeitado quanto à necessidade de se expressar e era livre para construir o seu objeto simbólico. Nessa perspectiva, Philippini (2018) afirma que, muitas vezes, é mais produtivo empregar diversas modalidades de expressão. Cada modalidade, com seus caminhos peculiares, oferece caminhos de transformação específicos. No entanto, em casos raros, apenas uma linguagem expressiva é suficiente para explicar os significados simbólicos importantes.

Em consonância com o modelo teórico junguiano, as atividades dirigidas nos encontros passaram a ampliar o universo significativo dos usuários. Assim, foi possível identificar um sentimento de bem-estar em cada produto artístico finalizado e socializado no momento terapêutico. Isso é denominado de ‘circum-ambulação’, ou seja, caminhar em volta de um eixo constituído pelo símbolo. Em dado momento, o ciclo dos significados simbólicos se completa e pode ser reconhecido por sensações corporais, “insights” e, eventualmente, sentimentos de plenitude e de bem-estar (PHILIPPINI, 2018).

Um dos temas mais recorrentes no universo simbólico dos participantes foi a Natureza, com suas múltiplas formas de percepção, sua necessidade de cuidado, bem como os sentidos que aguçava. Esse processo gradual de desvelamento, consequência da amplificação simbólica, foi materializado com uma atividade final concreta, em

que os usuários e suas famílias plantaram mudas de plantas nativas da caatinga, na área aberta da instituição.

Figura 3 – Atividade final de estágio



Fonte: Acervo da autora - 2022

Figura 4 – Atividade final de estágio



Fonte: Acervo da autora - 2022

Figura 5 – Atividade final de estágio



Fonte: Acervo da autora - 2022

Figura 6 – Atividade final de estágio



Fonte: Acervo da autora - 2022

Resultados

Os/as usuários/as do grupo psicoterapêutico do Caps de um município do interior de Pernambuco participaram dos encontros terapêuticos com bastante dedicação, demonstraram seus sentimentos e expressaram, no campo do inconsciente, vários aspectos por meio das linguagens artísticas. Foram realizadas diversas atividades reflexivas sobre o autoconhecimento, o autocuidado e a socialização. Para isso, foram utilizados materiais variados e estimulado o fortalecimento de vínculo.

Nesse sentido, a arteterapia contribui para o autoconhecimento, desenvolvimento interpessoal e criatividade por meio da utilização de estratégias lúdicas que possibilitam a aquisição de novas habilidades, onde “nos processos de criação artística, o ser humano se objetiva e subjetiva, transformando realidades, criando significados para si e para os outros” (ZANELLA, *et al.*, 2005).

No decorrer dos encontros terapêuticos, também foi possível perceber uma contribuição positiva no tocante a qualidade de vida e autoestima dos participantes. Em consonância, a literatura afirma que a arteterapia apresenta-se como uma prática integrativa e complementar em saúde (PICS), sendo utilizada como estratégia para a prevenção, promoção da saúde e consequente melhoria da qualidade de vida. Quando realizada em grupo, promove identificação com os pares, denotando maior valor para os integrantes comuns, uma vez que grupos requerem “relação entre seus membros, constituição de vínculos e o desenvolvimento do sentimento de pertença” (BRASIL, 2018).

A experiência vivenciada durante o estágio foi apresentada à equipe multiprofissional, aos participantes do grupo e aos seus familiares, visando lhes dar um retorno do trabalho realizado. Foram mantidas em sigilo todas as produções desenvolvidas pelos participantes durante os encontros arteterapêuticos.

Considerações finais

A vivência demonstrou o potencial da arteterapia, enquanto recurso de prática terapêutica, corroborando para a melhoria da qualidade de vida, favorecendo o autocuidado, autonomia e criação de vínculos.

Ademais, destaca-se a importância da ampliação das práticas arteterapêuticas nos serviços de saúde mental a fim de potencializar a autonomia, autoconfiança e a inserção na comunidade.

Referências

BRASIL, Cláudia. **Cores, formas e expressões**. Emoção de lidar e arteterapia na clínica junguiana. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno Atenção Básica - Saúde Mental. N. 34. Brasília, DF: 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_34_saude_mental.pdf. Acesso em: 9 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: MS, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS. Brasília, DF: 2018. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics.pdf Acesso em: 9 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Coordenação Geral de Documentação e Informação. **Legislação em Saúde Mental 1999-2001**. 2. ed. Brasília: MS, 2001.

COSTA, Rosângela Xavier; CAROLINO, Jacqueline Alves; COSTA, Robson Xavier. Cuidar com arteterapia: um caminho para a consciência planetária. **Rev. Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 187, jun. 2009.

FERNANDES, B. S. Grupos em comunidade terapêutica e hospital psiquiátrico. *In*: FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. S. (coord.). **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEAL, E. M. A experiência da violência na rede de assistência à saúde mental. *In*: RAUTER, C.; PASSOS, E.; BENEVIDES, R. (orgs). **Clínica e política: subjetividade e violação dos direitos humanos**. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia, TeCorá, 2006.

LIMA, M. C. P.; BOTEGA, N. J. Hospital-dia: para quem e para quê? **Rev Brasileira de Psiquiatria**, n. 23, Unicamp, Campinas SP, 2001, p.195-99.

PHILIPPINI, Angela. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia**. 2.d. Rio de Janeiro: Wak, 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE. **Portaria SAS/MS nº 224 de 29 de janeiro de 1992**. Disponível em: https://www.saude.mg.gov.br/index.php?option=com_gmg&controller=document&id=836. Acesso em: 9 jan. 2023.
BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html. Acesso em: 9 jan. 2023.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

ZANELLA, A. V. *et al.* Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. **PsicoUSF**, v. 10, n. 2, p. 191-199, 2005. Disponível: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/YkTYQcfPhTCBms466VYTjkt/?lang=pt> Acesso em: 9 jan. 2023.

Recebido: 13/12/2022 | Revisado: 12/01/2023 | Aceito: 14/01/2023 | Publicado: 10/04/2023

2 – A ARTETERAPIA COMO FERRAMENTA DE AUTONOMIA E VOZ NOS PROCESSOS DE INCLUSÃO

*Chaiane Artifon Marcante³
Angélica Shigihara de Lima⁴*

Resumo: O estudo refere-se ao relato de experiência sobre um grupo de arteterapia com adolescentes, desenvolvido em uma escola municipal de um município de pequeno porte, atentando às questões relativas aos processos de inclusão que emergiram da experiência. Assim define-se a relevância do tema, ao compreender a necessidade de ampliar o olhar e espaço de reflexão sobre processos de inclusão efetivos. Nesta direção, este artigo objetiva investigar as possibilidades da arteterapia como meio para promover socialização e autonomia de adolescentes com déficit intelectual, no contexto de inclusão. A metodologia utilizada é o relato de experiência, partindo de recortes do relatório de um estágio final supervisionado, na especialização em arteterapia. Foram realizados seis encontros, com propostas de intervenções expressivas distintas. O levantamento dos recortes, se deu por meio da observação e relatos acerca de um aluno com déficit intelectual e os efeitos do seu processo de inclusão no grupo. Apontam-se como resultados, a possibilidade da arteterapia contribuir para a autonomia, delineando um espaço de livre expressão e manifestação da forma singular de ser, bem como a reflexão acerca das necessidades individuais que se apresentam na coletividade, promovendo um espaço de aceitação, encontro e socialização com a diferença.

Palavras-Chave: Adolescência; Arteterapia; Inclusão.

Art therapy as an instrument of autonomy and voice in inclusion process

Abstract: The study refers to an experience report about a group of art therapy with teenagers, developed in a municipal school in a small city, analyzing the issues related to the inclusion process that emerged from the experience. Therefore, the relevance of the theme is defined by understanding the need of enlarge the perspective and the reflection space about effective inclusion processes. In this way, this article's objective is to investigate the possibilities of art therapy as a means to promote socialization and autonomy of adolescents with mental disabilities, in the context of inclusion. The methodology used is the report of experiences, starting from clippings of the report of a supervised final internship, in the specialization in art therapy. Six meetings were held, with proposals for different expressive interventions. The survey of the clippings took place through observation and reports about a student with a mental disability and the effects of his inclusion process in the group. As a result, the possibility of art therapy contributing to autonomy, outlining a space of free expression and manifestation of the singular way of being, as well as reflection on the individual needs that present themselves in the community, promoting a space of acceptance, encounter and socialization with the difference.

Key words: Adolescence; Art therapy; Inclusion.

El arteterapia como instrumento de autonomía y voz en los procesos de inclusión

Resumen: El texto investigativo utiliza como referencia un relato de experiencia sobre un grupo de arteterapia con adolescentes, desarrollado en una escuela municipal en un pequeño municipio, a partir de temas relacionados con los procesos de inclusión surgidos del trabajo terapéutico. El desarrollo del trabajo enriquece la temática, al incluir la necesidad de ampliar la mirada y el espacio de reflexión sobre los procesos de inclusión efectivos. En este sentido, este artículo tiene como objetivo investigar las posibilidades de la arteterapia como medio para promover la socialización y autonomía de los adolescentes con discapacidad mental, en el contexto de la inclusión. La metodología utilizada es el relato de experiencia, a partir de recortes del informe final supervisado de la pasantía del curso de posgrado de arteterapia. Se realizaron seis reuniones, con propuestas con diferentes intervenciones expresivas. La selección de los recortes se realizó a través de la observación e informes sobre un alumno con discapacidad mental y los efectos de su proceso de inclusión en el grupo. Como resultado se observa la posibilidad de que, la arteterapia, contribuya a la autonomía, delineando un espacio de libre expresión y manifestación de la forma de ser singular, así como la reflexión sobre las necesidades individuales que se presentan en la comunidad, promoviendo un espacio de aceptación, encuentro y socialización con la diferencia.

Palabras clave: Adolescencia; Arteterapia; Inclusión.

³ Especialista em Arteterapia: Processos Simbólicos, pela Universidade de Caxias do Sul/RS. Graduada em Psicologia, pela Universidade de Caxias do Sul/RS. E-mail: chaiane.marcante@gmail.com

⁴ Professora e arteterapeuta – AATERGS 001/0603. Orientadora do trabalho. E-mail: angeshigihara@gmail.com

Considerações Iniciais

Esse artigo parte do desejo de pesquisar e trabalhar sobre os processos de inclusão, em especial no contexto escolar, com o intuito de compreender os processos de inclusão/exclusão a fim de promover vias para que os espaços coletivos sejam de respeito à singularidade e diversidade dos sujeitos. A motivação parte de vivências anteriores com crianças e adolescentes em espaço escolar e dessa experiência, a necessidade de ampliar o olhar e a reflexão sobre os processos de inclusão. Dessa forma, este artigo objetiva investigar as possibilidades da arteterapia como meio para promover socialização e autonomia de adolescentes com déficit intelectual, no contexto de inclusão.

Assim sendo, visa-se no decorrer deste estudo conceituar a adolescência, a fim de delinear as problemáticas de adolescentes com déficit intelectual, perpassando pelas políticas públicas de inclusão e educação inclusiva. Do mesmo modo, apresentam-se as representações sociais em relação aos processos de inclusão, nos contextos escolares, familiares e subjetivos, para então criar aproximações entre a Arteterapia, como meio para promover a socialização e de cidadania dos adolescentes com déficit intelectual. A metodologia utilizada é o relato de experiência, partindo do relatório de um estágio final supervisionado, na especialização em arteterapia.

Para sustentar a pesquisa teórica, serão utilizados recortes do relatório de estágio final em arteterapia, o qual foi realizado numa escola pública de ensino fundamental. O grupo de arteterapia corresponde à uma turma da escola acima referida, localizada num município de pequeno porte, do estado do Rio Grande do Sul. O grupo foi composto por 16 adolescentes, que residem no município e possuem entre 13 e 15 anos. Para a realização dos grupos, foram pensados em encontros que envolveram processos livres e criativos, motivando a expressão e coletividade através de atividades artísticas diferenciadas.

Na primeira parte deste trabalho, será tratado sobre a adolescência, a partir do olhar da psicologia sócio-histórica, que busca compreender o sujeito a partir de suas condições sociais, econômicas e culturais. Nesse sentido, levantam-se aspectos em relação às implicações da travessia da adolescência, para jovens que possuem déficit intelectual. O estudo segue abordando as políticas públicas de inclusão e educação inclusiva, tendo em vista que o artefato que ilustrará a pesquisa ocorre no contexto escolar. Na sequência dos delineamentos teóricos, são feitas costuras entre a Arteterapia como um meio de promover socialização, pensando em sua possibilidade de promover a autonomia e socialização dos adolescentes com déficit intelectual. O artigo prossegue com o relato das intervenções arteterapêuticas realizadas, avançando para as discussões e reflexões emergentes, em consonância com os aspectos teóricos apresentados. Por fim, explanam-se as considerações finais.

Referencial Teórico

A adolescência e as problemáticas de adolescentes com déficit intelectual

A perspectiva sócio-histórica, fundada por Vigotski (1896-1934), propõe que para compreender os processos dos fenômenos psíquicos, faz-se necessário pensar na análise do processo e não do produto final, sua teoria, que parte dos princípios filosóficos do materialismo histórico e dialético, considera as interlocuções entre natureza e cultura. Assim o desenvolvimento do homem se constitui diante da unidade dialética desses dois campos (TOMIO; FACCI, 2009).

Na adolescência, a principal atividade passa a ser a aproximação com os pares, o jovem passa a ocupar uma nova posição social, com novas cobranças e posicionamentos (TOMIO; FACCI, 2009). Ressalta-se que a adolescência possui características do desenvolvimento e passagens semelhantes em diferentes contextos e culturas, no entanto, as determinações sociais, econômicas e culturais em que o sujeito estará inserido apresenta variáveis que influenciarão diretamente na travessia dessa fase da vida, entre o ser criança e vir a ser adulto (SALLES, 2005). Nessa fase da vida, compreendida entre os 12 aos 18 anos, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), perpassam intensas modificações nos corpos e estilos de vida, que antes eram infantis. O meio social passa a não permitir que o jovem aja como criança e nesse processo o adolescente passa a ter uma opinião mais definida em relação aos fenômenos que o cercam.

Bastos e Deslandes (2009) sustentam que há um imaginário social em torno da adolescência, que pressupõe características dessa etapa do desenvolvimento, vistas como fundamentais para que o sujeito seja compreendido como adolescente. Para adolescentes com déficit intelectual, que não possuam outras comorbidades, a puberdade dá-se no mesmo período, no entanto, geralmente podem apresentar-se comprometimentos no desenvolvimento psicossocial, que influenciado por fatores ambientais e culturais, trazem prejuízos na participação de atividades do dia a dia (BASTOS; DESLANDES, 2009).

A elaboração da identidade pessoal é influenciada pelo contato com pessoas da mesma faixa etária, portanto o convívio social é imprescindível nesse período, a fim de permitir que os adolescentes com déficit intelectual sejam socializados com os pares. Esse contato, por muitas vezes, não é estimulado nos espaços em que o adolescente está inserido, e consequentemente os adolescentes com déficit intelectual acabam utilizando menos recursos comunitários disponíveis, desenvolvendo menos suas habilidades sociais (BASTOS; DESLANDES, 2009). Assim cabe pensar no que apresenta Neves (2000), ao sustentar que há uma histórica descrença que impossibilita o sujeito criança/adolescente a participar de grupos comuns, sendo expostas à uma

educação de segregação que reforça os estigmas excludentes aos quais sempre estiveram sujeitas (NEVES, 2000). Em consequência, o adolescente com déficit intelectual é impedido de experienciar vivências que contribuiriam para a travessia dessa fase da vida, e assim, permanece sendo visto de forma infantilizada, impossibilitado de seguir com seu desenvolvimento integral.

Para pensar em processos inclusão, é preciso pensar em ir além: dos rótulos, dos olhares, do que aprisiona. É preciso romper com o olhar que normatiza, exclui e rejeita o diferente. Incluir é pensar o outro na singularidade, na potência. Pois, é na particularidade de cada detalhe que nos diferenciamos. E nas múltiplas formas de ser, que somos - quem somos. Bisol e Valentini (2011) apresentam que “se a norma não fosse excludente, não haveria motivos para se falar tanto em inclusão”, assim, considera-se um dos caminhos que torna essa pesquisa relevante, ao constatar necessidade de construir novas práticas e possibilidades relacionadas à essa temática, que considerem os sujeitos em sua singularidade.

Políticas Públicas e de Educação Inclusiva

Ao pensar nas relações de exclusão/inclusão, logo se pensa em ideia de espaço, de estar ou não inserido, numa suposta fronteira (SKLIAR, 2001). Perceber quais são essas fronteiras é complexo, pois as fronteiras da exclusão “aparecem, desaparecem e voltam a aparecer, se multiplicam, se disfarçam: seus limites se ampliam, mudam de cor, de corpo, de nome e de linguagem” (SKLIAR, 2001, p. 12). Portanto, compreender as apresentações e esses processos dentro do contexto escolar é sempre necessário, atual e pode promover importantes reflexões, para aprimorar práticas e atuações.

Lourenço e Santos (2017) afirmam que “entender a deficiência é um valor universal. Entender as diferenças, é o primeiro passo para o processo de inclusão educacional” (p. 4). Portanto, a inclusão não é apenas dar lugar ao diferente, pois esses sujeitos sempre possuíram seu lugar, mesmo quando recusado por parte da sociedade (LOURENÇO; SANTOS, 2017). Possibilitar que a inclusão seja posta em prática, implica em ir além de paradigmas, impostos e reforçados através dos tempos. E para que esse processo possa acontecer, é imprescindível conhecer e discutir sobre a temática e as políticas públicas envolvidas na garantia de espaços inclusivos e plurais.

O contexto educacional brasileiro, apresenta propostas para uma educação inclusiva, como desafio aos agentes envolvidos neste espaço, em todos os níveis escolares (VIEIRA, 2017). Com a Lei 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), foram estabelecidas regulamentações com intuito de garantir a oferta do atendimento educacional aos alunos de educação especial, na escola regular, destacando que a educação especial é uma modalidade que perpassa todos os níveis de ensino, além de todas as modalidades (BRASIL, 1996). A LDB 9394/96, representa um avanço significativo para as pessoas que fazem parte da educação especial, ao considerar que é por meio da LDB que se passou a desenvolver formas de implementação da educação inclusiva e atendimento educacional especializado (DARGO, 2011). Assim, garante-se às pessoas com e sem deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, sem diferenciação o ingresso e permanência nas escolas e nas salas comuns de educação. Do mesmo modo, os avanços legais visam promover a cidadania e a condição humana das pessoas com deficiência (DARGO, 2011).

Outro avanço que se destaca, ocorre com a promulgação da Lei nº 13.146, Lei Brasileira de Inclusão de pessoas com deficiência, sancionada no ano de 2015. A lei mencionada, garante que todas as escolas, públicas e privadas, devem garantir ações visando a inclusão de pessoas com deficiência, com o intuito de garantir o direito de acesso e permanência na escola, com o intuito de promover inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015). Portanto, é necessário considerar a pluralidade de sujeitos que compõe a escola, permitindo que se cumpra o que é estabelecido pela legislação (Constituição Federal de 1988 e Lei 9.394/1996), no que diz respeito à educação ser um direito de todos, pautada no princípio da igualdade de condições para acesso e permanência.

Em contraponto com os avanços legais, deve-se pensar sobre a reestruturação dos responsáveis por esse processo de inclusão dos alunos na escola regular (VIEIRA, 2017). Esse movimento deve ocorrer para que não seja reforçado, no contexto escolar a lógica de segregação e exclusão, já comumente encontrada em outros espaços sociais. É nesse espaço de reflexão, que a arte vai ao encontro da proposta inclusiva, como um potente instrumento que visa a inclusão social, podendo desenvolver aprendizagens para além da comunicação verbal, permitindo que todos possam expressar nesse espaço coletivo o que pensam e o que sentem (VIEIRA, 2017). Por meio da atividade artística, envolvem-se diferentes habilidades de uso da cognição para “alterar, renovar, combinar o aspecto de vida, da experiência acumulada. Implica em sentir o mundo com vitalidade e fazer um novo uso do que se percebeu” (VIEIRA, 2017, p. 144).

É nesse campo que a arteterapia se enlaça, trilhando um caminho com a educação, e no que diz respeito a esse estudo, com a educação especial. Ao conhecer e explorar os recursos arteterapêuticos, abre-se um campo para que os alunos com déficit intelectual tenham experiências de autoconhecimento, o que poderá auxiliá-los nos processos de desenvolvimento, ensino-aprendizagem e inclusão educacional (LOURENÇO; SANTOS, 2017).

A arteterapia

A arte representa um papel importante, tanto na sociedade quanto na cultura, desde os períodos mais remotos até nosso contexto contemporâneo. As manifestações artístico-culturais apresentaram-se como a forma de expressão permanente, que atravessa os tempos, não há civilização sem expressão artística (VIEIRA, 2011). É a arte a base do processo terapêutico proporcionado pela arteterapia. Essa prática, arteterapêutica, possibilita a

abertura de novos horizontes, ampliação da consciência sobre si e sobre a existência, por meio da expressão simbólica, de forma espontânea e despreocupada com a estética (UBAAT, 2020).

A arteterapia é uma área de conhecimento que emerge da transdisciplinaridade, entrelaçada por diferentes campos do saber (PHILIPPINI, 2009), sendo esses campos a psicologia e a arte, mas considerada disciplina com metodologia específica, “dotada de um saber próprio” (BERNARDINO, 2009). Pode ser compreendida como a arte aplicada aos processos terapêuticos, bem como processos como arte que visa possibilitar a autonomia criativa desenvolver a comunicação e a valorização da subjetividade, através da livre expressão (PHILIPPINI, 2009; VALLADARES, 2009). Por meio da arte, podem ser encontradas diferentes formas de comunicação e oportunidades de expressar-se, favorecendo assim a socialização e desenvolvimento integral das pessoas com ou sem deficiências (VIEIRA, 2011). O fazer arteterapêutico, um fazer criativo, torna-se assim em essência transdisciplinar, podendo assim ser potente no trabalho com grupos e com a coletividade. No encontro com o fazer criativo, são mobilizadas mudanças no mundo interno e em consequência, com o mundo externo e contexto em que os sujeitos estão inseridos (PHILIPPINI, 2009). A arteterapia coloca-se assim como um campo imenso de possibilidades e aplicabilidades, mostrando-se potente em diferentes contextos, como o contexto escolar, abordado nessa pesquisa (PHILIPPINI, 2009).

Ao pensar no processo de adotar, a arteterapia traz contribuições relevantes, uma vez que o trabalho arteterapêutico possibilita por meio da fantasia, dos sonhos e da linguagem corporal, permitem a expressão das emoções de uma forma mais saudável, favorecendo o desenvolvimento e a resiliência dos adolescentes (WOSIACK; SANTOS, 2013). Faz-se possível, a partir do processo criativo, criar um caminho inspirador, que viabiliza entrar em contato com formas de acreditar, desafiar e reconstruir vivências (WOSIACK; SANTOS, 2013). Nessa direção, a arteterapia encontrou campo fértil no trabalho junto a pessoas com déficit intelectual. Ao trabalhar com arteterapia, o profissional permite ao sujeito atendido, que se encontre com diversificadas linguagens artísticas, com foco para o processo expressivo-criativo. Na vivência arteterapêutica, o sujeito encontra nos materiais expressivos uma instrumentalização para expressar-se, sobre seus sonhos, desejos e afetos, o que permite um processo de reconstrução e transformação (VALLADARES, 2009).

Ao ser inserida nas práticas de educação inclusiva, a arteterapia cria vias para trabalhar com o aluno com déficit intelectual através de outras formas de expressão, que avançam além da linguagem escrita e assim, permite novas formas de crescimento pessoal. Entre os pontos apontados acima, a arteterapia no processo inclusivo, possibilita os educadores e profissionais inseridos nesse contexto, a buscar meios de estimular a criatividade, criando espaço para que alunos com déficit intelectual possam fazer descobertas de socialização e confiança (LOURENÇO; SANTOS, 2017).

Espaço e Participantes

O grupo arteterapêutico abordado neste trabalho, foi realizado numa escola municipal de ensino fundamental, de cidade de pequeno porte, no Estado do Rio Grande do Sul. O grupo foi formado a partir da demanda do local, com o intuito de trabalhar os relacionamentos na turma indicada. A turma era composta por 16 alunos, sendo sete adolescentes do sexo feminino e oito do sexo masculino.

O grupo iniciou em outubro e encerrou em dezembro de 2020, a partir da oferta do estágio em Arteterapia na instituição referida. Inicialmente, percebeu-se receio da turma quanto à indicação para a realização do trabalho, com muitos questionamentos e falas sobre perceberem-se como uma turma difícil. A condução das atividades foi realizada por uma facilitadora, graduada em Psicologia, concluinte da especialização em Arteterapia: Processos Simbólicos.

Com o decorrer dos encontros, foram utilizadas diferentes intervenções e materiais. Foram ao todo seis encontros, semanalmente, com o objetivo de trabalhar as questões que emergiram da turma. No decorrer dos encontros, pode-se perceber que as questões em relação à aceitação da diferença eram latentes entre os adolescentes, especialmente no que diz respeito aos processos de inclusão, que se apresentavam em relação aos colegas com déficit intelectual. Para construção e ilustração deste estudo, focalizou-se em um sujeito presente na turma, tendo em vista os efeitos do processo de arteterapia observados em sua relação consigo e com os demais. Aqui, a pessoa será nomeada Estrela, a fim de manter o sigilo profissional. Estrela tem 13 anos, está na turma há alguns anos e possui déficit intelectual, com um comprometimento na linguagem verbal. As temáticas dos encontros foram sendo organizadas conforme os conteúdos emergentes em cada encontro, com o objetivo de trabalhar o autoconhecimento, comunicação, socialização e relação entre os jovens.

Relatos

O primeiro contato para o início do trabalho como grupo de arteterapia, foi com a gestão da escola. Na sequência ocorreu o primeiro contato com o grupo de adolescentes. As intervenções arteterapêuticas foram sendo pensadas no intuito de reconhecer e trabalhar com as demandas que emergiam à cada encontro no grupo. Seguem abaixo, o relato das propostas de cada encontro.

Encontro 01: Escolha de figuras, individualmente. Após, será solicitado que se organizem em trios, sem que sejam as pessoas com quem trabalham frequentemente. Deverão criar uma história nos trios, sobre as imagens. Na sequência, os pequenos grupos irão compartilhar para o grupo as suas histórias (todos integrantes deverão falar

algo). Para encerrar, novamente em grupos, deverão buscar relações das histórias com suas vivências/vidas: representando através de falas, palavras, situações.

Encontro 02: Primeiro momento: Mover-se pelo espaço livremente, fazendo a ocupação. No segundo momento: todos deveriam imaginar-se num barco, que estava navegando. Ao pausar a música, era um momento de turbulência, todos precisavam espalhar-se para que o barco conseguisse equilibrar-se. Repetidas vezes, até que houvesse uma ocupação uniforme do espaço. Terceiro Momento: Escultura com o corpo. Todos deveriam mover-se ao som da música. No momento em que a música parar, todos devem unir-se, fazendo uma escultura/estátua, porém, sem tocar nos demais. Por fim, no quarto momento: painel coletivo. Com 4 metros de papel pardo, canetinhas e canetões, os jovens são convidados a representar os momentos de movimento e como percebem a coletividade.

Encontro 03: Acolhimento em roda, após cada um receberá um balão. O balão deverá ser inflado, calmamente. A proposta é que no balão deve ser deixado uma situação difícil, de angústia ou tristeza. Após esse momento, serão convidados a circular pela sala, movimentando-se com o balão, seguindo o ritmo da música. Exploração dos sons do balão, formas de conduzir. No sinal, os balões serão jogados para cima e trocarão uns com os outros, cuidando para que nenhum caia no chão. Logo após, serão convidados a escrever um sentimento que tenha surgido no balão que foi pego. Movimentos livres com o balão já escrito. Por fim, trocarão outra vez, jogando para o alto. Assim que tiverem trocados, será feita uma roda, um por vez realizará uma mímica, a fim de apresentar o sentimento escrito no balão, enquanto os demais buscarão adivinhar qual é o sentimento. No final, todos juntos estourados balões. Reflexões sobre a prática.

Encontro 04: Desenho: do que eu preciso? Sensibilização com imagens de diferentes faixas etárias. Questões: O que cada faixa etária precisa? O que diferencia cada uma delas? O que cada pessoa precisa é igual? Após, formação de três grupos, sorteado aleatoriamente. Em cada grupo, haverá os materiais disponíveis para responderão ao questionamento: Do que eu preciso? Individualmente.

Encontro 05: Círculo com todas as imagens do encontro passado: Do que eu preciso? Conversa sobre as impressões. O que fez pensar? O que mais surgiu? Proposta de transformação do que foi produzido no último encontro, fazendo uma escultura coletiva com as produções individuais. Encerramento com as observações do que foi produzido juntos.

Encontro 06: Cada um receberá uma folha dobrada em três partes. Em cada uma das partes, será feita a representação: Como estava o grupo? Como foi a experiência? Como está neste momento? Após, serão relatadas as experiências e as produções. O trabalho será realizado no grande grupo.

Discussões

Um dos aspectos que trouxeram à tona essa pesquisa, diz respeito a percepção da potência da arteterapia, em promover a socialização, no trabalho grupal em contexto escolar, de sujeitos com deficiência. Para poder delimitar o estudo, focalizou-se no déficit intelectual, tendo em vista que o caso utilizado para a ilustração, possuía essa determinação diagnóstica. Portanto, o delineamento teórico estruturou-se na mesma direção.

Pode-se perceber que, apesar da demanda inicial da instituição ser direcionada para a questão da disciplina da turma, ao indicar o trabalho com esse grupo de adolescentes, os desafios em aceitar, acolher e socializar os colegas em suas diferenças era uma questão central. A exclusão ocorria para além da não inserção de Estrela no grupo, mas também nos discursos dos adolescentes. Neves (2000) sustenta que há uma descrença faz com que as pessoas com déficit intelectual sejam segregadas e tenham seus estigmas excludentes reforçados. Essa segregação ocorre também dentro do espaço escolar, mesmo que haja uma proposta de educação inclusiva. Assim, as práticas do grupo arteterapêutico foram na direção de promover um espaço de acolhimento da diversidade e expressão livre de cada um, compreendendo que cada sujeito possui um tempo e desenvolvimento, bem como a necessidade de ser respeitado dentro desse aspecto.

No decorrer dos encontros, Estrela foi interagindo gradativamente com a arteterapeuta e colegas, movimentava-se e nos momentos que era necessário, concentrava-se. Possuía uma dificuldade marcante na linguagem verbal, mas comunicava-se pelo olhar e pelo movimento, mostrava-se alegre por estar junto com os demais. Pode-se supor que uma marca do grupo para Estrela e os colegas, foi o fato de que nesse momento, suas atividades não eram diferenciadas e nem acompanhadas por sua monitora de educação especial. Ele cumpria, em seu tempo e a seu modo, as propostas de intervenção, marcando uma diferença em relação ao espaço de sala de aula, o que possibilitou um novo olhar para Estrela, enquanto parte do grande grupo.

Recortes e costuras

“Não precisa entregar para ele, ele não consegue... não entende”.

Essa ideia surgiu inúmeras vezes, em enunciados diferentes, por parte dos demais colegas ao referir-se à Estrela, principalmente no primeiro encontro do grupo arteterapêutico com adolescentes. A partir da teoria histórico-cultural do desenvolvimento, compreende-se que os adolescentes possuem potencialidades e condições cognitivas, fisiológicas e afetivas como os adultos, condições essas que poderiam permitir que avancem além do que fazem, por serem impedidos pelos condicionantes histórico-sociais (TOMIO; FACCI, 2009). Nesse sentido, salienta-se que essa ausência de credibilidade na potência do sujeito adolescente, é acentuada em sujeitos com déficit intelectual. Ao apresentarem-se falas como essa no grupo, a facilitadora convocava a todos pensar sobre as falas, afinal, não havia delimitação de certo ou errado para a proposta, mas sim, de que cada um fizesse à sua maneira, dentro das suas possibilidades, ou seja, todos conseguiram fazer algo com o material disposto e isso que importava.

No primeiro encontro, Estrela esteve presente, sem a companhia de sua monitora de educação especial. Aguardou a chegada da facilitadora na porta da sala, enquanto todos eram encaminhados para o auditório. Olhava timidamente e caminhou até o auditório sozinho, sem a companhia do grupo. Neste encontro, a vivência buscava relacionar imagens variadas com as histórias de vida e a proposta foi organizada em trios. Os jovens logo se organizaram livremente por afinidade. Estrela ficou entre três alunos que não foram chamados para outros grupos. Permaneceu juntamente com seu grupo e escutou atentamente às orientações. Enquanto a dupla que o acompanhava trocava ideias sobre suas imagens, Estrela chegou próximo a facilitadora, solicitando um papel e uma caneta. Os colegas mostravam-se impacientes com Estrela.

“Estrela pediu uma caneta e um papel, enquanto os colegas estavam criando as relações das histórias com suas vivências. Desenhou a sua mão, me chamou para mostrar”.

Ao ter consigo os materiais, Estrela retornou junto a seu grupo e mesmo questionado sobre o que estava fazendo, manteve-se concentrado. Colocou sua mão no papel, contornou e sinalizou para a facilitadora o que havia feito. Naquele momento, encontrou uma forma de dizer sobre si. Deixou uma marca, mesmo que não junto aos colegas, sobre algo seu e feito por si. Ao ter uma resposta afirmativa em relação ao que havia feito, demonstrou uma reação de alegria e mostrou aos demais sua produção. Lourenço e Santos (2017) afirmam que no campo da educação especial, a arteterapia abre a possibilidade para que os alunos com déficit intelectual possam experimentar o autoconhecimento e expressar-se. Estrela nesse momento, fez-se presente, encontrou uma forma além da oralidade para falar de si, com os recursos presentes. No momento da apresentação das histórias, Estrela foi convidado a mostrar a sua produção, e os colegas, a observarem a forma de Estrela de falar de si. A escuta do outro vai além da oralidade, necessita entrar no campo da sensibilidade, para acolher todos os sujeitos na sua singularidade.

“Os demais, foram timidamente se movimentando. Estrela chamou-me para me movimentar com ele, envolvendo-se na atividade de movimento”.

No segundo encontro, Estrela aguardava pela facilitadora sorridente, despediu-se da monitora e seguiu até o auditório. Nesse dia, foi proposta uma intervenção com movimentos, de ocupação do espaço. No primeiro momento, Estrela chamou a facilitadora para movimentar-se com ele, enquanto os demais interagiam entre os pares. A identidade pessoal é construída e influenciada a partir do contato com as pessoas da mesma faixa etária e, portanto, o convívio social é imprescindível (BASTOS; DESLANDES, 2009).

Com o recorte deste momento, percebeu-se que Estrela era privado pelos pares, da socialização e convívio. Pode-se criar a hipótese que diariamente, sua interação é direcionada à monitora de educação especial e nesse momento do grupo arteterapêutico, Estrela direciona a interação para a facilitadora do grupo. No entanto, o contato entre os jovens deve ser estimulado nos espaços em que os adolescentes com déficit intelectual estão incluídos, para que possam fazer uso dos recursos comunitários disponíveis para desenvolver suas habilidades sociais entre os pares (BASTOS; DESLANDES, 2009). Assim, no segundo momento, a facilitadora solicitou que ao parar a música, todos se unissem, formando uma só escultura com o corpo. Aos poucos, todos se aproximavam, riam e brincavam com a proposta. Estrela observava atentamente e unia-se às esculturas feitas pelos colegas.

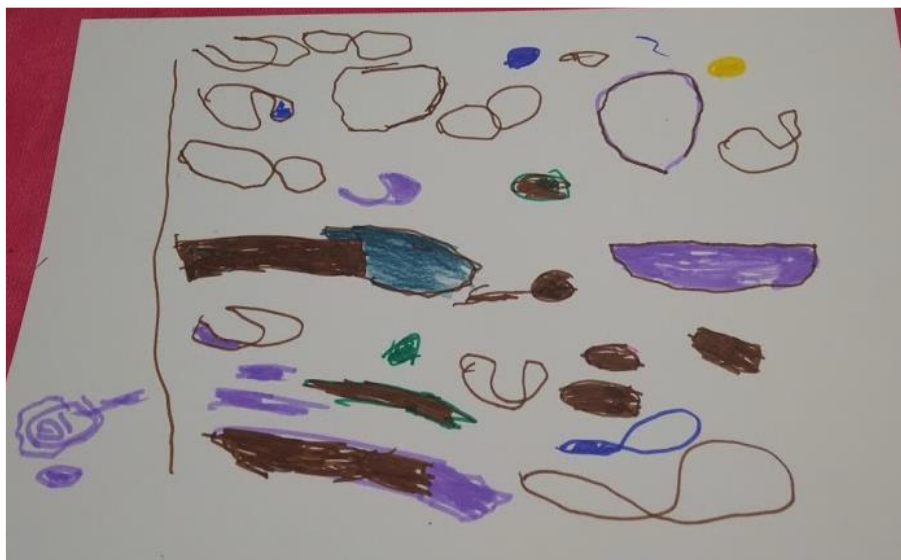
A cena relatada acima, demonstra que pequenos movimentos podem ser inseridos na convivência ao atuar com grupos, atentando aos processos de inclusão. Ao utilizar a arteterapia no trabalho com pessoas com deficiência, busca-se oferecer condições para o sujeito criar e transformar o seu espaço, apostando no seu potencial. O processo arteterapêutico pode permitir a liberdade de agir e o respeito à dignidade humana, colocando-se como provedora para a inclusão social. Deve, nesse campo, promover reflexões sobre o potencial humano, afinal, em diferentes medidas, todos seres humanos apresentam limitações e dificuldades (LOURENÇO; SANTOS, 2017).

“Estrela demonstrou autonomia na realização da tarefa. Os colegas que ficaram em seu grupo também interagiram bem com ele, diferente de outros momentos no grande grupo”.

Esta observação ocorreu no encontro em que a temática do grupo tratou sobre as necessidades de cada um: em relação à contextos, faixas etárias e necessidades individuais. O grupo foi convidado para representar a resposta à pergunta: *“do que eu preciso?”*.

A facilitadora organizou um sorteio para distribuir a turma entre os três espaços com os materiais disponíveis para a realização da proposta. A produção era livre e o grupo concentrou-se na execução. Durante a proposta, houveram comentários que afirmavam que Estrela não saberia desenhar. No entanto, Estrela atentou-se às orientações, seguia elaborando seu trabalho, alternando cores e sinalizando para os colegas próximos o que estava criando, como pode ser visualizado em sua produção (Figura 1).

Figura 1 - Intervenção: Do que eu preciso? Produção de Estrela



Fonte: Acervo pessoal.

Philippini (2009) aponta que a arteterapia almeja possibilitar a autonomia criativa, valorizando a subjetividade através da livre expressão. Em consonância com o primeiro momento, a intervenção do encontro relatado acima criou vias para que o grupo pudesse pensar nas necessidades de cada um, bem como, de dar um espaço para que Estrela pudesse também expressar sua resposta, com autonomia. Sua expressão era de alegria enquanto fazia sua ilustração, chamava a facilitadora para que observasse, bem como os colegas que incentivavam o seu feito. A arte viabiliza que novas formas de comunicação sejam encontradas, favorecendo a socialização das pessoas com deficiência (VIEIRA, 2011). Esses momentos, de expressão e interação, vão fazendo marcas sobre o lugar que cada um ocupa na coletividade e abrindo espaço para o respeito e a aceitação das diferenças.

“A dificuldade de inclusão dos colegas foi notória, sendo que os colegas inclusos foram os que foram escolhidos por último. No momento de escolhê-los, as pessoas que estavam escolhendo hesitavam, com olhares sobre os colegas, que demonstravam não haver interesse em chamá-los”.

Neves (2000) apresenta que a educação prevalece a ideia de segregação, uma infantilização do atendimento, independente da condição que o aluno possua. Assim, mesmo que a participação social do aluno fosse possível, acabam sendo segregados, mantidos numa posição de exclusão. Este processo de segregação foi ilustrado na situação descrita acima. Apesar de ter havido, no encontro do grupo arteterapêutico anterior, diálogo e uma convivência harmoniosa entre o grupo, este encontro novamente foi marcado pela não aceitação da diferença, segregando Estrela e demais colegas que apresentavam dificuldades em suas aprendizagens. Essa descrença na capacidade de pessoas com deficiência, atravessa os muros da escola e a sociedade, impossibilitando o sujeito a participar de grupos comuns, que reforçam os estigmas excludentes (NEVES, 2000).

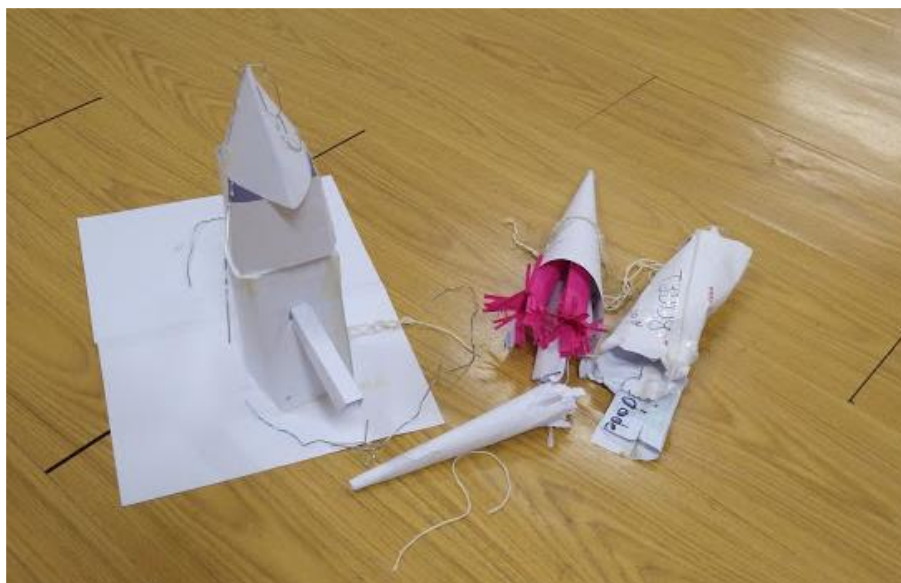
Estrela foi chamado para um dos grupos. A proposta era produzir uma escultura, coletivamente, com as produções do encontro anterior: representações da pergunta: *“do que eu preciso?”*. Além dos desenhos de cada um, estavam disponíveis clips, fitas, tesouras e barbantes. Os grupos foram trabalhando na escultura. Determinados adolescentes assumiram uma postura de liderança, determinando o que seria feito. Algumas falas da facilitadora, visavam questionar se todos vinham sendo ouvidos e participativos na escultura. Ao encerrar o

trabalho plástico, os pequenos grupos foram chamados para colocar suas produções no centro da roda de cadeiras, unindo então as três esculturas numa única escultura coletiva.

“Houveram muitas manipulações nos clips e barbantes, principalmente por parte dos que não eram incluídos na produção da escultura: amarrações, montagens com os arrames. Em alguns momentos, os que iam produzindo questionavam se poderiam pôr em algum lugar”.

Estrela foi um dos adolescentes que, nesse momento, permaneceu manipulando um *clip* metálico de papel. Ao convidá-los para unir as produções, foram trazendo e organizando, no entanto, alguns se opuseram a unir com as demais. Estrela entregou à facilitadora um arranjo de *clips* que havia produzido, sinalizando que era para colocar juntamente com os demais. A facilitadora, solicitou para que ele mesmo colocasse no local que deseja sua produção, colocando-a no centro do trabalho exposto, conforme figura abaixo (Figura 2).

Figura 2 - Escultura coletiva



Fonte: Acervo pessoal.

Ao refletir sobre a produção, Estrela questionou, através de poucas palavras que pronunciava e gestos, se sua produção estava com as demais. A facilitadora mostrou que sim, outra produção havia ficado sobreposta. Estrela foi até o centro da roda, ergueu sua produção, mostrando a todos o que havia produzido e colocando novamente em destaque. Retornou, sorriu e agradeceu à facilitadora por sua produção estar com as demais. O trabalho arteterapêutico com alunos com deficiência, deve buscar reconhecer suas habilidades e potencialidades, sem privá-las de conviver em sociedade, tirando o sujeito do rótulo de incapacitação inabilidade (LOURENÇO; SANTOS, 2017). Esse momento relatado acima, gerou uma reflexão sobre a proposta do trabalho, de inserir o que cada um precisava, coletivamente, em forma de escultura. Todos puderam falar? Ao falar, todos foram verdadeiramente ouvidos? Entre as questões, um(a) colega apontou que haviam deixado a produção de Estrela de fora, mas ela fazia parte da escultura da turma.

Todo o ser humano tem a possibilidade de aprender, independentemente de seu déficit ou não, e nessa direção a arteterapia pode fornecer meios para que a desenvolvimento e socialização aconteçam, mobilizando a integração desses sujeitos no meio social ao qual pertencem, havendo uma melhor perspectiva na construção da acessibilidade, escuta e olhar para a diferença (LOURENÇO; SANTOS, 2017). A alegria de Estrela por ver-se junto aos demais, representa a importância de fazer parte do processo da turma, caminho que foi viabilizado a partir do trabalho com o grupo arteterapêutico. Do mesmo modo, a partir das reflexões, a turma foi dando-se conta de processos de exclusão que reproduz de forma automática, podendo pensar sobre as ações e fomentar um caminho de maior aceitação e convivência com as diferenças.

O fechamento da atividade com o grupo ocorreu no sexto encontro e neste, Estrela não esteve presente. No entanto, no decorrer dos encontros constatou-se uma abertura para pensar sobre os aspectos individuais de cada um e respeitar apresentadas na singularidade. O grupo era diverso, em personalidade, idade, características e formas de aprendizagem. Em muitos momentos essas questões emergiram e foram trabalhadas coletivamente. Wosiack e Santos (2013), sustentam que a arteterapia contribui, por meio do trabalho com a fantasia e linguagem corporal para que as emoções sejam expressas de modo mais saudável, favorecendo o desenvolvimento e resiliência dos adolescentes. Observa-se que desse modo ocorreu o processo do grupo de arteterapia, à medida

que os adolescentes sentiam o ambiente do grupo seguro para se expressar, o faziam, refletindo sobre as questões que emergiam, em torno da convivência, relacionamento, aceitação de si e do outro.

Considera-se relevante pontuar que nessa fase da vida, os adolescentes estão passando por uma travessia, que implica em se (re)conhecer em um corpo que se transforma e uma função social que exige novas habilidades. Observou-se que por vezes, sustentar o discurso que apontava a fragilidade no outro, proporcionava um afastamento de suas próprias fragilidades. Há um receio do julgamento pelos pares, que perpassava os encontros e as reflexões. Assim, as intervenções em arteterapia contribuíram também para olhar para si e suas necessidades, para então ampliar o olhar para o campo coletivo.

De modo geral, as práticas arteterapêuticas promoveram um espaço de acolhimento, da diversidade e promoveram a expressão livre de cada um, por meio de imagens, movimentos, desenhos, olhar e escuta sensível. Igualmente, acolheu a turma indicada para o trabalho, mostrando que possuíam capacidades, para além da forma rotulada que se enxergavam em relação à escola. Nas primeiras definições a turma era caracterizada como difícil de se trabalhar, na qual outras iniciativas não surtiram efeitos. Essas afirmações, tanto por parte da escola, como por parte do grupo ao longo dos encontros, permitiram pensar no emaranhado que acompanha o fortalecimento e manutenção dos processos de exclusão. Esses enunciados, acabam por anular a possibilidade de ressignificação sobre aqueles sujeitos e, de certo modo, a socialização do grupo e dos indivíduos dentro do contexto escolar. E essa conjuntura, vai se acentuando nas micro relações, como as observadas no núcleo da turma que participou do grupo de arteterapia. Nesse campo, a arteterapia se mostra fecunda, por seu caráter inventivo e criativo, que convida a refletir e se permitir à novas experiência e novos olhares.

Considerações Finais

Atuar com os atravessamentos da educação inclusiva e processos de inclusão, é desafiador. Viabilizar e promover uma reflexão acerca dos processos de exclusão já instituídos e a descrença na potencialidade dos sujeitos com deficiência, se torna de início provocador. E nesse campo, a arteterapia se mostra fértil, uma vez que fomenta uma prática pautada na expressão singular, única e sem formatação. Vai além de aprender algo e dessa forma, pontua que todos podem se colocar igualmente nesse espaço, de forma horizontal.

Ao pensar na especificidade do processo grupal em relação à socialização de Estrela, destaca-se como a arteterapia permitiu que ele se colocasse como sujeito naquele espaço, realizando suas escolhas, encontrando vias para ter sua voz validada diante do grupo. Do mesmo modo, ao estar sem acompanhamento exclusivo de outro profissional no espaço do grupo arteterapêutico, viabilizou-se uma interação maior com os pares e maior interação de Estrela com os pares. Esse percurso foi notável à medida que os discursos dos primeiros dois encontros, de que Estrela não seria capaz, não mais se apresentaram ao longo dos encontros. Conclui-se que a arteterapia mostrou-se uma via eficaz para construir um espaço de livre expressão, escolha e manifestação da forma singular de ser, promovendo a autonomia da pessoa com deficiência.

A partir dos encontros, observou-se a expressão das emoções dos adolescentes a partir das experimentações arteterapêuticas, momentos em que se depararam com contradições, idealizações e angústias, que foram representadas tanto de forma verbal, como não verbal. Assim sendo, pode-se inferir que a arteterapia contribuiu para que o grupo externalizasse suas necessidades individuais e pudesse refletir sobre as necessidades individuais e coletivas, abrindo um espaço para a aceitação, encontro e socialização com a diversidade de ser. Pensar na pluralidade de recursos expressivos foi fundamental, para que cada sujeito encontrasse vias, em algum determinado momento para apropriar-se das situações vivenciadas, ampliar a consciência e transformar, em alguma medida, o espaço de convivência no contexto em que se encontravam.

Cabe pensar acerca da limitação do tempo para a realização da prática, que ocorreu em forma de intervenção breve. Esse fato, não proporcionou um aprofundamento no trabalho em torno das questões apontadas, podendo-se supor que este trabalho a longo prazo poderia provocar efeitos mais duradouros e significativos. Foi notável a potência da arteterapia nesse espaço, para que a partir das reflexões emergentes, pudesse contribuir na transformação e ressignificação das vivências nos espaços individuais e coletivos, auxiliando a promover um contexto efetivo de inclusão.

Por fim, salienta-se que o percurso entre experiência e aprofundamento no estudo, enriqueceram a profissionalização da facilitadora, enquanto psicóloga e arteterapeuta em formação. Lidar com os desafios do trabalho grupal unido aos desafios de atuar, enquanto arteterapeuta, nos processos de inclusão, convidou a descobrir novas formas de ser, ouvir e estar presente, bem como sustentar uma postura continente e acolhedora às demandas distintas que coexistiam de forma intensa no contexto em que ocorreu o trabalho. Com igualdade, ratificou a arteterapia como uma área de atuação sensível, potente, plural e acolhedora à diversidade humana.

Referências

BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. Adolescência com deficiência mental: a ótica dos pais. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 79-87, 2009.

BERNARDINO, K. F. **Arteterapia - Lembrar é preciso... criar é continente**: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia 10 Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo Raízes da Arteterapia., 2009. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/AnaisI-ForumArteterapia.pdf> Acesso em: 23 mar. 2021.

BISOL, C. A.; VALENTINI, C. B. **De perto ninguém é normal**. Projeto Incluir. UCS/Fapergs, 2011. Disponível em: <<https://proincluir.org/diversidade/normalidade/>> Acesso em: 23 out. 2020.

BRASIL. **Lei Federal no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.146. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 20 jan. 2021.

DARGO, R. Inclusão escolar e atendimento educacional especializado no contexto do projeto político pedagógico. **RBPAE**. v. 27, n. 3, p. 361-588, set./dez. 2011.

LOURENÇO, L. E. B.; SANTOS E. P. **Inclusão o direito de ser diferente: um olhar através da arteterapia**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/37192>>.

NEVES, T. R. L. **Movimentos Sociais, auto-advocacia e educação para a cidadania e pessoas com deficiência mental**. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 2000.

PHILIPPINI, A. Transdisciplinaridade e arteterapia In: ORMEZZANO, G. **Questões de Arteterapia**. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2009, p.13-31.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 22, n. 1, p. 33-41, jan-mar, 2005.

SKLIAR, C. Seis Perguntas sobre a questão da inclusão ou de como acabar com as velhas – e novas – fronteiras em educação! **Pro-posições**, v. 12, n. 2, 11-21, jul-nov. 2001. Acesso em 25 de jan de 2021. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643992/11441>>

TOMIO, N. A. O., FACCI, M. G. D. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 12, n. 1, p. 89-99, jan./abr. 2009

UBAAT - União Brasileira das Associações de Arteterapia. [Site institucional]. **Arteterapia**. Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com/>. Acesso em: 10 março 2020.

VALLADARES, A. C. A. Possibilidades de avaliação em arteterapia: o que se deve buscar, o que se deve olhar? In: ORMEZZANO, G. **Questões de Arteterapia**. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2009, p.13-31.

VIEIRA, C. C. Contribuições da arte e do professor arteterapeuta para a educação inclusiva. **Revista educação, arte e inclusão**. v. 13, n. 2., p. 136-153, 2017.

WOSIACK, R. M. R.; SANTOS. G. A. Quem se exprime não se deprime: psicologia corporal e arteterapia fortalecendo a resiliência de adolescentes. In: ORMEZZANO, G.; NEVES, S. M. **Práxis em Arteterapia: vivências em educação e saúde**. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2013, p. 84-119.

3 – RECICLANDO ALMAS: ESTUDO DE CASO COM O USO DE COLAGEM E GARRAFAS EM ARTETERAPIA PARA A LIBERTAÇÃO INTERIOR

*Priscilla Tesser Reuter*⁵

Resumo: Este artigo apresenta as práticas supervisionadas de Arteterapia *online* para ajudar mulheres a fortalecer sua autoestima, com reconstrução e libertação interior, realizadas em três grupos e um atendimento individual. As vivências arteterapêuticas propiciaram um renascer através do uso da colagem e construções criativas com materiais recicláveis, em especial garrafas, que podem simbolizar vasos sagrados, o próprio útero. O artigo traz as simbologias e significados suscitados de cada uma destas técnicas usadas para ressignificar conteúdos internos. Os quatro elementos - Água, Terra, Fogo, Ar - integrados às atividades de construções com as garrafas, foram facilitadores para acessar sentimentos e emoções, com destaque para a água, usada no processo alquímico *Solutio*, que propicia transformar a rigidez em fluidez. Os mitos das deusas Afrodite, Deméter, Ísis e da Fênix inspiraram as expressões artísticas das mulheres, como forma de se chegar à alma e resgatar o auto amor. A permissão de um tempo para olhar para si, a valorização pessoal, aceitações de ciclos da vida, perdas e transformações foram trabalhados para a criação do novo ser, simbolizado na construção final com o elemento Ar: a criação de uma boneca com asas.

Palavras-chave: Arteterapia online, Vaso Alquímico, Autoestima, Ciclos da Vida, Construção de Boneca.

Recycling souls: a case study on the use of collage and bottles in art therapy for inner liberation

Abstract: This article presents the supervised practices of online Art Therapy to help women to strengthen their self-esteem, by reconstruction and interior liberation, carried out in three groups and one individual session. The art-therapeutic experiences provided a rebirth through the use of collage and creative constructions with recyclable materials, especially bottles, which can symbolize sacred vessels, the womb itself. The article shows the symbologies and meanings of each of these techniques used to reframe internal content. The four elements - Water, Earth, Fire, Air - integrated into bottle building activities, were facilitators to access feelings and emotions, with emphasis on water, used in the alchemic process *Solutio*, which turns rigidity into fluidity. The myths of the goddesses Aphrodite, Demeter, Isis and Phoenix inspired their artistic expressions, as a way of getting to the soul and rescuing self-love. Allowing time to look at yourself, personal appreciation, acceptance of life cycles, losses and transformations were worked on to create the new being, symbolized in the final construction: the creation of a doll with wings.

Keywords: Online art therapy; Alchemical Vase; Self-esteem; Life Cycles; Doll Construction.

Reciclando almas: estudio de caso con el uso de pegamento y botellas en arteterapia para la liberación interior

Resumen: Este artículo presenta las prácticas supervisadas de Arteterapia online para ayudar a las mujeres a fortalecer su autoestima, con reconstrucción y liberación interior, realizadas en tres grupos y una atención individual. Las vivencias artesanales propiciaron un renacimiento a través del uso del collage y construcciones creativas con materiales reciclables, en especial botellas, que pueden simbolizar vasos sagrados, el propio útero. El artículo trae las simbologías y significados suscitados de cada una de estas técnicas usadas para ressignificar contenidos internos. Los cuatro elementos - Agua, Tierra, Fuego, Aire - integrados a las actividades de construcciones con las botellas, fueron facilitadores para acceder a sentimientos y emociones, con destaque para el agua, usada en el proceso alquímico *Solutio*, que propicia transformar la rigidez en fluidez. Los mitos de las diosas Afrodita, Deméter, Isis y el Fénix inspiraron las expresiones artísticas de las mujeres como una forma de llegar al alma y rescatar el amor propio. El permiso de un tiempo para mirarse a sí mismo, la valoración personal, las aceptaciones de los ciclos de la vida, las pérdidas y transformaciones se trabajaron para la creación del nuevo ser, simbolizado en la construcción final con el elemento Aire: la creación de una muñeca con alas.

Palabras clave: Arteterapia online; Vaso Alquímico; Autoestima; Ciclos de la vida; Construcción de Muñeca.

Introdução

⁵ Formação em Moda pela Universidade Anhembi Morumbi, MBA em Marketing e Design de Moda pelo IBModa, Pós Graduação em Arteterapia pelo Instituto Freedom/SP. Criadora do método Reciclando Almas. São Paulo/SP. E-mail: reciclandoalmas7@gmail.com ou site: <https://reciclando-almas.mailchimpsites.com/>

"A vida natural é o solo em que se nutre a alma. Quem não consegue acompanhar esta vida, permanece enrijecido e parado em pleno ar (...)" (JUNG, 2015, p. 316).

A baixa autoestima e a desconexão da potencialidade pessoal, que atinge um grande número de mulheres, está intimamente ligada a falta de amor próprio, dificuldade de auto aceitação e falta de autoconhecimento. A necessidade da perfeição, de não se sentirem completas ou capazes o suficiente e o medo de errar levam a uma auto exigência destrutiva, gerando ansiedades, culpas, insatisfações, falta de cuidado pessoal, considerando apenas o outro ou demandas externas como prioridade. Como consequência, a potência interior fica aprisionada.

Comstock e Thame (1994, p.33) afirmam que, com frequência, se vive superficialmente para não se conectar com as dores mais profundas, com as feridas da alma, a vergonha, a raiva, os ressentimentos e vazios existentes pela percepção de não merecimento de amor.

Situações vivenciadas durante os anos, desde a infância, com sensação do desprezo e repressões sofridas, potencializam a baixa autoestima, que se intensifica em situações de perdas, seja de pessoas, relacionamentos, trabalhos, posições, bens materiais, competições, envelhecimento, entre outras, além da insatisfação com a aparência. São momentos da vida que trazem reflexões para possíveis transmutações e aceitações.

Cada tipo de relacionamento tem suas funções, forças e fraquezas, que são influenciadas por vínculos anteriores. As fraquezas são algumas vezes refletidas nos transtornos do apego e outras vezes tornam-se aparentes quando o relacionamento é confrontado com o luto (PARKES, 2009, p. 311).

O apego aos sentimentos negativos, memórias guardadas, situações não resolvidas internamente, geram travas internas que impedem a vida de fluir naturalmente. A libertação começa com o despertar da consciência e a maneira de alcançar uma mudança profunda é através das experiências.

Nesse sentido, a Arteterapia pode ajudar a todas as pessoas, a partir das expressões artísticas, a se conectarem consigo mesmas, como ferramenta no resgate da autoestima, começando pelo incentivo da criatividade, estimulando-a a reconhecer o que há de melhor dentro de si, despertando potencialidades. As práticas arteterapêuticas também favorecem a liberação de tensões, ansiedades, emoções e sentimentos reprimidos, através de suas expressões durante os processos vivenciados.

O desenho, a pintura, a colagem, a escrita criativa, entre outros, permitem que os conteúdos inconscientes aflorem. Assim, o autoconhecimento é permitido através do criar, que permite acessar o que não se consegue com as palavras.

Philippini (2013b, p. 18) afirma que o símbolo tem a função integradora e reveladora entre o inconsciente e o consciente, permitindo ao ser entrar em contato com níveis profundos internos, e assim evoluir com suas descobertas, organizando e transformando memórias e estados emocionais.

As vivências arteterapêuticas, com exercício do olhar criativo, propiciam desconstrução e reconstrução, onde cada pessoa pode ter um novo olhar para momentos de sua vida, ressignificar ou elaborar sentimentos, ao ver as coisas com olhar mais amplo, descobrindo novos caminhos. Da sensação de caos inicial, percorre-se um trajeto onde conteúdos internos são expressados, e através de formas e contornos configuram uma imagem de possível entendimento ou caminho à organização mental. Assim, cada vez que se cria, pode-se vivenciar uma nova experiência.

Um dos recursos que trazem a facilitação desta reconstrução é a colagem, através de revistas, sucatas, tecidos e materiais que são utilizados para criar a construção de algo novo. Um dos materiais bem simbólicos é a garrafa, que trabalha com o manuseio e reconstrução do vazio.

Quem quer que mergulhe nas profundezas de sua arte, em busca de tesouros invisíveis, trabalha para erguer essa pirâmide espiritual que chegará ao céu (KANDINSKY, 1990, p. 57).

De acordo com o filósofo espiritualista Sama (2019, p. 100) seria ótimo que a felicidade se estabelecesse sem que nada precisasse ser mudado, "contudo, como se trata da construção de um mundo novo, é indispensável que se faça uma prestação de contas do velho mundo. É como a construção de uma casa nova, quando se fazem necessárias a demolição da casa velha e a limpeza do terreno". Ele também afirma que enobrecer os sentimentos do ser humano e enriquecer-lhe a vida, proporcionando-lhe alegria e sentido, é a missão da arte.

"Quando o ser humano perde a saúde espiritual ou material, significa que deixou de ser o que era: Verdade. Tomemos como exemplo uma jarra: se ela apresentar um defeito, perderá sua utilidade. Como objeto, nela não há Verdade se deixar vaziar água, se cair quando a colocarmos em pé, ou quebrar-se quando tentarmos usá-la. Para que a jarra possa ser utilizada, é preciso consertá-la. O mesmo acontece com as pessoas" (SAMA, 2007, p. 59).

Neste caminho de reconstrução, a Arteterapia proporciona um encontro com a vida e com a Natureza Criadora. Sendo assim, entre os diversos materiais que podem ser trabalhados, o uso dos quatro elementos

durante os processos criativos - fogo, terra, água e ar - ajudam a estimular e aprofundar sentimentos e emoções gerando transformações e fortalecimento, como utilização de vela, argila, tintas, a própria água ou imaginação criativa, levando a sensação de estarem em conexão com os elementos, ou desenhando, de forma que o elemento esteja presente.

As deusas foram representadas como força do mundo exterior da natureza. Na contemplação das mitologias pode-se identificar a própria alma. Despertar as deusas é dar ouvido e voz aos chamados do coração, é acessar as camadas mais profundas do ser. Portanto, trabalhar com mitos também é uma potente forma de se chegar à alma e resgatar o auto amor.

Em 2020, em meio a pandemia, foram realizadas práticas arteterapêuticas online para ajudar mulheres a se libertarem de suas travas internas para seguirem a vida, divididas em três grupos, entre doze mulheres, e um atendimento individual. Entre os objetivos específicos estão:

- Incentivar a descoberta de potencialidades
- Gerar bem estar
- Fortalecer a autoestima
- Ressignificar sentimentos tóxicos
- Estimular o processo criativo.

1. Arteterapia: caminho para a cura da alma

Arteterapia é um processo terapêutico realizado através de expressões artísticas. Caracteriza-se por possibilitar que o ser humano entre em contato com seu próprio universo interno, com aqueles que estão a sua volta e com o mundo.

As artes favorecem a expressão de aspectos que estão no inconsciente humano. Assim, o trabalho com as emoções através da Arteterapia pode melhorar a qualidade de vida, sendo facilitadora do desenvolvimento pessoal, proporcionando um caminho de cura da alma. As emoções são formas de comunicação primária, e podem ser mais importantes do que palavras.

As vivências arteterapêuticas ajudam na recuperação da saúde mental, no bem estar emocional e social da pessoa e, através das expressões de sentimentos, facilitam a reflexão sobre o conteúdo apresentado, permitindo as mudanças necessárias no comportamento.

Ao promover processos de transformação, o trabalho arteterapêutico leva a um questionamento existencial que nos predispõe à abertura para a criação de um projeto de vida que inclua a conquista de nossos tesouros internos, a realização de nossos sonhos de felicidade, ou seja, a nossa autorrealização (BERNARDO, 2013b, p. 138).

1.1. Mulheres em busca de transformação

O primeiro atendimento online foi individual com a Dália⁶, uma mulher de 45 anos, casada, que mora no exterior com o marido e com perfil depressivo pelo isolamento social, pela perda recente da mãe e por não ter conseguido engravidar, após vários tratamentos. Foram realizados com ela no total nove encontros.

O grupo 1 foi formado por seis mulheres, de redes de contatos, com faixa etária entre 35 e 67 anos, com práticas arteterapêuticas realizadas em quatorze encontros.

O grupo 2 reuniu três mulheres na faixa de 40 anos de idade, em dez encontros.

O grupo 3 foi formado por uma mãe na faixa de 50 anos e duas filhas entre 20 e 25 anos, com total de sete encontros.

Para este estudo foram selecionadas vivências de 4 encontros de cada grupo, incluindo o atendimento individual.

2. As vivências arteterapêuticas

Entre as práticas realizadas com as mulheres dos três grupos e o atendimento individual se destacaram o uso de colagem com imagens de revistas e construções a partir de garrafas vazias, retalhos de tecidos e acessórios diversos.

Os quatro elementos da natureza - Água, Ar, Terra, Fogo - foram trabalhados nas sessões, com destaque para a água, assim como alguns mitos sobre as deusas.

O objetivo dos encontros foi o despertar para o amor próprio, através de processos de transformação com os materiais trabalhados, gerando libertação de conteúdos internos e o despertar de suas potencialidades. Através do estímulo da criatividade, buscou-se o bem estar das participantes, com ressignificação de momentos vivenciados para seguirem novos caminhos de vida, com mais leveza e fluidez.

2.1. A colagem

⁶ Dália é um nome fictício, assim como todos os nomes citados no artigo. Os nomes de flores simbolizam o caminho do florescer de cada uma.

O ser humano passa por diferentes etapas e passagens durante a vida, incluindo seu nascimento, adolescência, casamento, maternidade/paternidade, mudanças profissionais e mortes. De acordo com Bernardo (2013a, p. 89), "as sociedades ancestrais praticavam rituais que assessoravam as pessoas nessas passagens, promovendo a canalização de sua energia psíquica em direção a esses novos posicionamentos existenciais." Hoje em dia isso se perdeu, ficando tudo mais automático, seguindo o fluxo da vida. Em algum momento um alerta vai começar a tocar, quando o corpo ou a mente começarem a passar por processos purificadores.

Desta forma, os recursos expressivos podem ser de grande importância para ajudar nestes processos de conscientização e transformação.

As experiências com a matéria e o manusear do que está externo conduzem às ordenações internas. No processo de colagem, a percepção do caos inicial, com diversas imagens e recortes espalhados e confusos, sem saber por onde começar a organizar e o que vai surgir a partir deste contexto, levam ao um processo de harmonização e de nascimento de algo novo, uma reconstrução. Alvarez (2019)⁷ menciona que as próprias mãos são instrumentos de libertação (informação verbal), no processo de recorte, de algo que será cortado, tirado de seu contexto, para se criar algo novo.

Aos poucos, cada parte vai se encaixando no papel até formar uma composição de figuras expressivas ou uma nova imagem. E cada imagem selecionada em revistas para composição traz uma simbologia de conteúdo do inconsciente.

A colagem propicia um campo simbólico de infinitas possibilidades de estruturação, integração, organização espacial e descoberta de novas configurações. É instigante como um mapa do tesouro, pois as informações estão ali desde o princípio, embora, num primeiro momento, nem sempre consigamos decifrar os códigos em que estes mapas estão cifrados (PHILIPPINI, 2018, p. 24).

Figuras 1 - Árvore com colagem e construção com rasgos manuais - Encontros 3 e 6 com Dália



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Nos encontros individuais com Dália, por exemplo, em sessenta por cento das vivências foram trabalhados a colagem. A Figura 1 traz a árvore realizada no terceiro encontro. O elemento principal trabalhado foi a rosa e, entre as imagens de joias, nota-se que uma das rosas, do lado direito, estava acorrentada.

O uso da colagem a partir de recortes de revistas pode acontecer de formas diversas. Nas práticas arteterapêuticas realizadas, a colagem foi utilizada na criação de árvore, mandalas, livre expressão, colagens tridimensionais, e outras construções, com uso de tesoura ou rasgos manuais, como apresentada na Figura 1 à direita.

Figuras 2 - Mandala tridimensional - Encontro 9 Dália

⁷ Citação realizada por Silvío Alvarez durante o I Congresso Paulista de Arteterapia - IX Fórum de Arteterapia da AATESP, São Paulo, 2019.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020)

No nono encontro com Dália, a partir da proposta de construção de mandala de flor tridimensional, apresentada em Figuras 2, surgiu uma espiral de água, iniciada com imagem de regador molhando uma muda de planta sobre imagens de folhas e jardim de flores, nomeada: "Tentativa de um encontro." Assim, percebeu sua evolução e a importância de se cuidar, da flor acorrentada à semente regada.

Uma outra forma de trabalhar com colagem é a montagem de mosaicos, a partir de pequenos pedaços de papéis.

...As experiências com mosaico nos auxiliam a organizar o mosaico interno de afetos, emoções e memórias. A atividade de reunir cacos permite partir de um caos e de uma desconstrução para, passo a passo, ressignificar, reconstruir, atribuir um novo sentido e descobrir beleza no material quebrado, descartado, amontoado e confuso (PHILIPPINI, 2018, p. 82).

Figura 3 - Mosaico de Papel - Encontro 3 Grupo 3 Lótus



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Na atividade de mosaico, assim como as vivências com colagem, constela-se o tema do desmembramento, seguido de uma reconstituição, e traz um símbolo de renascimento. Bernardo (2013, p.91) diz que "quando algo morre para a consciência, é deflagrada a sua busca, que se configura na busca do sonho, do significado, da própria alma, impulsionando o desenvolvimento e a atualização de potenciais."

Assim, a partir de partes que se integram em uma imagem, foi possível a ressignificação de conteúdos internos para o encontro de novos caminhos de vida, estimulando o processo criativo. A Figura 3 apresenta este símbolo, onde Lótus nomeou sua colagem de "Navegar", a partir da visualização da mandala em forma de manche.

2.2. A construção com reciclagem de materiais

Integrada à colagem está o reuso de papéis e materiais para a construção de algo novo. O reuso é uma forma de reaproveitamento de materiais que são descartados: significa proporcionar um novo ciclo, dar nova vida à matéria atribuindo-lhe um novo valor. A partir da base em CD, como exemplo na Figura 4, Lótus criou uma mandala com giz de cera derretido de cores diversas, e nomeou de "Colorida e irritada", pois não saiu do jeito que ela gostaria, a fazendo refletir sobre a aceitação das coisas como são, sem controle.

Figura 4 - Mandala com Fogo - Encontro 5 Grupo 3 Lótus



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

O trabalho com a sucata propicia o estímulo à criatividade através da construção e reconstrução do concreto e real. Configura-se num material transformador, pois se fornece uma nova utilidade ao que antes era lixo. Traz a mudança através do concreto, facilita a busca de possibilidades de transformação em todos os níveis. Por poder ser aliada à pintura, à colagem e à modelagem, apresenta-se como uma atividade rica e complexa, que pode mobilizar os conteúdos inconscientes, transformando-os, e ressimbolizando-os de forma benéfica (Nagem apud PHILIPPINI, 2013a, p.26).

Além do reaproveitamento, entre outras vantagens do reuso de materiais estão a diminuição da poluição da água, do solo e do ar, que se relaciona com a própria natureza humana; redução da acumulação progressiva de resíduos, nocivas à saúde; melhoria da qualidade de vida. Fazendo uma analogia com o processo arteterapêutico, simboliza um renascimento, uma renovação do ser, a partir do que se considerava sem vida, através do manuseio do material reaproveitado, que funciona como um aliado no trabalho terapêutico.

Figuras 5 - Garrafa & Água - Encontro 10 Grupo 1 Prímula e Tulipa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Na vivência realizada no encontro 10 com o grupo 1 (Figuras 5), a construção, a partir do uso da garrafa, se deu com colagem de imagens selecionadas de revistas após serem imersas na água.

Reciclar é submeter uma substância a um tratamento para alterar suas propriedades ou aproveitar melhor seu rendimento. Sob o olhar do material psíquico, toda vida humana é uma oportunidade de renovação e reciclagem de valores e prioridades. Maiores transformações, exigem maior esforço e decisão. Quando não é mais possível apenas interferir em um acontecimento, quando toda história se transforma em material usado e inutilizável, quando a realidade não corresponde mais à necessidade, é necessário reciclar.

Ao reciclar, desconstruímos a realidade anterior, e com a matéria-prima, resultante desta desconstrução, reconstruímos uma nova história, mais adequada à realidade vivenciada (Nagem apud PHILIPPINI, 2013a, p. 31).

Através da construção com um material que seria desprezado, trabalha-se a sombra, o desconhecido, o que não se quer ser visto. Integrando-se a este processo estão as imagens rasgadas de revistas, trazidas pelo

inconsciente, para transmutação. O resgate do que iria para o lixo simboliza a transformação do desprezível em preciosidade, dentro da jornada do autoconhecimento. Prímula, por exemplo, apresentou uma imagem de criança (Figura 5 esquerda) perto de outra pessoa pulando em um tanque, que remeteu a momentos de medo e angústia. Mergulhar os recortes na água a acalmou e ela pôde olhar para o que veio. Já para Tulipa (Figura 5 direita) se apresentou a imagem de uma criança sendo acolhida por um adulto, que a fez sentir felicidade.

Podemos nos dispor, nessa atividade, a olhar para o que está entulhado em algum canto de nosso espaço interno (nem que seja para enterrar histórias que, de outra forma, continuariam contaminando a possibilidade de criarmos novas histórias, mais felizes), e a partir de sucatas propõe-se criar objetos que nos digam algo, ao mesmo tempo em que nos conectamos, nesse processo, com o que pode estar causando dor e desconforto, mas que, transformado, pode abrir novas perspectivas existenciais (BERNARDO, 2013, p. 38-39).

Desta forma, a construção com sucatas traz a valorização e transformação do que estava sem vida, dando vida nova, desconstruindo crenças rígidas e elaborando-se memórias.

2.2.1. A garrafa

O principal material sugerido como sucata para trabalhar diferentes construções nas práticas arteterapêuticas foi a garrafa, especialmente de vidro. A garrafa trabalha com a reconstrução do vazio, traz uma grande ressignificação de sentidos para a geração de uma nova vida. Ao trabalhar sobre a matéria, trabalha-se sobre si mesmo.

"É dentro do Vaso sagrado que são alimentadas as ideias, que está contido o futuro, e que o crescimento se processa. As mulheres muitas vezes chamam seus próprios úteros de 'Vaso Sagrado'" (J. Sams apud BERNARDO, 2013a, p. 19).

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2019), o simbolismo da garrafa pode variar de acordo com as inumeráveis formas e conteúdos dela.

Fundamentalmente, porém, a garrafa vem da arca e traz o ramo, simboliza um saber e um saber salvífico, portador de paz. Ela é o navio e a arca dos conhecimentos secretos e das revelações que hão de vir. Vigny (Alfred de 1797-1863) fez da garrafa o símbolo da ciência humana, exposta a todas as tempestades, mas rica de um elixir divino, infinitamente mais apreciável do que todo o ouro, os diamantes e as pérolas do mundo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2019, p. 461).

Gerenstadt (2009, p. 34) cita que "...as antigas lendas celtas falam de um Copo ou Vaso profético que possuía a água da ressurreição, da qual possibilitava toda classe de milagres e curas". Aqui trata-se das lendas do Santo Graal, uma busca pelo que simboliza a plenitude interior que os homens sempre buscaram. Assim a garrafa se relaciona com profundos significados.

Como uma folha de papel branco, a garrafa pode ser o ponto inicial para expressão artística em composição com outros materiais. As vivências arteterapêuticas realizadas com o grupo 2 integraram à garrafa outras matérias-primas: argila, massa de modelar, colagem de papéis, modelagem com imagens de revistas, tecidos, crochê, aviamentos, adereços com brilho, sementes, folhas secas, giz de cera derretido e pintura.

Figura 6 - Garrafa & Terra - Encontro 5 Grupo 2 Estrelícia



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

No encontro 5 do grupo 2 a proposta foi trabalhar com o elemento Terra, modelando a argila sobre a garrafa, com aplicação de grãos e sementes, formando mandalas, como a apresentada na Figura 6, a partir do conto das deusas Deméter (deusa da colheita) e Perséfone (deusa da primavera). Antes de iniciar, a sensibilização incluiu a interação com a argila no corpo e o convite para olhar para dentro, se conectar com a garrafa vazia, com o seu interior.

Bernardo (2013a, p.102) explica que:

"...o acesso ao mundo interno é feito através do inconsciente (das florestas densas da alma), da criatividade (a arte é linguagem da alma!), pois a falta é como o vaso vazio que pode, assim, receber a semente de uma nova vida - enterrar o morto e elaborar o luto é também plantá-lo definitivamente em nós, e deixar que ele faça parte de quem somos e seremos, com o que nos trouxe e ensinou, para que a vida que foi traga à tona as sementes do que virá em seu lugar."

No encontro 6 do grupo 2 foi trabalhada a integração com o elemento Fogo, através do giz de cera colorido derretido com a vela sobre a garrafa (Figuras 7).

Figuras 7 - Garrafa & Fogo - Encontro 6 Grupo 2 Estrelícia e Camélia



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

A transformação da matéria, com o Fogo, gerou percepção de não se ter controle do resultado, proporcionando autoconfiança e motivação para deixar fluir, com sensação de liberdade. Também motivou a preencher os espaços vazios, com percepção de preenchimento do que faltava interiormente. E o modelar da argila, a Terra, exemplificado na Figura 6, simbolizou o início de uma nova vida, onde as participantes sentiram-se mais nutridas de si.

2.3. O elemento Água

Entre os elementos da natureza trabalhados nas sessões de arteterapia, a Água se destacou. Em geral, as mulheres traziam uma rigidez e exigência com elas mesmas, sendo que estes encontros foram algo novo,

momentos para se olharem e cuidarem de si. A água traz a dissolução, a fluidez, e proporciona um mergulho interior mais profundo para que o novo possa emergir.

A Arteterapia também é análoga à Alquimia. Philippini (2018, p. 9) diz que "em ambos os saberes, há ligações importantes entre a realização do material e concreta e o trabalho teórico e psicológico".

A Alquimia, sistema filosófico que buscava extrair a "alma contida na matéria", como cita Bernardo (2013a, p. 13), diz que para que qualquer mudança aconteça, é preciso um retorno à matéria-prima essencial. Assim, pode-se considerar os trabalhos de imersão na água como um retorno ao útero para fins de renascimento.

A imersão na água simboliza um retorno ao estado que precedeu a forma, uma total regeneração, um novo nascimento, porque imersão significa uma dissolução de formas, uma reintegração à condição informe que precede a existência; de igual maneira, emergir à água é uma repetição do ato da criação em que a forma foi expressa pela primeira vez (Eliade apud EDINGER, 2006, p. 78).

Entre os processos alquímicos está a *Solutio*, onde se trabalha o elemento Água. De acordo com Rocha (2020)⁸, *Solutio* está relacionada a palavra solução, o que indica solucionar um complexo psicológico. Nesta operação alquímica, a água simboliza os sentimentos, acolhe e ajuda a dissolver a rigidez.

O elemento Água foi trabalhado em alguns encontros com todos os grupos, incluindo mergulhos sensoriais, através de imaginação criativa, uso de tintas e imersão de papéis em água, estimulados pelo mito do nascimento da deusa Afrodite (Vênus: deusa do amor e da beleza), vídeo de performance de sereia no mar e imagens para sensibilizações. As Figuras 8 apresentam expressões após ouvirem o mito do nascimento de Vênus, onde o olhar-se no espelho fez parte da sensibilização.

Figuras 8 - Nascimento de Vênus - Encontro 7 Grupo 1 Prímula (esquerda) e Jasmim (direita)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Em próximo encontro, a proposta foi mergulhar nos sentimentos, identificando em imagens ou palavras de revistas o que gostaria de dissolver dentro de si, o que estava guardado e gostariam de eliminar, desapegar, transformar. Os recortes foram rasgados e mergulhados em bacia com água, e após "colados" em garrafa. Depois de secos, poderiam ser pintados com tinta.

⁸ Informação fornecida por Alex Rocha no curso online Alquimia e Psicologia Junguiana, promovido pelo Instituto Freedom, São Paulo, 2020.

Figuras 9 - Garrafa & Água: Encontro 10 Grupo 1 Tulipa (esquerda) e Prímula (direita)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

O processo de imersão na água gerou uma intensa libertação de sentimentos tóxicos, após uma certa angústia inicial, resignificando memórias, gerando fluidez e leveza. Uma das participantes, Camélia do Grupo 2, por exemplo (Figuras 10), transmutou a dor de um processo de separação, que veio à tona, a qual pensou ter já superado há anos.

A partir desta construção, começou-se a formar um corpo (Figuras 9). A cabeça foi feita a partir de recortes de revistas intencionais molhados e amassados, tipo papel marchê, que simbolizaram sonhos, aspirações e suas qualidades. A construção continuou em próximos encontros.

3. Amor próprio e renascimento

O amor próprio está relacionado à como cada um se vê e se trata. À medida que se aprofunda no autoconhecimento, o medo do julgamento e crítica do outro passa a não fazer sentido, pois há a compreensão e o fortalecimento do mundo interior, que vai refletir também no exterior.

A permissão de um tempo para se olharem, o auto amor, aceitações de ciclos da vida, desapegos, transformação de sentimentos e autoimagem, foram trabalhados entre as mulheres para a criação de um novo olhar sobre si, simbolizado na construção final.

O processo criativo envolve três momentos que também estão presentes em nosso desenvolvimento psíquico, encontrados nos antigos rituais de iniciação e passagem de um ciclo da vida a outro: um mergulho no caos (abertura ao novo), uma morte simbólica (corte com formas cristalizadas e desatualizadas de relacionamento com a nossa realidade interna/externa), e um renascimento (ampliação de consciência, inaugurando um novo ciclo). E todo início nos brinda com a oportunidade de uma autocriação, tendo um efeito renovador sobre nós, correspondendo a uma regeneração e potencialização da energia psíquica (BERNARDO, 2013b, p. 115).

Figuras 10 - A Libertação: Grupo 2 Estrelícia (esquerda) e Camélia (direita) acima; Grupo 1 Prímula (esquerda) e Jasmim (direita) abaixo.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

As práticas foram finalizadas com a construção de bonecas com asas, como apresentadas nas Figuras 10, com sensibilização de mito da deusa Ísis, deusa da fertilidade e da magia, que detém os segredos da vida, da morte e ressurreição, também considerada a deusa dos quatro elementos.

A criação das bonecas, a partir das vivências de construção e transformação com a colagem e os quatro elementos, trouxe a importância de as mulheres dialogarem com si mesmas, estimularem a criatividade para diferentes soluções e novos caminhos, fortalecendo o amor próprio, apesar das imperfeições e marcas de suas histórias. Algumas não conseguiram construir suas asas, mas visualizaram suas travas durante o processo, e se acolheram com amorosidade.

3.1. Análise de resultados

Entre os principais resultados de transformação das mulheres que vivenciaram as práticas estão o da Dália, atendida individualmente; Jasmim e Prímula, do grupo 1; Estrelícia e Camélia do grupo 2.

A Dália trouxe a dificuldade de aceitação de mudanças e perdas em sua vida, a instabilidade e a busca por um caminho, a esperança para seguir em frente. Mergulhou na solidão e sentimento de rejeição de sua infância e adolescência, e a percepção da coragem de seguir diferente, de ser livre, de amar a si mesma. Da rosa acorrentada que apareceu nos primeiros encontros, à espiral de água nutrido um jardim, a busca pelo encontro consigo mesma foi evoluindo e, além de ter conseguido emprego, para se sentir útil, questões internas foram transformadas. Conteúdos que estavam guardados vieram à tona e ela percebeu que precisava se tornar prioritária de sua própria vida, e que a arte tornava possível a expressão de seus sentimentos e verdades.

A Jasmim iniciou o processo trazendo o foco do seu trabalho, da forma masculina, e finalizou com a força da feminilidade, com o despertar para cuidar de si, trazendo a valorização de sua beleza, que a fez investir em compras de cosméticos, cuidados com as unhas e cabelos, um olhar diferente para as suas roupas, o que não ocorria antes.

A experiência da Prímula, em especial com a colagem de papéis molhados na garrafa e a montagem da boneca, trouxe a ressignificação de momentos vividos e percepções de sua forma de agir. O desapego de sentimentos trouxe uma resposta de mudança no seu trabalho e a simbologia da falta de um braço no resultado final a fez ver que precisava fazer algo por ela mesma, e não apenas para os outros.

A Estrelícia teve fortes *insights* e a principal mudança foi o resgate de uma dor guardada devido a separação do primeiro marido, que achou que já tivesse resolvida. Conseguiu colocar para fora de forma bem intensa, através do mergulho dos papéis recortados em bacia de água, realizado no oitavo encontro. Ela já foi muito rígida consigo mesma e permitiu libertar-se.

Transformação, alegria, liberdade e leveza foram as palavras da Camélia ao final do processo terapêutico. As crises de síndrome do pânico que estava vivenciando antes de começar também sumiram.

Em geral, as vivências arteterapêuticas proporcionaram às mulheres: o aumento da autoestima e a percepção da importância do auto amor; autoconhecimento; leveza e bem estar; o despertar da criatividade pessoal e de suas potencialidades; a transformação de sentimentos; sua entrega e fluidez; e libertação interior com a reconstrução pessoal.

Considerações finais

Este estudo de caso trouxe a importância das mulheres se permitirem um tempo para se conectarem consigo mesmas e a Arteterapia online se apresentou como este espaço seguro. As construções realizadas a partir de um espaço vazio simbólico, a garrafa, e as imagens que se apresentaram com as colagens, integradas com a força dos elementos da natureza, estimularam o processo criativo de cada participante. Trabalhar com a desconstrução e liberdade de expressão, a partir deste vaso alquímico, convidou as mulheres a olharem seus conteúdos internos, suas memórias que traziam medo, desânimo, tristeza, frustrações, rigidez, autocrítica e falta de amor próprio, para construir um novo olhar para suas vidas, incentivando a descoberta de suas potencialidades.

A cada encontro as mulheres de cada grupo, e também do atendimento individual, se relacionaram com as experiências e imagens apresentadas, simbolizando momentos de vida que precisavam libertar, conseguindo ressignificar sentimentos tóxicos, transformar, elaborar, e assim fortalecer a autoestima. O despertar da consciência se ampliou ao construir suas bonecas, com melhor entendimento de si mesmas e dos ciclos de morte e renascimento, do caos ao caminho possível, gerando um bem estar e sensação de mais leveza para seguirem renovadas, com suas asas possíveis.

A representação de um corpo traz um convite para observar o que cada alma comunica e chama a atenção, a partir do que se apresenta, estando em constante e contínuo ciclo de transformação, de gestação e renascimento de si.

Referências

BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos volume V: a alquimia nos contos e mitos e a arteterapia: criatividade, transformação e individuação**. 2. ed. Arterapinna Editorial: São Paulo, 2013a.

BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos volume I: temas centrais em arteterapia**. 4.ed. Arterapinna Editorial: São Paulo, 2013b.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 33. ed. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 2019.

COMSTOCK, K.; THAME, M. **Como passar sua vida a limpo**. Editora Pensamento: São Paulo, 1994.

EDINGER, E. F. **Anatomia da psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia**. São Paulo: Cultrix, 2006.

GERENSTADT, H. **Avalon e o Graal: e outros mistérios arturianos**. São Paulo: Madras, 2009.

JUNG, C.G. **Espiritualidade e transcendência: seleção e edição de Brigitte Dorst**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KANDINSKY, W. **Do espiritual na arte**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990.

PARKES, C. M. **Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações**. São Paulo: Summus, 2009.

PHILIPPINI, A. **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013a.

PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013b.

PHILIPPINI, A. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

SAMA, M. **Os novos tempos: fragmentos de ensinamentos de Meishu Sama**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2019.

SAMA, M. **Alicerce do paraíso: agricultura natural, arte e sociedade**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2007.

4 - REDESCOBRINDO-SE PELA ARTETERAPIA: MULHERES COM VIVÊNCIAS INTERPESSOAIS E AFETIVAS TRAUMÁTICAS

Gabriela dos Santos Silva⁹

Resumo: Redescobrir-se pela arteterapia: é um artigo resultante de uma pesquisa realizada com um grupo de três mulheres, na faixa etária entre 18 a 50 anos, que vivenciaram relações interpessoais e afetivas traumáticas, em algum momento da história de vida. A pesquisa realizada, possibilitou que estas mulheres pudessem se perceber como protagonistas de sua própria história. Isto se deu, em virtude da criação de um espaço de acolhimento que favorecesse a ressignificação e reconstrução da identidade, autonomia e autoestima. Para tanto, utilizou-se vivências em arteterapia, com diferentes materiais e técnicas, constituindo estratégias de reconexão com esta identidade fragilizada. Por fim, observou-se como resultados, o rompimento de padrões disfuncionais de comportamentos e pensamentos, permitindo um diálogo intenso e profundo com conteúdos internos, de forma a dar voz ao que antes havia sido silenciado.

Palavras-chave: Arteterapia; Mulheres; Relações afetivas e interpessoais traumáticas.

Rediscovering themselves through Art therapy: women with traumatic interpersonal and affective experiences

Abstract: Rediscovering yourself through art therapy: is an article resulting from research carried out with a group of three women, aged between 18 and 50 years, who experienced traumatic interpersonal and affective relationships at some point in their life history. The research carried out allowed these women to perceive themselves as protagonists of their own history. This was due to the creation of a welcoming space that favored the redefinition and reconstruction of identity, autonomy and self-esteem. For that, experiences in art therapy were used, with different materials and techniques, constituting strategies of reconnection with this fragile identity. Finally, it was observed as a result, the disruption of dysfunctional patterns of behavior and thoughts, allowing an intense and deep dialogue with this fragile identity. Finally, it was observed as a result, the disruption of dysfunctional patterns of behavior and thoughts, allowing an intense and deep dialogue with internal contents in order to give voice to what had previously been silenced.

Keywords: Art therapy; Women; Traumatic relationships.

Redescubrirse a través del Arteterapia: mujeres con experiencias interpersonales y afectivas traumáticas

Resumen: Redescubrirse a través de la arteterapia: es un artículo resultado de una investigación realizada con un grupo de tres mujeres, con edades entre 18 y 50 años, que experimentaron relaciones interpersonales y afectivas traumáticas en algún momento de su historia de vida. La investigación realizada permitió que estas mujeres se percibieran como protagonistas de su propia historia. Esto se debió a la creación de un espacio acogedor que favoreció la redefinición y reconstrucción de la identidad, la autonomía y la autoestima. Para ello, se utilizaron experiencias en arteterapia, con diferentes materiales y técnicas, constituyendo estrategias de reconexión con esta frágil identidad. Finalmente, se observó como resultado, la disrupción de patrones disfuncionales de comportamiento y pensamiento, permitiendo un diálogo intenso y profundo con los contenidos internos, para dar voz a lo que antes había sido silenciado.

Palabras clave: Arteterapia; Mujeres; Relaciones traumáticas.

Introdução

O presente artigo, resultante de uma pesquisa em arteterapia com grupo de mulheres com vivências traumáticas, pôde demonstrar que a Arteterapia configura importante recurso terapêutico dentro da reconstrução e ressignificação de vivências traumáticas na história de vida de um indivíduo, criando um espaço no qual possa se conhecer, reconhecer e fortalecer sua autonomia, autoestima e protagonismo individual. E ainda, que este

⁹ Especializanda em Arteterapia em Educação e Saúde pelo Instituto Saber e Cultura. Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário de Brasília (UniCeub) em 2006. Especialização em Terapia Sistêmica e Constelação Familiar pela Faculdade Unyleya. Psicóloga Social atuante no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos na Casa Azul Felipe Augusto de 2009 até a presente data. Atuante na área social há 15 anos. Psicóloga Clínica há 7 anos. WhatsApp (61) 98534-9141. E-mail: gabriela25.silva@gmail.com

processo possa contribuir para deixar um ambiente no qual foram obrigadas, muitas vezes, a viver e permanecer por certo tempo. Espaço este não escolhido por elas.

Cabe salientar que este papel exercido, surge ou surgiu, em grande parte, de uma necessidade de sobrevivência, de pertencimento e como forma de minimizar um sofrimento ou condição, mesmo que de forma inconsciente.

Desta forma, a Arteterapia traz como contribuição a possibilidade de expressão e elaboração do sofrimento por estas mulheres. Atua como movimento de rompimento, tomada de consciência de que algo acontece ou aconteceu e que as distanciam da posição que ocupava anteriormente, permitindo escrever e protagonizar sua própria vida.

O processo terapêutico por meio da arte configura, assim, um mecanismo que visa potencializar capacidades e novas habilidades, auxiliando na aceitação de si mesmo e estimulando o aspecto cognitivo.

Nesta perspectiva, a arteterapia é uma ferramenta de auxílio ao indivíduo que almeja a produção de imagens, autonomia criativa, desenvolvimento da comunicação, valorização da subjetividade, liberdade de expressão e reconciliar-se com questões emocionais, uma vez que possibilita vivenciar situações internas e oferece estratégias para manejar o que gera desconforto, permitindo a comunicação livre do que se sente, além de construir entendimentos necessários e ressignificar dores, traumas, emoções antes retraídas.

Desta forma, o uso da arteterapia em grupo de mulheres com vivências traumáticas possibilitou que mulheres com necessidades semelhantes pudessem apoiar-se mutuamente. O caminho do autoconhecimento favorece o fortalecimento da autoconfiança para as mulheres serem e estarem no mundo, ofertando mais coragem para ocupar os espaços que desejarem. Posto que, como afirma Silveira (1992):

A função terapêutica da arte era permitir a expressão de vivências não verbalizáveis que se encontram imersos no inconsciente, ou seja, em um mundo fora do alcance da elaboração racional, cabendo ao terapeuta a tarefa de estabelecer conexões entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo (p.18).

Assim sendo, a arteterapia promove o autoconhecimento e potencializa a criatividade, habilidades essenciais ao desenvolvimento, tanto de um indivíduo, quanto de um grupo. A arteterapia é perpassada por uma concepção estética do humano, visto como um ser criativo, capaz de se transformar em artista da própria vida.

Objetivo

O objetivo deste artigo é relatar experiência vivenciada durante a realização de estágio supervisionado em Arteterapia. O estágio supervisionado teve a finalidade de verificar como a arteterapia atuou como um processo terapêutico, possibilitando novas estratégias de conexão, forma de expressão e enfrentamento de questões individuais.

Método

A pesquisa se propôs numa estrutura de pesquisa-ação, em perspectiva qualitativa, utilizando-se de referências teóricas voltadas a temáticas que permitam, possibilitem e criem condições para mulheres que vivenciaram relações traumáticas se percebam como protagonistas de suas histórias de vida, utilizando-se de vivências arteterapêuticas propostas em grupo. Com isso, proporcionou-se um espaço de acolhimento que fosse possível favorecer a (re)construção da identidade individual, autonomia e autoestima destas mulheres.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. A pesquisa-ação é um método de condução de pesquisa aplicada, orientada para elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções (KRAFTA et al., 2007, p. 1).

A pesquisa foi desenvolvida, mediante vivências arteterapêuticas, em um grupo focal com três participantes, em formato *online*, pela plataforma do *Google Meet*, em tempo real, com mulheres que vivenciaram relacionamentos traumáticos e que foram indicadas pela rede de apoio da pesquisadora. Os encontros foram realizados semanalmente, com duração de duas horas e meia, no período de junho de 2021 a março de 2022. Cabe registrar que a participação foi voluntária e o código de ética da arteterapia no que se refere ao sigilo e preservação da intimidade foram respeitados, conforme termo de consentimento e autorização de uso de imagens e depoimentos.

Resultados e Discussão

As vivências arteterapêuticas foram divididas em módulos temáticos de acordo com a permissão individual e coletiva, ao desenvolvimento e acesso aos conteúdos internos, associados a técnicas e materiais expressivos estruturados previamente para cada encontro e em conformidade com a identidade do grupo. Os materiais expressivos e técnicas utilizadas inicialmente foram o desenho com material estruturado como estratégia de familiarização das participantes com a arteterapia e conexão individual e grupal. No decorrer dos encontros, outros

recursos e técnicas, como pintura, colagem, assemblagem, conto expressão, mandalas, modelagem com argila, expressão corporal e confecção de personagens foram utilizados.

O foco da pesquisa relacionou-se a ressignificações suscitadas pelas atividades expressivas no intuito de promover autoconhecimento, resgate da identidade, de autonomia e autoestima. Desta forma, buscou-se investigar como as vivências arteterapêuticas puderam proporcionar melhor enfrentamento da anulação e despersonalização trazidas em contextos traumáticos vivenciados tanto nas relações interpessoais quanto afetivas. Neste sentido Philippini (1995, p.1) “acrescenta que a função do arteterapeuta, neste contexto, é de facilitador do processo, trazendo ao espaço terapêutico múltiplos materiais, para adequar-se à produção de cada indivíduo”.

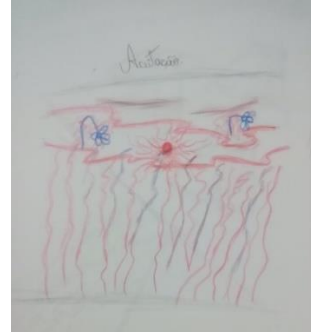
Figura 1 - A.M – Prisioneira



Figura 2 - C.A – Tristeza



Figura 3 - P.G – Aceitação



Fonte: Acervo da autora - 2022

As vivências arteterapêuticas iniciais voltaram-se ao contato das participantes com a arteterapia e as possibilidades de um olhar mais atento e cuidadoso a conteúdos antes silenciados por resistências, medos, pela não exposição de fragilidades, conforme ilustrados nas produções artísticas representadas pelas Figuras 1, 2 e 3. Este momento inicial, consistiu na construção de um espaço de acolhimento a estes conteúdos gerados por vivências traumáticas iniciadas na infância e presentes ainda nas relações afetivas e interpessoais adultas.

A respeito desta colocação Philippini (1995) afirma que:

Em arteterapia na abordagem Junguiana, o caminho será fornecer suportes materiais adequados para que a energia psíquica plasme símbolos em criações diversas. Estas produções simbólicas retratam a psique em múltiplos estágios, ativando e realizando a comunicação entre INCONSCIENTE e EGO. Este processo colabora para a compreensão e resolução de estados afetivos conflitantes, favorecendo a estruturação, a expansão da personalidade através da criação. Estes símbolos, presentes nas criações plásticas, poderão estar também presentes nas imagens oníricas e até mesmo no próprio corpo, através de alterações no funcionamento do organismo, gerando as chamadas “doenças criativas” que indicam a urgente necessidade de reflexão e transformação de padrões de funcionamento psíquico (p. 1).

O processo terapêutico através dos desenhos, traços, trazem à tona sentimentos, conteúdos inconscientes associados a traumas e possibilitou, ainda, a conceituação inicial do processo de ressignificação, a percepção inicial de si, a autoestima, o acolher-se e acolher as demais integrantes deste grupo. A respeito deste assunto, Philippini (2020, p. 23) menciona que: “o processo criativo quando ativado de maneira adequada, restaura, resgata, recupera, reorganiza, redireciona e libera o fluxo de energia psíquica em prol do bem-estar e da expressividade de cada indivíduo”.

A prática de compartilhar os relatos e as reflexões, possibilitaram que cada participante construísse aprendizado sobre questões particulares, promovendo também o aprendizado coletivo. Tal colocação pode ser exemplificada diante do exposto a seguir: “*Eu me vi no espelho desta forma, envolta em meus cabelos...ao mesmo tempo que me sinto aconchegada nos cabelos, me sinto presa...não é um aconchego bom.*” “*Quero cortar meus cabelos, não os que tenho, mas esses que me prendem*” (A.M – Figura 1).

A experiência com o grupo e as vivências proporcionaram aprendizados importantes no processo de ressignificação da história de vida. Este aspecto remete ao mencionado por Nise da Silveira (1992, p. 19) de que: “a arte enquanto linguagem, restabelece o equilíbrio entre o ser e o vir a ser, entre o criado e criador, entre o invisível e o visível, é a ponte que o artista faz para encontrar-se...” Além disso, a contribuição feita por Nise da Silveira vem ratificar o seguinte relato: “*em todos os desenhos dos meus cadernos, sempre sai esse desenho...há anos...pra mim, árvore é força, flores é abundância, casa é fortaleza, paisagem, é caminhar, novos horizontes*” (C.A – Figura 5).

Figura 4 - A.M – Paz



Figura 5 - C.A – Paisagem



Fonte: Acervo da autora - 2022

Com o desenvolvimento das sessões arteterapêuticas, e o envolvimento direto e ativo nas reflexões e produções artísticas, observa-se o quanto é essencial o trabalho de autopercepção e sua constante ressignificação. A necessidade de aprofundamento se fez necessária à medida que conteúdos inconscientes emergiram e que estão diretamente relacionados às vivências individuais e traumáticas, de forma a consolidar efetivamente o processo de reconstrução de identidades oprimidas e fragilizadas. A vivência de criar arte promove a descoberta de sentimentos e de qualidades pessoais, auxiliando no desenvolvimento do potencial único de cada um, que no produto criado, pode reconhecer-se, ou seja, pode ver-se e rever-se, vendo-se de uma nova forma ao visualizar possibilidades até então ignoradas.

O trabalho contínuo de autopercepção colabora direta e indiretamente para que as participantes percebam seus comportamentos e emoções e, a partir disso, inicie as mudanças almejadas e seu processo de individuação através das produções artísticas.

A utilização de diferentes técnicas, materiais expressivos e pelo próprio desejo de transformação das participantes, revela continuamente o entendimento que vem sendo construído por elas, sobre si mesmas, além de questionamentos, momentos de fragilidade e processo de cura. Trabalhar temáticas voltadas ao resgate da identidade, necessita de respeito, cautela e espaço de resposta a um processo que está em desconstrução para reconstrução. Os benefícios do processo criativo a partir do grupo arteterapêutico são diversos e tangenciam esferas distintas, tais como: ativação do imaginário e de ampliação e fortalecimento da saúde; transformação pessoal, comunitária e social; ampliação dos potenciais de comunicação e expressão; bem como possibilidade de apropriação do direito de expressão e de criação enquanto um direito do cidadão, através do fortalecimento de identidade.

É através do autoconhecimento que é possível entender o que precisa ser mudado. Assim, ao entender o olhar sobre si e aos comportamentos conscientes e inconscientes, é possível adquirir novas percepções, realizar novos ajustes e ressignificar questões internas que foram mal elaboradas.

É dentro da complexidade que envolve esta temática aliada, sobretudo, às vivências individuais de cada participante, a entrega a este processo de autoconhecimento e de resgate de identidade que se fez necessário o uso de técnicas e materiais adequados, de forma que não se torne mais um processo traumático, mesmo que haja permissão com maior intensidade em aprofundar-se em suas feridas, bloqueios e desejos não concretizados.

A função terapêutica do fazer artístico se iniciou com essa autodescoberta, aprofundando-se à medida que, na atividade criadora, as participantes também se redescobriram em novas formas, podendo reinventar-se, conforme descrição abaixo:

aí eu resolvi desenhar duas árvores ...eu me vendo em dois lados opostos...um lado mais calmo e o outro mais agitado... o outro mais frágil e mais forte.... o desenho está querendo dizer...tá querendo dizer que eu tenho que me achar...tenho que encontrar os dois lados e harmonizar os dois lados dentro de mim...não dá pra ter os dois lados...ter um lado só...se juntar e ser uma coisa só...uma pessoa (C.A – Figura 6).

Figura 6 - C.A – A mesma face**Figura 7 - A.M – Renascimento**

Fonte: Acervo da autora - 2022

Cabe registrar que foi possível perceber que as participantes se utilizaram das produções para dar continuidade ao conceito de autopercepção, assim como construíram o aprendizado a partir do olhar do outro e, livremente, expressarem sentimentos. Tal aspecto é mencionado por Philippini (2020, p. 14 e 30) que traz que:

O fazer artístico e a vivência são elos, continentes e eixos catalisadores para desvelar e transformar no grupo os processos subjetivos e coletivos. Acrescenta ainda que a história de um grupo se constrói e se configura a partir das vivências que seus participantes possam compartilhar.

O grupo se constituiu como um espaço de compartilhamento de vivências e experiências, de forma que se potencializou os aprendizados individuais e coletivos, possibilitando melhoras no processo individual, assim como nas relações interpessoais. A troca auxiliou na capacidade de lidar com sentimentos confusos, dificuldades em sair de uma zona de conforto que se torna desconfortável e despertou um olhar mais atento e cuidadoso a fatos ou situações que antes não era dado a devida atenção. A respeito disso, Philippini (2020, p. 48) acrescenta que “ativar processos expressivos, propiciar experiências artísticas e ampliar o reconhecimento de si e do outro por meio de imagens é colorir vidas, favorecendo que sejam mais plenas e criativas.” E, ao citar Kamel (2020, p. 48) “destaca que já nascemos numa relação em que para assimilar, temos que ir até o outro para ser. O **“Eu só se torna EU no TU”**.”

Outro aspecto importante a ser mencionado é que se instaurou no grupo a escuta empática. Ela vai além de prestar atenção no que está sendo dito. É a busca da compreensão da mensagem no olhar do outro. Ou seja, é respeitar e entender que a mensagem do outro é fruto de seus valores e de sua forma de ser. É acolher a colocação do outro e adequá-la dentro da forma particular de pensar e agir. É entender o significado do que o outro quer dizer e o que ele está dizendo. É sair da superfície do entendimento com resistências e se aprofundar na construção de uma nova percepção de si. Esta afirmação relaciona-se com os seguintes relatos:

A.M: “Você vê o que a outra pessoa tá passando...então isso ajuda muito...ajuda a gente a ficar mais forte...saber que não é só a gente que passa pelo problema...que tudo é um ensinamento.”

C.A: “A gente tira a leve impressão que a gente tem de uma venda no rosto...tira a venda e vê que o problema não é só meu e que outras pessoas também passam por problemas e a maioria não busca ajuda...fecha os olhos e deixa ali debaixo do tapete...eu acho que o problema tá aí e aí a gente tem que ver o que fazer...se não vai fazer esconde debaixo do tapete ou então resolve né...e a maioria das vezes não é o que acontece...é esse sentimento que deu pra ver sabe...e em questão do grupo...é entrosamento...é que nem a A.M disse...uma vai ajudando a outra e a gente vê...olha não sou a única a passar por isso...ela também passou e...é uma forma de compreensão e ajuda sabe...”

Assim, um grupo de arteterapia pode oferecer essas possibilidades e ser experimentado com os seguintes atributos:

Espaço para desvelamento, reconhecimento sobre si e fortalecimento da própria identidade por meio da produção expressiva; espaço para ampliação de novas formas de

comunicação e representação expressiva; espaço de reflexão, elaboração e compreensão da própria criatividade (PHILIPPINI, 2020, p. 77).

Figura 8 - C.A – Continuar a caminhar



Figura 9 - P.G – Explosão



Fonte: Acervo da autora - 2022

As temáticas subsequentes na pesquisa relacionaram-se ao entendimento a respeito de ser protagonista, e de que forma interfere na autonomia e autoestima. Além disso, outros materiais expressivos, elementos e técnicas (tinta guache, colagem, mandala, elemento fogo, água e terra) foram utilizados em decorrência da intensidade na qual o grupo se encontrava dentro deste processo de reconexão individual. O protagonismo relaciona-se às escolhas que os indivíduos fazem, assim como a adequação a essas escolhas e prioridades de vida. Exercer tal protagonismo possibilita vislumbrar de que forma tais escolhas estão sendo percebidas e conduzidas, de forma a promover melhorias nas relações interpessoais, independente da natureza. Cada indivíduo exerce um papel nestas relações e estas, funcionam como sistemas compostos por partes independentes e que se complementam.

O protagonismo vem identificar, muitas vezes, como esses papéis estão sendo exercidos. Percepções, vivências são particulares, mas quando compartilhadas com outros sistemas em formação ou reconstrução, promovem maior aprendizado. Desta forma, o mencionado anteriormente vem a ser reafirmado nos seguintes relatos:

A.M: *“A que mais me impactou foi a produção de P.G... nos desenhos dela ela sempre esconde o rosto e o que me impactou foi ela ter escondido o rosto dela...é como se tivesse se protegendo...se escondendo...ela ainda tem muitos medos...ainda não conseguiu se curar.” “Sabe aquela música da Iza que fala: Dona de mim...ela tem que ser a protagonista...que ela não deixe que nada mais influencie o EU dela...ela que vai escrever a história dela daqui para frente...ela não tem que se esconder não...ela tem que se abrir e falar: eu posso, eu consigo. É uma mulher poderosa, inteligente, com um coração gigante.”*

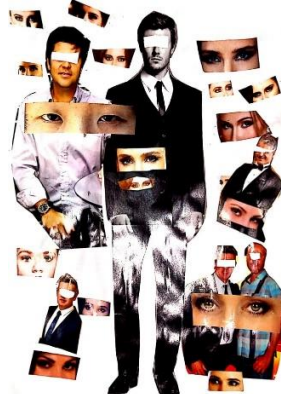
C.A: *“Acho que assim, autoconhecimento, transformação, é tentar tirar as poeiras guardadas da gaveta e se tornar pessoas melhores porque a gente pode sim, e conhecer a gente mesmo, do que gosta, do que não gosta...vé...olha não sou a única a passar por isso...ela também passou e... é uma forma de compreensão e ajuda sabe...”*

Importante registrar que não ter respostas, ou ter respostas inesperadas, não quer dizer que não houve aprendizado ou abertura. É entender que é um processo. O autoconhecimento é um processo e o entendimento do tempo de resposta, constitui estratégia de amadurecimento e ressignificação.

O protagonismo a ser reconstruído e redefinido continuamente se dá pela permissão e reconhecimento individual. Importante mencionar que neste processo de reconstrução há conteúdos de formação positiva, mas também há aqueles que podem ser classificados como sombras. Algumas vivências possibilitaram o contato com conteúdos que configuraram as sombras dentro do processo de individuação, trazendo memórias e feridas e como isso pôde contribuir positivamente no caminhar para a ressignificação. Permitir-se o contato com processos traumáticos requer força, compreensão e entendimento da importância de um olhar mais atento para essas dores. Isso pode ser observado nas produções das Figuras 10, 11 e 12, que trazem a expressão de conflitos, dores e poder olhá-las resulto no querer e não se permitir dentro do processo de ressignificação.

Figura 10 - A.M – Medos

Fonte: Acervo da autora - 2022

Figura 11 - P.G – Obscuro**Figura 12 - C.A – Força, Movimento**

Fonte: Acervo da autora - 2022

Cabe ressaltar ainda, que reflexões foram construídas no sentido de se respeitar os limites individuais e utilizar a vinculação grupal foi importante como encorajamento e ancoragem no enfrentamento das consequências do contato com eventos traumáticos ocasionados pelas vivências. Saber respeitar esse caminhar é respeitar o tempo de aprendizado e, mais ainda, entender que o foco não está no resultado exclusivamente, e sim, no processo de conquista e construção deste resultado, conforme disposto no relato abaixo:

C.A: *“Então...já que estamos no processo de transformação eu acho que...o fogo queima e depois floresce...eu acho que a gente tem 4 estações na vida e às vezes a gente vem a primavera, outono e as outras e eu acho que a gente tem que aprender a lidar com as 4 estações...tem momento para tudo...o momento do luto, da transformação, e a gente está nesse processo de caminhar, de transformar e de florescer”.*

O protagonismo é construído não só com base no que o outro representa na formação individual, mas, de que forma podemos nos olhares, reconhecer fragilidades, entender que elas fazem parte da individuação e muitos entendimentos são feitos de forma solitária. Ao invés de tecer um olhar de forma negativa em sua totalidade, é importante buscar um novo olhar, um olhar além do que é mostrado, um olhar cuidadoso a si mesmo.

As sessões arteterapêuticas finais da pesquisa envolveu a construção de um personagem (boneca) como forma simbólica do renascimento de uma identidade que estas mulheres oportunizaram revisitar. A materialização dela por meio de um molde, tipo de tecido, preenchimento, acessórios, vestimenta e o próprio ato de costurar foi totalmente idealizado e executado pelas participantes. A escolha da temática destas sessões arteterapêuticas teve por finalidade o fortalecimento de uma conexão interna já construída, ou seja, a figura de uma boneca, carregada de toda força arquetípica, pôde ser capaz de religar conteúdos, emoções, pensamentos ainda desconectados, e, trazer à luz o que há de belo no universo submerso na sombra de cada uma.

Figura 13 – C.A



Figura 14 – P.G



Figura 15 – A.M



Fonte: Acervo da autora - 2022

As bonecas são capazes de ativar a memória emotiva, despertar sentimentos profundos e fazer perceber habilidades antes desconhecidas. Através delas, é possível também projetar desejos, descobertas, alegrias e conduzirem a outros campos de reconexão. Cada boneca terá uma história para contar, assim como mencionado no relato da participante C.A:

“[...] eu cheguei a pensar...talvez esse corpo não me cabe mais...eu devia ter pensado melhor na escolha do tecido, na forma de costurar. Só percebi construindo a boneca e que poderia ter sido diferente. As dificuldades em desvirar, costurar, encher pode ser que seja aquilo que ainda não quero mexer, não quero olhar, nas é necessário” (C.A – Figura 13).

Alguns participantes se sentiram desafiadas diante de algumas dificuldades, como, por exemplo, extrair do molde, proceder ao preenchimento, fechar pontos da costura que se abriram, lidar com a forma inesperada que a boneca estava assumindo. Externavam o sentimento de incapacidade em fazer algo bem feito, diante da falta de habilidade, ou até mesmo com a frustração por inicialmente não assumir a forma planejada. Era necessário incentivo e ajuda. Aos poucos reconheciam a possibilidade de fazer, de que eram capazes e que a forma adquirida possibilitou um novo olhar diante de planejamentos estruturados e que podiam ser modificados.

Além da dificuldade natural da atividade, algumas reviveram os sentimentos de frustração diante da necessidade de fazer e refazer algumas vezes as costuras, formas e vestimentas. Neste momento, oportunizou-se lembrar que o processo de autoconhecimento promove readaptações, realinhamentos e novos aprendizados. Aos poucos as bonecas foram sendo concluídas. Ganharam vida e significado para cada uma.

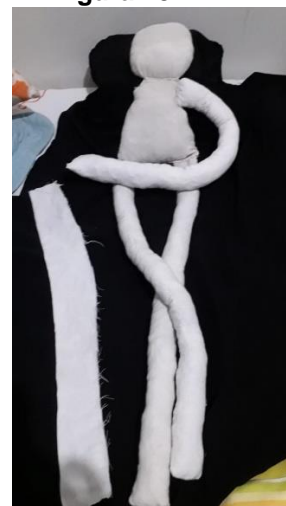
Figura 16 – C.A



Figura 17 – P.G



Figura 18 – A.M



Fonte: Acervo da autora - 2022

A criação foi concluída, a boneca foi gerada com todo o carinho possível. A partir dali uma nova história estava sendo construída. Há um futuro incerto a ser desbravado por estas mulheres, elas se mostraram confiantes, se lançaram com coragem rumo ao desconhecido. Um novo olhar, mais conectado e amoroso. Uma nova percepção de si mesmas e de suas potencialidades.

Por fim, observou-se na confecção das bonecas, a percepção das participantes sobre a mudança de padrão de pensamentos, atitudes e comportamentos, além da noção de limites claros ao que se busca concretizar e, também, ao que, de fato, não é mais admitido nas relações interpessoais e afetivas. Percebem e verbalizam a necessidade de se fazer ajustes neste novo aprendizado e o anseio cada vez mais latente de se reconectar com as necessidades próprias, assim como descrito abaixo:

P.G observou que durante a vivência de construção da boneca sentiu a necessidade de cuidar mais de si mesma. Às vezes esquece de detalhes relacionados a ela mesma, que são importantes e que fazem sentido, e quando percebe, a oportunidade já se desfez. Outra questão que observou e sentiu é que chegou a hora de não ser tão criança por dentro. Em relação a renascer, não quis passar por tudo que já viveu para reconstruir a história. Mas pensando da atualidade para o futuro, há realmente a necessidade de renascimento. O nome dado a boneca é ousado, atrevida. Acha que tais adjetivos estão dentro dela mesmo e estão querendo se apresentar.

C.A trouxe que foi uma boa experiência, reviveu muita coisa com a boneca e pensou que toda dificuldade pode ser superada e continuar a caminhada. No início sentiu muita irritação com a boneca, porque teve que várias vezes sair do controle para reconhecê-lo e voltar a ação. Aos poucos foi aceitando e se vê na boneca. Mencionou que diante de todo o seu processo individual, se tornou uma pessoa forte, mas, com o tempo, criou uma casca e que foi intitulada como a carrasca, mas por necessidade. Percebe as evoluções e que ainda tem muito a crescer. Quer mais leveza e diversão em seu caminho. O nome da boneca é um que sempre quis ser chamada: Veruska... uma parte de mim que ainda esteja escondida, mas que vai aflorar (sic).

Figura 19 – C.A – Veruska



Figura 20 – P.G – Ousada, atrevida



Figura 21 – A.M – Fênix



Fonte: Acervo da autora - 2022



Considerações Finais

Na pesquisa em referência, pôde-se verificar de que forma a arteterapia atuou como instrumento de transformação na vida destas mulheres que se dispuseram a proceder um reencontro consigo mesmo. As vivências arteterapêuticas proporcionaram a reconexão com uma identidade que se tornou fragilizada ao longo da vida e que pôde a cada encontro ser reconstruída e fortalecida diante de prioridades replanejadas ao longo do processo de autoconhecimento.

À medida em que as vivências aconteciam e novas técnicas e materiais introduzidos, percebeu-se a autoconfiança ressurgindo, dando espaço ao florescer de novas descobertas. Observou-se, ainda, uma trajetória de crescimento e fortalecimento, mesmo diante de resistências e dúvidas quanto a ter ou não a capacidade de fazer diferente ou ser diferente. Importante registrar que a arteterapia como recurso terapêutico é apenas a ponta de um iceberg, é um processo dinâmico, contínuo.

O processo grupal em arteterapia configurou um ambiente de compartilhamento de vivências, experiências e aprendizados, colaborando no fortalecimento do processo individual, assim como modificações significativas nas relações interpessoais. Esta troca possibilitou melhor manejo na capacidade de lidar com sentimentos confusos, dificuldades em vislumbrar outras possibilidades em detrimento das aprendidas e conhecidas, despertando assim, uma percepção mais atenta e cuidadosa a fatos ou situações que antes não era dada a devida atenção.

No decorrer do estágio supervisionado, percebeu-se que cada participante se transmutou em uma grande cebola composta por várias camadas e que para perceber como se dava o interior, era necessário despir-se de um passado engessado, de forma a entrar em contato consigo mesmo e resgatar a essência e a sua própria verdade. Além disso, construiu-se uma organização interna, de forma que passaram a se perceber como protagonistas de sua própria vida e que o outro, apenas contribui nesta formação, e não como o responsável que define esta construção.

Evidenciou-se também como resultados, o rompimento de padrões disfuncionais de comportamentos e pensamentos, permitindo um diálogo intenso e profundo com conteúdos internos, de forma a dar voz ao que antes havia sido silenciado. Sendo assim, a arteterapia proporcionou um espaço de acolhimento de forma a fortalecer o protagonismo individual, além do desenvolvimento da percepção da identidade, autoestima e autonomia das participantes.

O processo ainda é um processo. Não existe um resultado em definitivo, porque o autoconhecimento é dinâmico como a vida; existe começo, meio, mas não um fim determinado.

Referências

KRAFTA, Lina et al. **O Método da Pesquisa-Ação: um estudo em uma empresa de coleta e análise de dados.** Quanti & Quali Revista. Porto Alegre, 2007.

PHILIPPINI, Ângela. **Revista de Arteterapia: Imagens da Transformação.** Volume II. Clínica Pomar. Rio de Janeiro, 1995.

PHILIPPINI, Ângela. **Grupos em Arteterapia: redes criativas para colorir vidas.** Rio de Janeiro: Wak, 2020.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens.** São Paulo. Ática, 1992.

5 - METANOIA COM MANDALAS: UMA INTERVENÇÃO EM ARTETERAPIA PARA MULHERES NO “MEIO DA VIDA”

*Dalila Favareto*¹⁰
*Julicristie Oliveira*¹¹

Resumo: A metanoia é considerada um momento propício para reflexões e reorientações das trajetórias da vida. O objetivo deste estudo foi relatar a experiência de intervenção realizada a partir do diagnóstico e mapeamento do potencial, das demandas, dos papéis sociais desempenhados por mulheres na metanoia, bem como a identificação das possibilidades e dos desdobramentos criativos para seus projetos de vida. Trata-se de uma intervenção em arteterapia, realizada em 2022, como estágio de Curso de Pós-graduação Lato Sensu. Foram conduzidos três grupos arteterapêuticos online em 12 sessões cada, uma por semana, com duração de 1:30h a 2h. Inicialmente, participaram dos três grupos, 27 mulheres e 18 finalizaram todo o processo. As sessões iniciavam e encerravam com meditação, interiorização e música. Entre a abertura e o fechamento, foram propostos temas por meio de imaginações ativas, apresentações, histórias e contos que propiciavam o contato com os conteúdos internos que eram expressos em mandalas. O crescimento pessoal e coletivo das mulheres foi notado em todo o processo. Destacam-se a atenuação da autocobrança, do perfeccionismo, a promoção da autoaceitação, a valorização das qualidades e das conquistas. A identificação com os sofrimentos e as histórias de vida umas das outras foram motes interessantes para reconhecerem suas potencialidades, suas habilidades e propiciarem o fortalecimento emocional para os projetos de vida.

Palavras-chave: Mulheres; Meia Idade; Arteterapia.

Metanoia with mandalas: an art therapy intervention for women in the “middle of life”

Abstract: Metanoia is considered a propitious moment for reflections and reorientations of life trajectories. The aim of this study was to report the intervention experience based on the diagnosis and mapping of potential, demands, social roles played by women in metanoia, as well as, the identification of possibilities and creative resources for their life projects. This is an intervention in art therapy, carried out in 2022, as a graduation from the Lato Sensu Postgraduate Course. Three groups were conducted online in 12 sessions each, one per week, lasting from 1:30h to 2h. Initially, 27 women participated in the three groups and 18 completed the whole process. The sessions started and ended with meditation, interiorization and music. Between opening and closing, themes were proposed through active imaginations, presentations, stories and tales that provided contact with the internal contents that were expressed in mandalas. The women's personal and collective growth was noted throughout the process. The attenuation of self-demand, perfectionism, the promotion of self-acceptance, the appreciation of qualities and achievements stand out. Identifying with each other's sufferings and life stories was very interesting for them to recognize their potential, their abilities and provide emotional strengthening for their life projects.

Keywords: Women; Middle Aged; Art therapy.

Metanoia con mandalas: una intervención de arteterapia para mujeres en la “mitad de la vida”

Resumen: La metanoia es considerada un momento propicio para reflexiones y reorientaciones de trayectorias de vida. El objetivo de este estudio fue relatar la experiencia de intervención realizada a partir del diagnóstico y mapeo de potencialidades, demandas, roles sociales desempeñados por mujeres en la metanoia, así como la identificación de posibilidades y recursos creativos para sus proyectos de vida. Se trata de una intervención en arteterapia, realizada en 2022, como graduación del Curso de Posgrado Lato Sensu. Tres grupos fueron atendidos en línea en 12 sesiones cada uno, una por semana, con una duración de 1:30h a 2h. Inicialmente, 27 mujeres participaron en los tres grupos y 18 completaron todo el proceso. Las sesiones empezaban y acababan con meditación, interiorización y música. Entre la apertura y el cierre, se propusieron temas a través de imaginações activas, presentaciones, historias y cuentos que permitieron el contacto con los contenidos internos que se expresaron en mandalas. Durante todo el proceso se notó el crecimiento personal y colectivo de las mujeres. Destacan la atenuación de la autoexigencia, el perfeccionismo, el fomento de la autoaceptación, la valoración de las cualidades y los logros. Identificarse con los sufrimientos y las historias de vida de cada una fue muy

1 Terapeuta Holística, Arteterapeuta pelo NAPE, Campinas, SP. E-mail: dafavareto@gmail.com

2 Sanitarista, Docente, Arteterapeuta pelo NAPE, Campinas, SP. E-mail: juli.oliveira.arteterapia@gmail.com

interesante para reconocer sus potenciales, sus capacidades y fortalecer emocionalmente para sus proyectos de vida.

Palabras clave: Mujeres; Mediana Edad; Arteterapia.

Introdução

A metanoia ou passagem do meio pode ser considerada um momento específico da trajetória de vida que é propício para mudanças no seu modo de compreensão. Para além de enxergá-la como “sucessão linear de anos”, reflexões sobre o sentido da vida e a identidade podem emergir. Questões como “quem sou eu?” e “para onde estou indo?” se tornam pulsantes, o que fomenta o enfrentamento de dilemas e angústias até então evitadas, bem como impulsiona reorientações do curso existencial (HOLLIS, 1995, p. 25).

As histórias de vida têm forte presença na psique, o que pode aumentar a probabilidade de haver definição e continuação dos papéis desempenhados anteriormente. Assim, a passagem do meio também pode ser iniciada com a questão: “Quem sou eu, além da minha história e dos papéis que representei?” (HOLLIS, 1995, p. 25).

Esses questionamentos e reflexões profundas encontram na arteterapia uma possibilidade de contato consciente, elaboração, superação ou incorporação de elementos e significados que podem fortalecer desejos, capacidade de ação e reorientação de trajetórias. Nesse sentido, a mandala pode ser um dispositivo expressivo interessante para ser trabalhado com mulheres na metanoia.

De origem sânscrita, a palavra mandala significa círculo. Nas esferas psicológicas e religiosas, tratam-se de imagens circulares que podem ser desenhadas, pintadas, modeladas ou dançadas. Como expressões religiosas, essas estruturas plásticas são observadas no Budismo Tibetano e nas figuras dançantes dos mosteiros Dervixes (JUNG, 2017).

Por outro lado, como fenômenos psicológicos, as mandalas podem surgir em sonhos ou em momentos de conflitos. É muito comum ser expressa em formato quaternário, em múltiplo de quatro, em cruz, em estrela, em quadrado e em octógono. Nos escritos da alquimia, por sua vez, a forma circular representa a síntese dos quatro elementos (JUNG, 2017).

A mandala pode ser considerada a base para a construção de um modelo universal que ilustra a funcionalidade do self. A imagem circular, compreendida em sua dimensão transcultural, está presente em várias religiões e civilizações. A mandala representa a completude, o aspecto mais importante da vida, ou seja, a estrutura profunda do self. Nesse sentido, trata-se de um protótipo circular inserido em um quadrado no qual o centro equivale ao self, ao norte há a persona e ao sul o indivíduo, ao leste há a ação (práxis) e ao oeste o conhecimento (sabedoria) (HWANG, 2011).

O objetivo deste estudo foi relatar a experiência de intervenção realizada a partir do diagnóstico e mapeamento do potencial, das demandas, dos papéis sociais desempenhados por mulheres na metanoia, bem como a identificação das possibilidades e dos desdobramentos criativos para seus projetos de vida.

Métodos

Trata-se de um estudo de intervenção em arteterapia, realizado entre 16 de março e 1º de setembro de 2022, como estágio obrigatório do Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Arteterapia, oferecido pelo Núcleo de Arte e Educação (NAPE), unidade Campinas, SP. Foram propostos e conduzidos três grupos de intervenção em arteterapia online “Metanoia com Mandalas” em 12 sessões cada, compostos por mulheres adultas, residentes em diferentes estados brasileiros ou em países do exterior, com idades entre 28 e 57 anos. O intuito do processo arteterapêutico foi apoiar e subsidiar o processo reflexivo dessas mulheres.

As sessões foram realizadas via plataforma Zoom, com duração de 1:30h a 2h, e conduzidas pelas autoras deste estudo (DF, JO). Foi realizada uma sessão semanal, em dia e horário fixo, acordado com as mulheres de cada grupo.

As mulheres foram convidadas via rede social de uma das autoras (DF) e aquelas que declaram interesse em participar da intervenção foram incluídas em grupos de WhatsApp específicos (Grupo 1, 2 e 3). Por meio dos grupos, foram realizadas as confirmações das sessões, o envio de orientações sobre os materiais que seriam utilizados em cada uma, bem como o compartilhamento das imagens das mandalas produzidas pelas participantes em cada sessão.

Antes de iniciar o processo arteterapêutico, solicitou-se às mulheres o preenchimento, assinatura e envio da “Declaração de Cessão de Direito de Uso de Imagem”.

O primeiro grupo iniciou no dia 16 de março, com participação de 9 mulheres, e finalizou no dia 1º de junho, com 5 mulheres. O segundo grupo iniciou no dia 11 de abril, com a participação de 10 mulheres, e finalizou no dia 27 de junho, com 6 mulheres. O terceiro grupo iniciou no dia 9 de junho, com a participação de 8 mulheres, e finalizou em 1º de setembro, com 7 mulheres. Portanto, 27 mulheres participaram da 1ª e 18 da 12ª sessão. Assim, 66,7% (2/3) das mulheres realizaram o processo arteterapêutico de modo completo e 33,3% (1/3) participaram de algumas sessões, mas não o finalizaram.

As 12 sessões propostas foram planejadas e conduzidas pelas duas autoras (DF, JO), e discutidas nas reuniões de supervisão de estágio oferecidas pelo NAPE, unidade Campinas, SP. Em geral, as sessões iniciavam e finalizavam com uma técnica de meditação, interiorização e música. Entre a abertura e o fechamento, foram propostos temas por meio de imaginações ativas, apresentações, histórias e contos que propiciavam o contato com os conteúdos internos que eram expressos em mandalas e partilhados em grupo.

A apresentação do tema era realizada em cerca de 10 min e para a composição das mandalas eram atribuídos de 30 a 50 min, dependendo da técnica expressiva utilizada. Posteriormente, as mulheres eram convidadas a partilhar sua mandala, mostrar por câmera e descrever como foi o processo de composição, por onde iniciaram, a escolha das formas, das cores, dos elementos, bem como os sentimentos, as emoções e as sensações que foram mobilizadas. Por fim, abria-se a palavra para algum comentário adicional e era conduzido o fechamento da sessão.

Quadro 1 - Síntese metodológica do processo “Metanoia com Mandalas”, com número, tema, objetivo e material expressivo empregado em cada sessão com o Grupo 3

1.0 ENCONTRO COM O PRÓPRIO NOME

Objetivo: Propiciar e facilitar o primeiro contato com o grupo, com vistas a criação de vínculo entre as mulheres e com as estagiárias.

Materiais Expressivos: Folha de papel A4, Lápis Grafite, Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Hidrocor.

2.0 ENCONTRO COM A CASA INTERIOR

Objetivo: Fortalecer o vínculo estabelecido após o primeiro contato com o grupo.

Materiais Expressivos: Folha de papel A4, Lápis Grafite, Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Hidrocor.

3. AS IMAGENS NO ESPELHO

Objetivo: Propiciar o diagnóstico de elementos, demandas e sintonias no grupo para embasar as próximas sessões.

Materiais Expressivos: Folha de papel A4, Folhas Coloridas, Cola, Tesoura, Lápis Grafite, Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Hidrocor.

4. “QUEM SOU EU?” E “PARA ONDE ESTOU INDO?”

Objetivo: Dar continuidade ao diagnóstico de elementos, demandas e sintonias no o grupo para embasar as próximas sessões.

Materiais Expressivos: Folha de papel A4, Cola, Tesoura, Lápis Grafite, Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Hidrocor.

5. O TECIDO DA VIDA

Objetivo: Apoiar as mulheres a fortalecerem suas capacidades de equilibrarem suas contrapartes masculina e feminina, de desenvolverem a habilidade de “tecer e retecer” os tecidos de suas próprias vidas.

Materiais Expressivos: Tecidos, retalhos, linhas e fios diversos, agulhas, alfinetes, broches, bottons, botões, cola, tesoura e itens com valor afetivo.

6. ELEMENTO FOGO

Objetivo: Ativar e equilibrar o elemento fogo no grupo de mulheres.

Materiais Expressivos: Velas Coloridas, Folha de papel A4, Lápis Grafite, Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Hidrocor.

7. ELEMENTO ÁGUA

Objetivo: Ativar e equilibrar o elemento água no grupo de mulheres.

Materiais Expressivos: Recipiente com água, Copo com água potável, Aquarela, Guache, Folha de papel A4 branca, Lápis, Tesoura.

8. ELEMENTO TERRA

Objetivo: Ativar e equilibrar o elemento terra no grupo de mulheres.

Materiais Expressivos: Prato Branco Raso ou com uma cor única, sem estampas, Frutas Picadas ou Inteiras, Temperos, Ervas, Hortaliças, Sementes, Grãos, Faca sem ponta, Garfo e Pano de Prato.

9. ELEMENTO AR

Objetivo: Ativar e equilibrar o elemento ar no grupo de mulheres.

Materiais Expressivos: Dois Palitos de Comida Oriental ou Palitos de Espeto sem pontas, Linhas de Algodão ou



Lãs de Diversas Cores, de preferência mais grossas.
10.MÃOS, OLHOS DA ALMA Objetivo: Agradecer e honrar as mãos trabalhadoras que realizaram o processo arteterapêutico. Materiais Expressivos: Aquarela, Guache, Folha de papel A4, Lápis Grafite, Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Hidrocor.
11.PÉS, O CAMINHAR Objetivo: Agradecer e honrar os pés que permitiram as caminhadas simbólicas no processo arteterapêutico. Materiais Expressivos: Folha de papel A4, Lápis Grafite, Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Hidrocor, recortes de revistas, cola e tesoura.
12.MANDALA SÍNTESE COM ESCRITA CRIATIVA Objetivo: Fechar o processo arteterapêutico, lembrando os momentos e sessões mais marcantes. Materiais Expressivos: Aquarela, Guache, Folha de papel A4, Lápis Grafite, Lápis de Cor, Giz de Cera, Caneta Hidrocor.

No Quadro 1, há a versão da sequência e temas das sessões que foram aplicadas no Grupo 3. Nos Grupos 1 e 2, foi realizada a 5ª sessão com o tema “As coisas boas da vida”, com objetivo de apoiar as mulheres a identificarem vivências positivas que ficaram no passado e que poderiam ser recuperadas ou que ainda estão no presente e poderiam ser prolongadas para o futuro.

Assim, nesses grupos, a 6ª sessão foi “O tecido da vida”. Houve também diferenças nas sessões de finalização. Para o Grupo 1, não foi realizada a sessão “Pés, o caminhar” e a de finalização foi semelhante à sessão do Grupo 3, “Mandala síntese com escrita criativa”. No Grupo 2, por sua vez, a sessão de finalização foi a “Pés, o caminhar”. Houve também alterações na ordem de realização das sessões sobre os quatro elementos. Além dessas, algumas especificidades como a condução da discussão, das meditações ou as músicas escolhidas para algumas sessões foram particulares para cada grupo. Cabe destacar que todos os ajustes mencionados foram realizados de acordo com o diagnóstico, as características, as necessidades das mulheres e seus respectivos grupos.

Os resultados foram sistematizados em três categorias de sessões: de 1 a 4, “Vínculo e diagnóstico”, de 5 a 9, “O tecido da vida e Os quatro elementos”, e de 10 a 12, “Mãos, pés e mandala síntese”. Para cada categoria, foram selecionadas imagens de três mandalas, uma de cada grupo, para ilustrarem o processo e foram elaboradas algumas hipóteses interpretativas com base nos relatos das participantes, no Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2020) e em outros referenciais quando necessários.

Resultados

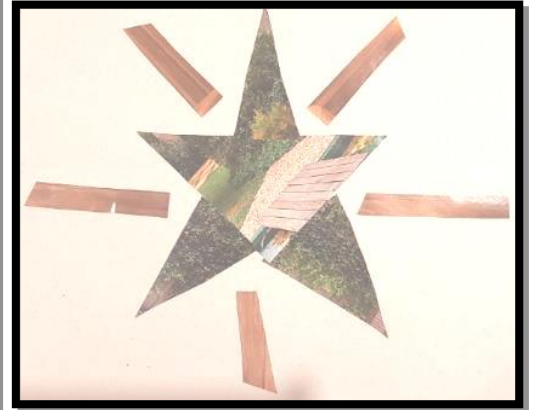
Sessões 1 a 4: Vínculo e Diagnóstico

As sessões iniciais foram marcadas por relatos semelhantes entre os três grupos. Na 1ª, “O encontro com o próprio nome”, algumas mulheres referiram não gostar do nome, dele inteiro ou preferirem uma versão curta, além de se sentirem angustiadas e confusas. Outras mulheres, porém, relataram emoção, beleza, aceitação sensação de tranquilidade e paz. Na 2ª, “O encontro com a casa interior”, foi comum o relato de visualizarem casa de madeira, fechadura dourada, luz natural, água e jardim na parte externa, além de sentirem cheiros. Todavia, houve relato também de casa vazia, cerração ou de não conseguirem visualizar o interior da casa.

A 3ª sessão, “Imagens no espelho”, iniciou com o conto “O discípulo e o mestre” (PIRAQUARA, 2023), as mulheres relataram conexão com a infância, a criança interior, a adolescência, a tristeza por cicatrizes, fracassos relacionais (mãe, parceiro, filha), por excesso de responsabilidade, por se doarem demais para os outros, se negligenciarem ou não se realizarem profissionalmente.

Algumas tiveram dificuldades de se conectarem, não sentiram que o processo foi agradável, foram autocríticas, surgiram questionamentos sobre a vida, o que querem ou não manter, o que é realidade ou ilusão. Esses relatos dolorosos estavam mais presentes nos Grupos 1 e 2. Assim, para o Grupo 1, foi realizada uma sessão com o tema “As coisas boas da vida”, ao som de músicas pop dos anos 80, o que trouxe e reforçou as alegrias e convivências da infância e da adolescência, para potencializar a cura da criança interior. No Grupo 2, ao ser diagnosticado o contato constante com as tristezas e as lembranças traumáticas, na 4ª sessão, “Quem sou eu? e Para onde estou indo?”, foi proposto um direcionamento para o resgate das experiências positivas, elementos interessantes que poderiam ser mantidos e reforçados nas suas trajetórias de vida.

No Grupo 3, apesar de presentes, os relatos dolorosos não eram predominantes. A 4ª sessão foi marcada por catarses, emoção por suas trajetórias, seus processos de transformação, o que gostam em si mesmas e o que querem conquistar. O contato com a leveza, a espiritualidade, a essência, a felicidade e os sonhos da alma foram destacados pelas mulheres. As imagens abaixo são exemplos das mandalas produzidas pelas participantes durante as sessões.



Participante do Grupo 3, 1ª Sessão: Encontro com o próprio nome

Participante do Grupo 1, 2ª Sessão: Encontro com a casa interior

Participante do Grupo 2, 3ª Sessão: Imagens no espelho

Fonte: Dados do estudo (2023)

A imagem acima, localizada à esquerda, corresponde à mandala elaborada por uma participante do Grupo 3. No centro da mandala, há um coração vermelho e dele jorra uma nascente, uma fonte de água, como relatado pela participante ao descrever seu trabalho. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2020), o coração corresponde, justamente à ideia de centro da vida, da vontade, da individualidade e do divino, para onde se retorna após a caminhada espiritual. A fonte, por sua vez, confere a noção de rejuvenescimento, regeneração, purificação e cura (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). A participante se emocionava muito nas sessões iniciais, se sentia negligenciada e lamentava a dedicação excessiva à família. Ao longo do processo, as lágrimas deram lugar a uma maior valorização do seu trabalho de cuidado, fortaleceram seus desejos e a possibilidade de realizá-los. Ela constantemente se referia a si mesma como uma mulher de fé e destacava sua religiosidade, seu encontro com o sagrado.

A segunda imagem, localizada ao centro, se refere a uma mandala produzida por uma participante do Grupo 1. A mulher em questão referiu não saber desenhar e se encantou com habilidade que expressou ao compor sua mandala. Na imaginação ativa, que a levou ao contato com sua casa interior, a participante referiu sentir o cheiro de manga da árvore que há no terreno de sua residência. A árvore descrita ocupou o centro da mandala. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2020), a árvore evoca o aspecto cíclico da evolução, do eixo do mundo, da ligação entre o céu e a terra, seus frutos podem significar renovação e fertilidade. A participante também lamentava a dedicação excessiva à família nas sessões iniciais. Porém, estava estudando novamente, fazendo uma formação em uma área de muito interesse e sentia a necessidade de “queimar”, como declarou em uma das sessões seguintes, para propiciar a abertura a outras experiências.

Por fim, a imagem localizada à esquerda representa a mandala produzida por uma participante do Grupo 2. A participante entrou atrasada e, apesar de não conseguir se conectar muito com a meditação, em certo momento visualizou um formato de estrela, rememorou a época que fazia mosaico e sentiu a necessidade de se conectar mais com a natureza. O pentagrama ou estrela de cinco pontas pode simbolizar a manifestação da luz, o centro místico e um universo em expansão (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). A participante relatou em outras sessões sua rotina corrida por equilibrar a jornada de trabalho com o cuidado da filha, com a qual morava sozinha. Relatou sentir falta de luz solar onde vivia e percebeu que estava em um momento propício para realizar algumas mudanças.

Sessões 5 a 9: O Tecido da Vida e Os Quatro Elementos

A 5ª sessão, “O tecido da vida”, foi um ponto de inflexão importante no andamento do processo arteterapêutico. Como mencionado anteriormente, especialmente nos Grupos 1 e 2, as mulheres se mostraram cristalizadas em determinadas tristezas, eventos traumáticos, fracassos relacionais e frustrações, porém, ao trabalharmos o conto “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti (2004), foi possível potencializar o contato com a capacidade de “tecer e retecer” o tecido da vida.

A moça tecelã tece e vive com simplicidade, mas é tomada por frustrações ao realizar certos desejos que, ao fim, a escraviza. Todavia, ela recupera e fortalece sua capacidade de comandar o tear, de voltar atrás e desfazer as tramas que se tornaram teias aprisionantes.

Ao entrarem em contato com a história da moça tecelã, as mulheres foram capazes de perceber suas forças internas e a capacidade de comandarem seus

próprios teares, de desfazerem tramas, padrões, de misturarem linhas, de recriarem tecidos mais leves e maleáveis. A primeira imagem abaixo é um exemplo de mandala com tecido produzida por uma participante do Grupo 2.



Figura 1 - Participante do Grupo 2:
5ª Sessão: O tecido da vida



Figura 2 - Participante do Grupo 1:
6ª Sessão: Fogo



Figura 3 - Participante do Grupo 3,
8ª Sessão: Terra

Fonte: Dados do estudo (2023)

A partir da 6ª sessão, foram trabalhados os quatro elementos. Como mencionado, a ordem das sessões foi particular para cada grupo, de acordo com o diagnóstico das características e das necessidades de queimar, aterrar, aguar e arejar. O objetivo dessas sessões foi equilibrar os elementos na esfera psíquica, no sentido de fortalecer ou atenuar. Foi interessante notar que cada mulher se mostrou mais identificada com a natureza de um ou outro elemento, bem como perceberam qual ou quais precisariam de atenção, cuidado e potencialização.

Acima, estão dois exemplos de imagens de mandalas de participantes dos Grupos 1 e 3, das sessões Fogo e Terra, respectivamente.

A imagem acima, localizada à esquerda, corresponde à mandala elaborada por uma participante do Grupo 2. Ela apresentava problemas de conexão com a internet em algumas sessões, entrava um pouco atrasada, relatava muita confusão e ansiedade. Suas primeiras mandalas não representavam um centro definido, havia dificuldade de incluir o que imaginava no círculo e algumas imagens eram alocadas fora. A participante em questão teve problemas de conexão nessa sessão, mas conseguiu acompanhar a contação da “A Moça Tecelã” (COLASANTI, 2004), se mostrou encantada com a jornada, confeccionou a mandala em tecido, bordada e compartilhou com o grupo posteriormente. É possível notar o centro e o formato circular definido, o que pode indicar a capacidade de reestruturação psíquica experimentada. A escolha pelo bordado foi da própria participante, pois se recomendou que as mulheres empregassem a técnica que achassem melhor, de modo livre. Bordar, alinhar e manejar o tecido não tarefas fáceis. Segundo Salves de Brito (2022), o bordado tem beleza e serventia, demanda modos de transmissão e corpo disciplinado, expressa e fomenta a vida, aponta variados sentidos e propósitos. Na produção dessa mulher, o bordado foi possibilidade de cura, foi perceptível a atenuação da ansiedade e o aumento do envolvimento com as técnicas expressivas subsequentes, o que a levou a reproduzir algumas com sua filha.

A imagem localizada ao centro, se refere à mandala produzida por uma participante do Grupo 1. A chama que brota da posição central da mandala em direção ao sul, ao céu, ao sol, representa o elemento trabalhado. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2020), o fogo se relaciona a ritos de purificação, de passagem e de renascimento, além de ser motor de regeneração que promove a sublimação da água. A participante se mostrou bem envolvida com essa sessão, relatou a necessidade de “queimar”, de desfazer estruturas rígidas, a postura de cobrança interna e com as pessoas do seu entorno, como os familiares. Notou-se um aumento de flexibilidade nas demais sessões, com maior abertura para relatar suas reflexões e emoções para o grupo.

A última imagem, localizada à esquerda, corresponde à mandala elaborada por uma participante do Grupo 3. É nítida a posição central que a cabeça da figura feminina ocupa na imagem, adornada de cabelos feitos por grãos de milho, que simboliza a prosperidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). A participante que compôs essa mandala reside no exterior, mas nasceu nordeste do Brasil. Apesar de adaptada e feliz onde vive, ela relatava muitas lembranças de sua infância, saudades de certas comidas, sabores, cheiros e relações, especialmente com a mãe e outros familiares. É interessante notar que ela elegeu o milho, cereal cujo centro de

origem é o continente americano, o que a religa à sua terra e lhe confere alicerce para construir outra parte de sua história, agora no continente europeu.

Sessões 10 a 12: Mãos, Pés e Mandala Síntese

A 10ª sessão, “Mãos, olhos da alma”, se iniciou com um trecho do livro “Psique e Imagem”, de Gustavo Barcellos (2012), no qual o autor afirma que as mãos fazem, realizam, forjam, alteram, modificam, oram e laboram. Como extensão do cérebro, as mãos compreendem a matéria como ofício, e como extensão do coração, as mãos compreendem a matéria como arte (BARCELLOS, 2012). Nessa dimensão da palpabilidade, daquilo que pode ser tocado e transformado, foi conduzida a antepenúltima sessão que nos preparava, como estagiárias e como grupo de mulheres, para o fechamento do processo arteterapêutico que se desenrolou por cerca de três meses.

A 11ª sessão, “Pés, o caminhar”, se iniciou com um trecho do “Dicionário de Símbolos”, de Chevalier e Gheerbrant (2020), que discorrem profundamente sobre o significado dos pés, ao percorrerem diferentes fontes históricas e bibliográficas. Nessa compilação, os autores destacam que os pés designam o fim, pois o caminhar começa e termina pelo pé que simboliza poder, expressa comando, além de conferir sentido da realidade: ter os pés no chão (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). Para o Grupo 2, essa foi a sessão de finalização.

Os grupos expressaram muita emoção com essas sessões que tocaram em pontos sensíveis. Houve relato de muita profundidade na compreensão das qualidades atribuídas a cada dedo das mãos, expressas nas mandalas, bem como na qualidade do caminhar, sem pressa, na percepção das diferenças pessoais que tiveram com o processo, pois se sentiam mais tranquilas e com a autocobrança atenuada.

Os Grupos 1 e 3 tiveram a “Mandala Síntese com Escrita Criativa” como 12ª sessão. Essas foram conduzidas com particularidades, de acordo com as características das mulheres que compuseram cada grupo.

Mais uma vez, houve muita emoção, relatos de se reconhecerem nas falas e nas trajetórias umas das outras. O vínculo estabelecido entre as mulheres foi nítido e expresso na oferta de apoio e acolhimento. Mesmo entre as lágrimas pela despedida, os grupos transmitiam alegria, leveza e um forte sentimento de gratidão pelo processo. Abaixo, estão três exemplos de imagens de mandalas de participantes dos Grupos 1, 2 e 3, das últimas sessões.



Figura 4 - Participante do Grupo 1, 10ª Sessão: Mãos, olhos da alma

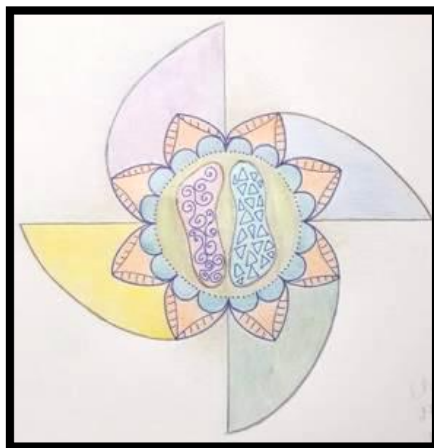


Figura 5 - Participante do Grupo 2, 11ª Sessão: Pés, o caminhar



Figura 6 - Participante do Grupo 3, 12ª Sessão: Mandala síntese

Fonte: Dados do estudo (2023)

A primeira imagem, localizada à direita, corresponde à mandala de uma participante do Grupo 1. Nessa sessão, a técnica para compor a mandala era livre e foram comentadas apenas algumas possibilidades, como desenhar, contornar, imprimir, porém as mulheres poderiam optar por essas sugestões ou outras que sentissem vontade. A participante escolheu imprimir a mão com tinta guache vermelha em papel e preencher os demais espaços externos com outras cores. A palma da mão, localizada ao centro da mandala, deu destaque a um vale natural que, no papel, configurou um espaço em branco. Essa participante, assim como as demais do Grupo 1, manifestava muita tristeza e frustração com as relações, especialmente com a mãe e ex-parceiro. Ela foi capaz de se distanciar um pouco dessas dores cristalizadas e traçar um caminho mais amoroso consigo. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2020), o branco, que pode ser considerado ausência ou soma de cores, é a cor da alvorada, da revelação e a predominante nos ritos de passagem.

A imagem localizada ao centro, se refere à mandala produzida por uma participante do Grupo 2. Os pés, tema da sessão, estão na parte central da mandala. Um em cor lilás, aponta para norte, e está repleto de espirais, o outro em cor verde, aponta para o sul, e está repleto de triângulos. A participante em questão relatava ser perfeccionista e em muitas sessões não conseguiu compor uma mandala completa, circular, pois ficava muito ansiosa para “fazer direito”. Esses processos foram atenuados ao longo do percurso e a participante conseguiu manejar a ansiedade, a autocobrança e finalizar as propostas de cada sessão. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2020), o triângulo com a ponta para o norte simboliza o masculino e para o sul o feminino. A espiral se relaciona à evolução de uma força, ao desenvolvimento e ao progresso (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020).

A última imagem, localizada à esquerda, corresponde à mandala elaborada por uma participante do Grupo 3. Na a posição central, há uma flor dourada. A flor é símbolo de amor e harmonia, e a flor de ouro pode ser interpretada como a floração que retoma o estado primordial, que resulta de uma alquimia da alma (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). A participante que elaborou essa mandala reside no exterior, fez conquistas profissionais interessantes, porém sentiu a necessidade de destacar sua feminilidade e se percebeu buscando comprar anéis e batons, reforçando aspectos que estavam em segundo plano.

Discussão

Este estudo descreve os resultados da intervenção realizada com três grupos de mulheres, por 12 sessões (12 semanas, cerca de 3 meses), durante o ano de 2022, que utilizou a mandala como a base da técnica expressiva. Os recursos plásticos aplicados foram diversos, como papel, lápis, giz, caneta hidrocor, tinta, cola, recorte, linha, fita, tecido, fruta, semente, tempero, água, palito, dentre outros. As sessões, em geral, iniciavam e finalizavam com uma técnica de meditação, interiorização e música. Entre a abertura e o fechamento, foram propostos temas por meio de imaginações ativas, apresentações, histórias e contos que propiciavam o contato com os conteúdos internos que eram expressos em mandalas e partilhados em grupo.

Fussi (2012) também desenvolveu um estudo de caso com mulheres de idades próximas a 40 anos. Elas participavam de grupo de assistência a vítimas de violência e, no processo arteterapêutico, foram capazes de partilharem suas dores e suas alegrias, por meio das quais houve a emergência de arquétipos. A confecção das mandalas potencializou o contato com a criança interior, a compreensão de conteúdos internos, a expressão de sofrimentos, a superação de conflitos, a organização emocional, o fortalecimento para a vida e o caminho de individuação.

Na presente intervenção, também foi observado o contato com a criança interior, além da fase da adolescência, que foram acessadas especialmente nas sessões que propuseram reflexões retrospectivas sobre a trajetória de vida. As mulheres relataram do que sentiam saudades, além de elementos que gostariam de resgatar. Esse processo de resgate e manutenção de características da infância e da adolescência é essencial para que a vivência da metanoia seja saudável, pois a fase subsequente de envelhecimento pode se beneficiar dessas ferramentas psíquicas, conferindo criatividade e abertura para o novo no processo de individuação.

Schmidt (2015) relatou a experiência de intervenção com mandalas para mulheres em diferentes idades e etapas de vidas profissionais. Foram usadas técnicas de aquecimento, como falar de si, letras de música e a expressão de seus papéis sociais, além da utilização de materiais plásticos, como papel, caneta, giz, lápis, dentre outros, e compartilhamento da experiência. A autora aponta que a mandala se mostrou uma ferramenta interessante na compreensão dos diferentes papéis da mulher na vida contemporânea, além de potencializar o contato com sentimentos, a tomada de consciência sobre o peso, a adequação, a dedicação a cada papel desempenhado, bem como a ausência ou minimização de certos papéis sociais considerados importantes.

As reflexões sobre os papéis profissionais também surgiram com força nos grupos da presente intervenção. Notou-se muito sofrimento relacionado a não realização profissional ocasionada pela dedicação excessiva ou exclusiva aos cuidados com a família, a sensação de não terem sido recompensadas ou terem sido negligenciadas por si mesmas. As tristezas relacionadas ao fracasso da relação com mãe, o parceiro, a filha, o sofrimento dessas ausências ou vínculos tênues foram relatados em todos os grupos, especialmente até a sexta sessão. Nesse ponto da intervenção, trabalhamos com a contação da “A Moça Tecelã” (COLASANTI, 2004), além da proposta de se utilizar tecidos e linhas para a confecção da mandala. Assim, essa vivência se destacou como um ponto de reorientação, pois as mulheres foram capazes de acessar suas forças internas, as possibilidades de serem unas, de escolherem suas próprias linhas, de “tecerem, destecerem e retecerem” os tecidos de suas próprias vidas.

Em outra intervenção, realizada por três meses com mulheres com depressão, assistidas em grupo na rede pública de saúde, por meio de ateliê terapêutico, foram aplicadas as técnicas de expressão, como movimento, desenho, pintura, colagem e modelagem. Esses recursos visaram a criação, o contato das mulheres com seu mundo interno e a ligação com o meio social, tendo como meta a integração. Observou-se que a intervenção facilitou a expressão simbólica, o autoconhecimento, a tomada de consciência e o crescimento pessoal das mulheres assistidas (RODRIGUES; ZIMMERMANN; VALLADARES-TORRES, 2012).

À semelhança da intervenção de Rodrigues, Zimmermann e Valladares-Torres (2012), a expressão simbólica foi notada nas sessões realizadas e surgiu tanto nas imaginações ativas quanto nas mandalas. O

autoconhecimento foi um ponto relevante em todo o processo e, nesse sentido, destacam-se as sessões nas quais foram trabalhados os quatro elementos, água, fogo, terra e ar. As mulheres relataram com quais elementos se identificavam, bem como aqueles que lhes faltavam na etapa da vida que se encontravam.

Foi possível perceber ao longo do processo arteterapêutico que algumas mulheres apresentavam dificuldade de estruturar suas mandalas e, com o transcorrer das sessões, foram capazes de elaborar sentimentos, emoções e frustrações que refletiram na composição. A autora von Franz (2018), ao discorrer sobre a mandala na concepção junguiana, comenta que a mandala com círculo incompleto ou quebrado denota estado de infelicidade e distância de si. Em contrapartida, os círculos completos exprimem estado de harmonia e bem-estar (VON FRANZ, 2018). Essa capacidade de mudança de frequência, da tristeza para a harmonia, foi um elemento chave para o sucesso da intervenção.

É importante destacar o desejo de autonomia expresso pelas mulheres, tema que foi debatido por Kast (2016a), em seu livro “O caminho para si mesmo”. Segundo a autora, a construção da autonomia demanda uma postura desperta para com o mundo exterior e interior. É preciso identificar os momentos em que se esquiva do caminho da autonomia e se transfere a responsabilidade pelo fracasso a elementos externos e aos outros. Assim, é preciso ter astúcia para despistar os medos, as decepções, as angústias para retomar e seguir o caminho.

Durante todo o percurso arteterapêutico, as mulheres foram estimuladas a serem mais acolhedoras e empáticas consigo mesmas e com as demais participantes dos grupos às quais pertenciam. Kast (2016b) destaca a importância da empatia, da habilidade de expressar compaixão e valorizar a solidariedade nos relacionamentos interpessoais. A autora também enfatiza que a empatia por si propicia o distanciamento para se olhar como se fosse uma outra pessoa, exercício esse essencial para aceitação daquilo que se é, por inteira.

Conclusão

O crescimento das mulheres, tanto individualmente, quanto em grupo, foi notado em todo o processo de “Metanoia com Mandalas”, em 12 sessões. A atenuação da autocobrança, do perfeccionismo, a promoção da autoaceitação, a valorização das qualidades e das conquistas que realizaram em suas vidas, por meio das meditações, da aplicação das técnicas expressivas e das partilhas, tornaram-se vivências marcantes em suas trajetórias. A disposição para se ouvirem, se consolarem e se valorizarem foi sendo fortalecida ao longo das sessões. A identificação com os sofrimentos e as histórias de vida umas das outras foram motes interessantes para reconhecerem suas potencialidades, suas habilidades e propiciarem o crescimento pessoal e coletivo.

Referências

- BARCELLOS, G. **Psique e imagem: estudos de psicologia arquetípica**. São Paulo, Vozes, 2012. (112 p).
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 37. ed. São Paulo: José Olympio, 2020. (1096 p).
- COLASANTI, M. **A moça tecelã**. São Paulo: Global Editora, 2004. (20 p).
- FUSSI, F. E. C. Mulheres e mandalas construídas com papel: um caminho de individuação. **Rev. Científica de Arteterapia Cores da Vida** [online]. v.15, n.15, p. 23-25, 2012. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>.
- HOLLIS, J. **A passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade**. São Paulo: Paulus, 1995. (176 p).
- HWANG, K. K. The Mandala Model of Self. **Psychol Stud**. v. 56, n. 4, p. 329-334, 2011. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12646-011-0110-1>.
- JUNG, C. G. **Mandala symbolism**. Princeton: Princeton University Press, 2017. (Vol. 9i Collected Works, 220 p).
- KAST, V. **O caminho para si mesmo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016a. (112 p).
- KAST, V. **A alma precisa de tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016b. (158 p).
- PIRAQUARA, Paraná. **Brincando com o Tangram. O discípulo e o mestre** [online]. Disponível em: <https://piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/BRINCANDO-COM-O-TANGRAM-Matematica%5B11743%5D.pdf>. [capturado em 15 jan. 2023].
- RODRIGUES, I. M. C.; ZIMMERMANN, E. B.; VALLADARES-TORRES, A. C. A. Arteterapia na roda de mulheres: a vida em movimento. **Rev. Científica de Arteterapia Cores da Vida** [online]. v. 15, n. 15, p. 3-16, 2012. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>.



SALVES DE BRITO, T. F. Do enfeite à festa: o uso do bordado como narrativa, ação e engajamento em duas festas tradicionais brasileiras. **Etnográfica** [online], v. 26, n. 1, p. 275-298, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/11564>.

SCHMIDT, C. P. **O papel profissional da mulher: reflexão sobre a adequação em relação aos papéis sociais**. 2015. 52 f. Monografia (Pós-Graduação Latu Sensu) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VON FRANZ, M. L. **A busca do sentido: entrevistas radiofônicas**. São Paulo: Paulus, 2018. (84 p).



ARTIGO DE REVISÃO DA LITERATURA

6 - ARTETERAPIA NO CONTEXTO HOSPITALAR INFANTIL: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA¹²

*Bruna Lima de Freitas Araújo*¹³
*Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres*¹⁴

Resumo: O objetivo do trabalho foi analisar as evidências disponíveis na literatura capazes de promover os benefícios da arteterapia no contexto hospitalar infantil. Consistiu em uma revisão integrativa descritiva da literatura. A busca foi realizada pelos pesquisadores nas bases de dados MEDLINE, PubMed, Scopus, LILACS, via Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Google Acadêmico, sem recorte temporal e foi selecionado um total de doze artigos para análise. Emergiram três categorias temáticas, a saber: influência da arteterapia no desenvolvimento infantil; impacto da arteterapia sobre a expressão de emoções de crianças hospitalizadas; e efeitos da arteterapia em relação a saúde mental e bem-estar de crianças internadas. A arteterapia é essencial para amenizar os males que vêm com a internação pediátrica, permite que, no contexto hospitalar, haja a canalização dos fatores estressores, a melhora do humor, maior interação e colaboração, diminuição do medo, da tristeza, do estresse e da ansiedade, ampliação da criatividade, aprimoramento da capacidade cognitiva, social e emocional, aspectos que auxiliam essas crianças no enfrentamento da doença.

Palavras-Chave: Arteterapia; Terapia pela arte; Criança; Hospitalização; Saúde mental.

Art therapy in the children's hospital context: integrative literature review

Abstract: The objective of this study was to analyze the evidence available in the literature capable of promoting the benefits of art therapy in the context of children's hospitals. It consisted of a descriptive integrative review of the literature. The search was carried out by the researchers in the MEDLINE, PubMed, Scopus, LILACS databases, via the Virtual Health Library (BVS) and Google Scholar, without temporal cut-off, and a total of twelve articles were selected for analysis. Three thematic categories emerged, namely: influence of art therapy on child development; impact of art therapy on the expression of emotions in hospitalized children; and effects of art therapy on the mental health and well-being of hospitalized children. Art therapy is essential to alleviate the ills that come with pediatric hospitalization, allowing, in the hospital context, to channel stressors, improve mood, increase interaction and collaboration, decrease fear, sadness, stress and anxiety. anxiety, expansion of creativity, improvement of cognitive, social and emotional capacity, aspects that help these children in coping with the disease.

Key words: Art therapy; Child; Hospitalization; Mental health.

Arteterapia en el contexto del hospital infantil: revisión integrativa de la literatura

Resumen: El objetivo de este estudio fue analizar las evidencias disponibles en la literatura capaces de promover los beneficios de la arteterapia en el contexto de los hospitales infantiles. Consistió en una revisión descriptiva integradora de la literatura. La búsqueda fue realizada por los investigadores en las bases de datos MEDLINE, PubMed, Scopus, LILACS, a través de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS) y Google Scholar, sin corte temporal, y se seleccionaron un total de doce artículos para análisis. Emergieron tres categorías temáticas, a saber: influencia de la arteterapia en el desarrollo infantil; impacto de la arteterapia en la expresión de emociones en niños hospitalizados; y efectos de la arteterapia en la salud mental y el bienestar de los niños hospitalizados. La arteterapia es fundamental para paliar los males que acompañan a la hospitalización pediátrica, permitiendo, en el contexto hospitalario, canalizar estresores, mejorar el estado de ánimo, aumentar la interacción y colaboración, disminuir el miedo, la tristeza, el estrés y la ansiedad, expansión de la creatividad, mejora de la capacidad cognitiva, social y emocional, aspectos que ayudan a estos niños en el afrontamiento de la enfermedad.

Palabras clave: Arteterapia; Terapia con arte; Niño; Hospitalización; Salud mental.

¹² Projeto de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasília-DF, Brasil.

¹³ Graduanda em Enfermagem pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF, Brasil.

¹⁴ Arteterapeuta nº 001/0301-ABCA, Doutora em enfermagem psiquiátrica e Prof^a Associada da UnB, Brasília-DF, Brasil.

Considerações Iniciais

A arteterapia é conceituada como um tratamento terapêutico que usa como mediação a expressão artística, seja por meio da dança, do teatro, da música entre outras ou representações plásticas como a pintura, o desenho, a gravura, a modelagem, a confecção de máscaras, a dramatização (BARBOSA; SANTOS; LEITÃO, 2007). É uma prática que trabalha a transdisciplinaridade de vários saberes, que incluem a educação, a saúde e a arte (VALLADARES-TORRES, 2021).

No que se refere à internação hospitalar infantil, o uso desse instrumento durante a assistência é de grande importância na expressão da subjetividade e no exercício da criatividade (MAISONNETT; SBEGHEN, 2021). Permite ir além da linguagem verbal, sobretudo na infância, em que o lúdico é uma das partes integrantes do mundo infantil. A arteterapia não é mero entretenimento, mas uma forma de linguagem, proporciona à criança maior autonomia criativa e, conseqüentemente, amplia seu conhecimento sobre o mundo, além de desenvolver seu aspecto tanto emocional como social (VALLADARES-TORRES; ARAÚJO, 2021).

Entre as doenças que favorecem a internação infantil hospitalar mais longa e recorrente é o câncer, que é uma enfermidade crônica que acomete o público infantojuvenil e traz muito sofrimento psíquico causado pela gravidade da doença, medo e insegurança em relação ao tratamento e procedimentos técnicos dolorosos. O processo de adoecimento por uma doença grave, como o câncer ou outras patologias, pode debilitar o organismo dessa clientela e gerar impacto negativo tanto físico, como psíquico, em especial naquelas que se encontram hospitalizadas. Esse aspecto interfere no processo de desenvolvimento natural e no comportamento, bem como na qualidade de vida da criança (COSTA; MORAIS, 2017).

Afinal, o processo de adoecimento, junto com a internação, retira a criança de seu ambiente social, interfere em sua rotina, nos processos de relações familiares, sociais e afetivas. Ao somatizar todos esses fatores, afeta-se o modo pelo qual a criança enfrenta o processo de adoecimento, que, conseqüentemente, refletir-se-á em suas ações, pensamentos e sentimentos, pode influenciar na adesão ao tratamento e, conseqüentemente, na cura e na alta hospitalar (VALLADARES-TORRES; LANDIM; MANGUEIRA, 2020).

A arteterapia pode trazer mudanças positivas no comportamento e no humor do participante e, também, auxilia na compreensão da patologia e dos métodos empregados no seu tratamento (SOARES et al., 2022). Ao partir de estudos preexistentes sobre o papel da arteterapia na internação hospitalar infantil, fez-se necessário reunir uma revisão de literatura com o intuito de incentivar novas discussões críticas sobre o papel da arteterapia como promotora da saúde mental da criança hospitalizada, como pode ela auxiliar no processo de adesão ao tratamento, no processo de cura e na homeostase do organismo, além de seus benefícios.

A arteterapia age como instrumento terapêutico eficaz nesse contexto, pois pode auxiliar a criança na expressão de seus pensamentos e sentimentos, ampliar sua capacidade criativa e seu desenvolvimento normal. Quando envolta nas atividades propostas pela arteterapia, a criança se distancia, mesmo que provisoriamente, dos aspectos negativos do período de internação (VALLADARES-TORRES, 2021; MAIA, 2022).

Por isso, este estudo busca compreender como a arteterapia pode ser uma ferramenta que promova saúde mental no âmbito da hospitalização infantil, já que a falta de reflexão sobre essa temática influencia o modo pelo qual a assistência é prestada e, conseqüentemente, a adesão ao tratamento e o tempo de internação. Além disso, há o interesse em tornar o processo de internação infantil mais humanizado, ao trazer um olhar mais holístico para a criança hospitalizada. Dessa forma, o objetivo da presente pesquisa consiste em analisar as evidências disponíveis na literatura, capazes de promover os benefícios da arteterapia no contexto hospitalar infantil.

Caminho metodológico

O estudo de revisão integrativa desenvolve uma ampla investigação de pesquisas, assim como a análise e síntese do conhecimento sobre o tema. Com esse propósito, percorreram-se as seguintes etapas, de conformidade com Hopia, Latvala e Liimatainen (2016): identificação do problema e elaboração da pergunta norteadora; descoberta das pesquisas na literatura de estudos primários; avaliação dos trabalhos primários; análise de dados com síntese e apresentação da revisão.

Em face do exposto, esta pesquisa teve como questão norteadora: Quais são as evidências disponíveis na literatura capazes de subsidiar os benefícios da arteterapia no contexto hospitalar infantil? Na construção da pergunta norteadora, trabalhou-se com a estratégia PICO (SANTOS; PIMENTA; NOBRE, 2007), “P” - de população: crianças; “I” - de intervenção ou área de interesse: arteterapia no contexto hospitalar; “Co”:- não foi empregado e “O” - de desfecho: benefícios da arteterapia no contexto hospitalar infantil.

A busca dos estudos primários foi desenvolvida no período de novembro a dezembro de 2022, por meio das bases de dados elegidas: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), via *US National Library of Medicine* (PubMed), *Scopus* (Elsevier), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), via Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Google Acadêmico. Foram aplicados os descritores de Ciências da Saúde (DeCS) e do *Medical Subject Headings* (MeSH), pactuados com os operadores booleanos OR e

AND. Destaca-se que foram aplicadas as palavras-chave, no intuito de ampliar a busca e alcançar maior número de estudos na temática. O Quadro 1, a seguir, expõe os descritores controlados e não controlados bem como as estratégias de busca.

Quadro 1 - Estratégia de busca a ser utilizada de conformidade com os critérios de seleção do estudo. Brasília, DF, Brasil, 2023.

Idiomas	Descritor/OR	Operador	Descritor/OR	Operador	Descritor/OR
Português	“terapia pela arte” OR “arteterapia(s)” OR “terapias de arte sensorial” OR “arteterapias sensoriais” OR “terapia de cores” OR “ludoterapia”	AND	“criança(s)” OR “saúde da criança” OR “saúde infantil”	AND	“hospitalização” OR “unidades de internação”
Inglês	“art therapy” OR “sensory art therapies” OR “color therapy” OR “play therapy”	AND	“childr(en)” OR “child health”		“hospitalization” OR “inpatient care units”
Espanhol	“terapias con arte”	AND	“niño(s)” OR “salud del niño”		“hospitalización OR “unidades de internación”

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Foram empregados os seguintes critérios de inclusão: estudos primários na íntegra e disponíveis eletronicamente de forma gratuita; idioma Inglês, Português ou Espanhol; artigos que respondiam à questão norteadora; artigos que tinham como tema central a arteterapia voltada para o público infantil; sem delimitação temporal. Já os critérios de exclusão aplicados foram: artigos de revisão de literatura, editoriais, resumos, estudos de caso, reflexões teóricas, monografias, dissertações e teses, bem como artigos duplicados (tendo a preservar somente a primeira versão identificada). Também foram eliminados os trabalhos em que houve a inclusão de outros grupos etários e com múltiplas intervenções de adesão que não podem ser examinados isoladamente.

Por fim, a análise e a síntese dos dados foram construídas de maneira descritiva. Foi organizado um quadro síntese contendo: numeração (A1-A12), autores, título, periódico, ano de publicação, idioma, país de origem/Estado, público-alvo e contexto dos artigos que foi desenvolvido a pesquisa e objetivo principal.

Resultados

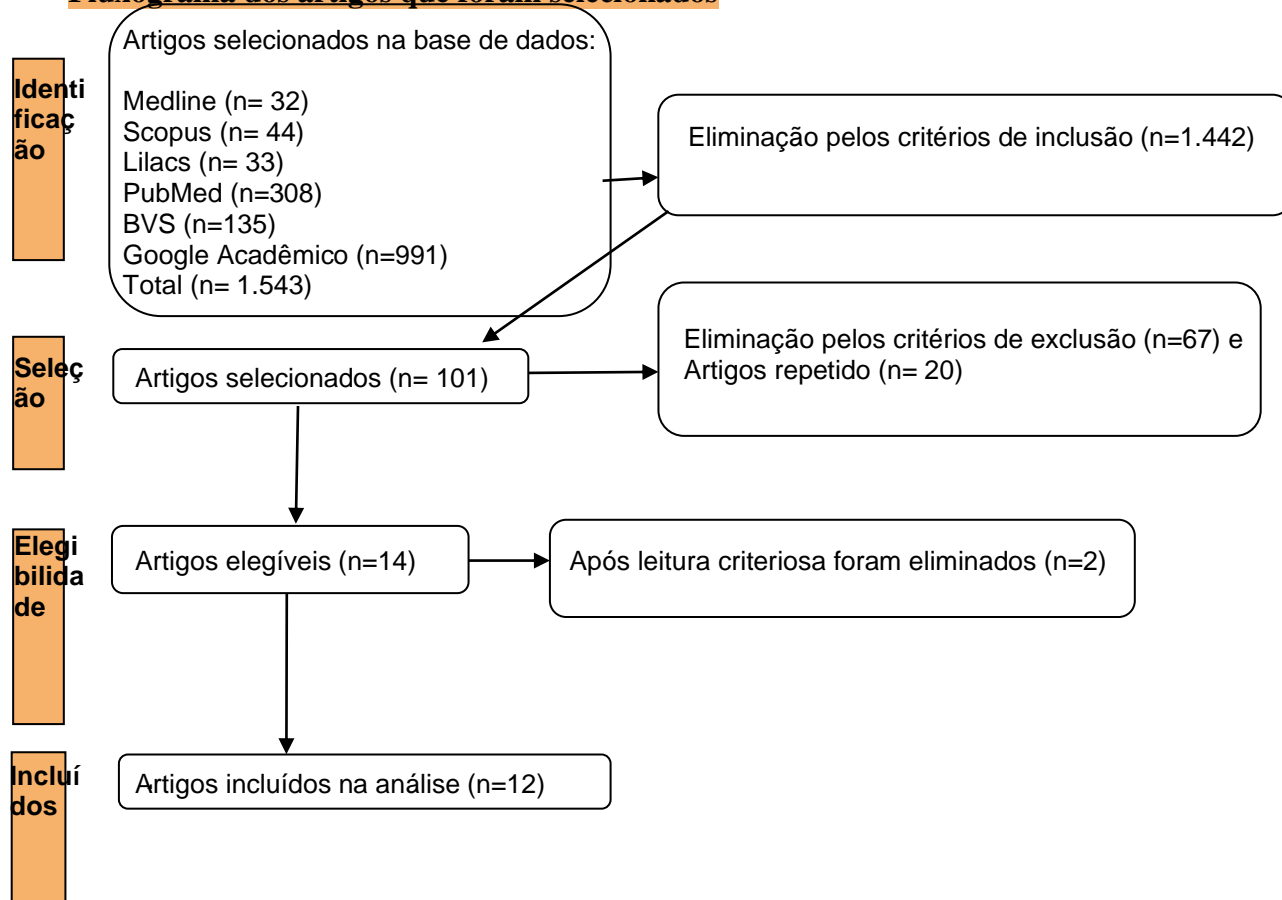
Os artigos selecionados foram analisados de forma criteriosa e minuciosa. Foram encontrados, no total, 1.543 artigos a partir da busca nas bases de dados selecionadas, entre os quais foram incluídos 101. Foram excluídos 87 artigos, sendo vinte por serem duplicados. Ficaram elegíveis quatorze artigos; houve a exclusão de mais dois artigos, por não apresentarem associação com a temática procurada, após leitura minuciosa. Por último, foram incluídos doze artigos ao trabalho no total.

O fluxograma apresentado a seguir pela Figura 1, expõe sequencialmente quais os artigos selecionados bem como a inclusão dos mesmos que foram avaliados como apropriados, conforme as regras estabelecidas para esse tipo de revisão.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos artigos do estudo. Brasília, DF, Brasil, 2023.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Fluxograma dos artigos que foram selecionados



Os dados dos artigos considerados elegíveis foram coletados e sintetizados no Quadro 2 a seguir. Quanto à composição do quadro, ele apresenta fatores como: numeração (A1-A12), os autores, o título, o período e o ano em que foi publicado, idioma, o país de origem, qual o público-alvo e contexto da pesquisa, local, além do objetivo principal dos artigos.

Quadro 2 - Organização e síntese dos artigos selecionados, estruturado de maneira decrescente de publicação. Brasília-DF, Brasil, 2023.

Nº	Título	Autor	Ano da publicação /País/Idioma	Público alvo	Contexto	Objetivo
A1	Estudio de caso en diálisis: El niño que construía castillos	BARRANTES FERNÁNDEZ, T.	2020, Espanha, Espanhol	01 menino de 3 anos internado	Unidade de hemodiálise hospitalar	Analisar e refletir sobre as características muito particulares que estas unidades têm, e observar o processo emocional que a criança sofre nas diferentes sessões de arteterapia.
A2	Effect of art therapy and play therapy on anxiety among hospitalized preschool children	DALEI, S. R.; NAYAK, G. R.; PRADHAN, R.	2020, Índia, Inglês	60 crianças pré-escolares hospitalizadas	Hospital pediátrico	Descobrir o nível de ansiedade e o papel da arte e da ludoterapia para superá-la.

A3	Effects of art therapy program on anxiety and depression among 6-12-year-old burned children	REZAZAD EH., H.; FROUTAN, R.; ABADI, A. A.; MAZLOUM, S. R.; MOGHADDAM, K.	2020, Irã, Inglês	60 crianças internadas de 6 a 12 anos	Hospital de Queimados	Investigar os efeitos da arteterapia na redução da ansiedade e depressão em crianças queimadas.
A4	“Cuando no hay caso”: las dificultades en la relación terapéutica en una intervención a través del arteterapia con una paciente pediátrica de hemodiálisis	JIMÉNEZ, C. P.	2018, Espanha, Espanhol	01 menina de 12 anos desenvolvendo hemodiálise e internada	Unidade de hemodiálise hospitalar	Investigar como arteterapia pode melhorar o bem-estar de crianças em hospitais.
A5	Effects of art experience on hospitalized pediatric patients	LOPEZ-BUSHNELL, F. K.; BERG, M.	2018, EUA, Inglês.	200 crianças hospitalizadas	Unidade de Pediatria Geral e da Unidade de Especialidades Pediátricas	Medir como as atividades artísticas podem ser úteis em fornecer uma maneira para as crianças se expressarem, induzir relaxamento e reduzir as respostas de estresse e melhorar o bem-estar psicológico e fisiológico de crianças em ambientes hospitalares.
A6	Expressive arts therapy for hospitalized children: a pilot study measuring cortisol levels	YOUNT, G.; RACHLIN, K.; SIEGEL, J.	2013, EUA, Inglês.	23 crianças de 4 a 16 anos internadas	Enfermaria de internação pediátrica e Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica	Avaliar o antes e depois das crianças após a terapia de artes expressivas, buscando relatar as impressões e os níveis de cortisol.
A7	A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização	VALLADARES, A. C. A.; SILVA, M. T.	2011, Brasil, Português.	05 crianças hospitalizadas entre 7 e 10 anos	Ala pediátrica de um hospital de doenças transmissíveis	Avaliar e comparar o desenvolvimento de crianças hospitalizadas, antes e após intervenções de arteterapia.
A8	El dibujo del hospital em la visión del arteterapia em los ingresos pediátricos	VALLADARES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P.	2006, Brasil, Espanhol e Português.	3 crianças internadas entre 9 e 10 anos.	Unidade Pediátrica de um Hospital	Relatar e comparar a qualidade da produção gráfica (o desenho do hospital), realizado por crianças internadas antes e após as intervenções da arteterapia.



A9	Promoção de habilidades gráficas no contexto da hospitalização	VALLADAR ES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P.	2006, Brasil, Português.	19 crianças internadas entre 7 a 12 anos.	Ala pediátrica de um hospital de doenças transmissíveis	Avaliar tanto o desenvolvimento quanto a qualidade da produção gráfica antes e após a intervenção da arteterapia.
A10	A arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização	VALLADAR ES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P.	2006, Brasil, Português.	20 crianças internadas entre 7 a 12 anos.	Ala pediátrica de um hospital de doenças transmissíveis	Avaliar o comportamento de crianças com idade entre 7 a 10 anos internadas, antes e após intervenção de arteterapia.
A11	Produção de modelagem em sessões de arteterapia no contexto hospitalar pediátrico	VALLADAR ES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P.	2005, Brasil, Português.	20 crianças internadas entre 7 a 12 anos.	Ala pediátrica de um hospital de doenças transmissíveis	Comparar a produção de modelagem de crianças internadas, antes e após uma intervenção em arteterapia.
A12	A arteterapia no contexto da hospitalização pediátrica: o desenvolvimento da construção com sucata hospitalar	VALLADAR ES, A.C.A.; CARVALHO, A. M. P.	2005, Brasil, Português.	20 crianças hospitalizadas na faixa etária de 7 a 10 anos de idade.	Unidade Pediátrica de um hospital de doenças transmissíveis	Comparar o desempenho do fazer tridimensional e da construção com sucata hospitalar de crianças internadas, antes e depois intervenção da arteterapia.

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Os estudos encontrados não dispuseram de um recorte temporal específico, sendo em maior número: quatro publicados em 2020, três em 2006, dois em 2005 e apenas um nos anos de 2011, 2013 e 2018. A maioria dos estudos foi realizada no Brasil. Houve repetição de um autor em seis artigos e outro em cinco dos estudos brasileiros; os demais autores foram citados apenas uma vez nos artigos. Quanto ao país em que foram desenvolvidos os artigos houve predominância do Brasil em seis artigos, dois nos EUA e na Espanha e um no Irã e na Índia. Referente ao local em que foram realizadas as intervenções, as mais prevalentes foram as Unidades Pediátricas em um hospital geral em oito estudos, dois estudos em Unidade de hemodiálise e um em hospital pediátrico e outro de queimados.

Os artigos objetivaram avaliar como a arteterapia pode ser usada como ferramenta para: o aprimoramento do comportamento e desenvolvimento geral e gráfico infantil; a melhoria do estado emocional, na redução da ansiedade, da depressão e do estresse de crianças hospitalizadas; a expressão das emoções e o melhoramento do bem-estar e da saúde mental do público infantil hospitalizado.

Os estudos apresentam o uso da arteterapia no contexto da hospitalização com crianças de diversas idades e com diferentes números de participantes, que variou de uma a duzentas crianças nas idades entre três a dezesseis anos, e a maioria dos estudos trabalhou com o público de sete a doze anos.

Discussão

Foram selecionadas, a seguir, três categorias temáticas principais encontrados nos artigos: (a) influência da arteterapia no desenvolvimento infantil (A7, A8, A9, A11 e A12); (b) impacto da arteterapia sobre a expressão de emoções de crianças hospitalizadas (A1 e A7); (c) efeitos da arteterapia em relação à saúde mental e ao bem-estar de crianças internadas (A2, A3, A4, A5, A6 e A10).

(a) Influência da arteterapia no desenvolvimento infantil

A arteterapia é uma prática terapêutica que trabalha com várias modalidades expressivas e pode proporcionar a autonomia, o aprendizado, o desenvolvimento psicomotor e gráfico, a estimulação criativa, além de estimular a expressão das emoções de uma maneira subjetiva.

O artigo A7 traz um estudo em que foram desenvolvidas sessões de arteterapia com cinco crianças denominadas C1, C2, C3, C4 e C5, e foram analisados alguns fatores, entre os quais o modo de funcionamento físico das crianças antes e após as intervenções de arteterapia. A seguir, apresenta-se a Tabela 1, que sintetiza os principais achados sobre o modo de funcionamento físico das crianças antes e após as intervenções arteterapêuticas (VALLADARES; SILVA, 2011).

Tabela 1 - Organização dos resultados sobre o modo de funcionamento físico segundo os achados de cada participante. Brasília-DF, Brasil, 2023.

Criança	Fator: Modo de funcionamento físico
C1	Apresentou melhora do funcionamento motor, criança manifestava-se mais rápida, dinâmica e orientada
C2	Trabalhos mais elaborados, melhora das condições de equilíbrio, movimento e regularidade, apresentou melhora referente ao foco de concentração e atenção
C3	Melhora do funcionamento motor, melhora do desenvolvimento gráfico, apresentou melhora da capacidade verbal
C4	Melhora na produção plástica além de apresentar melhora na concentração
C5	Confeccionou trabalhos artísticos mais criativos, apresentou-se mais orientado e com melhor foco além de uma postura mais descontraída

Fonte: Dados extraídos de Valladares e Silva (2011).

O trabalho A8 discorre sobre a visão da instituição hospitalar por três crianças hospitalizadas, em que elas realizam um desenho do hospital na pré e pós sessão de arteterapia. Notou-se que, na pós-sessão de arteterapia, as crianças mostravam-se mais expansivas e comunicativas, verbalizaram mais sobre a dinâmica (VALLADARES; CARVALHO, 2006b). A Tabela 2, a seguir, expõe os resultados encontrados pelo estudo.

Tabela 2 - Análise dos desenhos antes e após a sessão de arteterapia. Brasília-DF, Brasil, 2023.

Criança	Pré intervenção da arteterapia	Pós intervenção da arteterapia
C1	Desenho centralizado e limitado, linhas descontínuas, desenho monocromático, hospital como foco único e principal do desenho	Desenho com riqueza e variedade de elementos, desenho apresentou-se criativo, com linhas contínuas e multicolorido
C2	Hospital representado de forma fragmentada e menos elaborada	Desenho com riqueza e variedade de elementos, linhas contínuas, trabalho bem colorido com cores fortes e intensas
C3	Hospital desenhado de forma distorcida da realidade, desenho com detalhes mínimos	Desenho com riqueza e variedade de elementos, desenho realizado de maneira proporcional, criativo e colorido com cores frias

Fonte: Dados extraídos de Valladares e Carvalho (2006b).

É essencial ressaltar que, após a análise dos desenhos, as crianças do estudo apresentaram um progresso, obtiveram um ajuste pessoal mais equilibrado, o desenvolvimento gráfico se tornou mais adequado à idade e houve uma melhora da criança em relação à adaptação ao hospital, além disso, percebeu-se que a expressão artística levou as crianças para um estado psíquico mais alegre do que antes. Os desenhos apresentaram mais cor, equilíbrio, presença de novos elementos, o que mostrou que houve uma mudança na perspectiva que a criança possuía sobre o hospital. Além disso, o artigo expôs a importância do uso de terapias artísticas para o alívio do sofrimento que a doença e a hospitalização geram na criança hospitalizada (VALLADARES; CARVALHO, 2006b).

No artigo A9, foi utilizado um esquema *quasi* experimental com grupo controle (n=09) e um grupo experimental (n=10) – que foi submetido a intervenções de arteterapia, tendo sido coletado material para avaliação antes e após as intervenções. Os resultados mostram que intervenções de arteterapia foram eficazes em promover melhor qualidade nas produções gráficas (VALLADARES; CARVALHO, 2006c).

No que se refere ao desenvolvimento gráfico, o grupo experimental apresentou progresso, tendo demonstrado, na avaliação final, diferenças estatisticamente superiores à avaliação inicial, sobretudo porque, nessa avaliação inicial, o desenvolvimento gráfico de algumas crianças atingiu níveis inferiores à idade e atingiram, posteriormente, níveis mais adequados à idade na avaliação final — observou-se que o nível de desenvolvimento aquém do esperado para idade possivelmente foi corrigido com as intervenções de arteterapia. Os itens que mais variaram foram, sobretudo, os aspectos relacionados à variedade da produção plástica, policromia, criatividade, complexidade e atividade dos trabalhos, ao passo que, no grupo controle, não houve modificação significativa nos dois momentos de avaliações (inicial e final), especialmente por ter havido estabilidade nos níveis de desenvolvimento gráfico e, inclusive, apresentou retrocesso em alguns aspectos, como empobrecimento da produção gráfica, monocromia, simplicidade, menor atividade e planura das produções gráficas (VALLADARES; CARVALHO, 2006c).

O estudo A11 traz a produção de modelagem com crianças hospitalizadas ocorridas antes e depois de uma sessão de arteterapia, com uma população de vinte crianças, divididas dez em um grupo experimental e dez em um grupo controle. Esse estudo foi dividido em duas partes: AI (avaliação inicial) – antes das intervenções de arteterapia e AF (avaliação final) – depois das intervenções de arteterapia. Da AI para a AF no grupo experimental, que passou pelas intervenções de arteterapia, foram observadas mudanças no desempenho motor das crianças, desencadeadas pela melhor qualidade da experiência na modelagem (VALLADARES; CARVALHO, 2005b).

No artigo A12, analisou-se a construção com sucata hospitalar com a utilização de embalagens, caixas de medicamentos e outros materiais artísticos com crianças hospitalizadas, antes e após as sessões de arteterapia. Os participantes também foram divididos em dois grupos: experimental e controle. As crianças do grupo experimental, submetidas às sessões de arteterapia, atingiram níveis mais altos na avaliação posterior às intervenções do que na anterior. Portanto, após as intervenções de arteterapia, constatou-se que os participantes do grupo experimental obtiveram as construções com sucata hospitalar modificadas e aperfeiçoadas, notou-se que os trabalhos se apresentavam mais expressivos, com uma diversidade de cores, cores mais intensas, associados aos sinais de alegria expressos pelas crianças (VALLADARES; CARVALHO, 2005a).

Valladares e Carvalho (2006c) complementam que as intervenções de arteterapia podem ampliar o mundo imaginativo da criança, o que favorece modificar positivamente seu mundo interno e suas imagens sincronicamente, aspectos que estimulam o desenvolvimento integral infantil.

(b) Impacto da arteterapia sobre a expressão de emoções de crianças hospitalizadas

As intervenções de arteterapia favorecem o diálogo entre participante e terapeuta por meio da arte, os participantes são encorajados a externalizar suas emoções, a trazer à tona estados emocionais diversos, pelo verbal, mas especialmente pelo não verbal, por isso a pessoa fica à vontade para se expressar.

O A1 apresentou um estudo de caso em arteterapia com um menino de três anos que frequentava uma unidade de diálise e trouxe as principais consequências psicossociais traumáticas decorrentes do contexto hospitalar e expressos pela criança na unidade de diálise pediátrica. Foi por meio das intervenções individuais e/ou grupais de arteterapia que o participante pôde compartilhar suas histórias, fez alusão à sua doença, tratamento e dores tanto para o grupo de pares, quanto para o arteterapeuta. As intervenções de arteterapia proporcionaram a construção e a reconstrução da vida, frente à expressão de comportamentos de desconforto, tristeza, raiva, nervosismo e impotência diante do tratamento (BARRANTES FERNÁNDEZ, 2020).

Barrantes Fernández (2020), ao longo das sessões, percebeu a evolução do estado emocional da criança: o fardo e a tristeza eram motivados pelo cansaço, que era causa, juntamente com a apatia e as exigências, de preocupações. O desconforto era influenciado pela opressão e pela tristeza. As birras surgiam em momentos de bom humor; a calma precedia a raiva; e a demanda motivada por mudanças de humor. Essas mudanças de humor também podiam ser motivadas pelo desconforto. A raiva era a causa das demandas da criança, e eram motivados por um estado de nervosismo e de inquietação. A possibilidade de a criança poder expressar suas emoções e ao se observar o processo emocional que ela sofria ao longo do tratamento, facilitou o seu bem-estar e o melhor manejo do seu tratamento.

A pesquisa A7 traz o estudo de sessões de arteterapia com cinco crianças, denominadas C1, C2, C3, C4 e C5, com o intuito de permitir a exteriorização dos seus sentimentos. Durante a pré e pós-intervenção, usaram-se métodos como desenho, pintura, colagem e modelagem. Alguns dos critérios seguidos pelo estudo foram: padrão de relacionamento, humor ou tom emocional geral, afetos, ansiedades e medos (VALLADARES; SILVA, 2011). As Tabelas 3, 4, 5 e 6, a seguir, sintetizam as informações sobre alguns dos critérios seguidos pelo estudo e como cada participante respondeu perante as intervenções de arteterapia.

Tabela 3 - Organização do critério padrão de relacionamento segundo o resultado de cada participante. Brasília-DF, Brasil, 2023.

Criança	Fator: Padrão de relacionamento
---------	---------------------------------

C1	Apresentou progresso no relacionamento e aprofundamento do vínculo
C2	Aumento da capacidade para criar vínculos
C3	Apresentou progresso no relacionamento e aprofundamento do vínculo
C4	Apresentou progresso no relacionamento com mudança de postura e melhora do contato visual
C5	Apresentou maior engajamento, tornando-se mais participativo

Fonte: Dados extraídos de Valladares e Silva (2011).

Tabela 4 - Organização do critério humor e tom emocional geral segundo o resultado de cada participante. Brasília-DF, Brasil, 2023.

Criança	Fator: Humor e tom emocional geral
C1	Direcionou capacidade para o desenvolvimento da relação
C2	Mostrou-se mais amigável
C3	Mostrava-se mais sorridente e amigável
C4	Mostrava-se mais amigável e calma
C5	Humor estabilizado, mostrou-se mais calmo e seguro

Fonte: Dados extraídos de Valladares e Silva (2011).

Tabela 5 - Organização do critério afetos segundo o resultado de cada participante. Brasília-DF, Brasil, 2023.

Criança	Fator: Afetos
C1	Apresentou um aprofundamento do afeto
C2	Apresentou um aprofundamento do afeto
C3	Apresentou um aprofundamento do afeto e demonstrava aumento da alegria
C4	Afeto perceptível, demonstrava alegria e satisfação
C5	Apresentou aprofundamento do afeto

Fonte: Dados extraídos de Valladares e Silva (2011).

Tabela 6 - Organização do critério ansiedades e medos segundo o resultado de cada participante. Brasília-DF, Brasil, 2023.

Criança	Fator: Ansiedades e medos
C1	Não mostrou modificações entre as avaliações
C2	Evidenciou maior controle emocional evidenciado pela não dependência materna
C3	Apresentou contato mais cortês e amigável

C4	Não mostrou modificações entre as avaliações
C5	Apresentou controle emocional mais estabilizado, estava mais tranquilo, sem dependência do acompanhante.

Fonte: Dados extraídos de Valladares e Silva (2011).

Por meio desses artigos apresentados acima, foi possível perceber a importância da intervenção da arteterapia na expressão espontânea de emoções de crianças hospitalizadas, visto que a arteterapia traz um aspecto de ludicidade e leveza que permite compreender melhor o que elas estão passando para poder trazer um olhar mais humanizado sobre seu cuidado.

(c) Efeitos da arteterapia em relação a saúde mental e bem-estar de crianças internadas

A arteterapia pode possibilitar às crianças uma oferta de atividades saudáveis e de acordo com as necessidades, o que favorece a vivência de momentos lúdicos, de descontração, de alívio do sofrimento e das dores durante o processo de internação.

Sob esse prisma, o artigo A2 traz que a admissão no hospital gera ansiedade e desgaste para as crianças, devido à alteração nos ambientes e suas condições de saúde, consequentemente, as crianças sofrem de ansiedade de separação, frequentemente não são cooperativas e dificultam a realização de procedimentos invasivos. Dalei, Nayak e Pradhan (2020), ao coletarem dados de questionário autoestruturado sobre escala sociodemográfica e de ansiedade de hospitalização de 60 crianças pré-escolares internadas, identificaram que 75%, 20% e 5% delas apresentaram ansiedade moderada, grave e leve durante a internação. Após as intervenções de arteterapia e de ludoterapia, observou-se uma diferença significativa entre a pontuação média pré-teste e pós-teste do nível de ansiedade ($p < 0,0001$).

O estudo revelou que a arteterapia é um significativo distrator, forma única de dissipar a ansiedade de crianças hospitalizadas, que desenhar ou colorir reduz a tensão e uma espécie de efeito de relaxamento no corpo. Aspectos que fornecem estímulos emocionais no sistema límbico, ajudam a controlar o comportamento mal adaptativo e induz respostas nos níveis de ansiedade. Dessa forma, os autores concluíram que a arteterapia e a ludoterapia são terapêuticas inovadoras, eficazes e convenientes para aliviar os níveis de ansiedade em pré-escolares hospitalizados e auxiliar os profissionais de saúde no manejo da internação pediátrica (DALEI; NAYAK; PRADHAN, 2020).

O estudo A3 investigou os efeitos da arteterapia, com o uso da pintura e da música, na redução da ansiedade e da depressão em crianças queimadas, por meio de um ensaio clínico randomizado. Os participantes foram divididos em três grupos com um *design* pré-teste-pós-teste realizado com 60 crianças hospitalizadas que sofreram queimaduras. Foi selecionado pelo método de amostragem por conveniência e as crianças foram divididas aleatoriamente nos três grupos: duas intervenções - sujeitas a dez intervenções de arteterapia, um com pintura e outro com música, diariamente por 45 min - e um grupo controle. Aplicou-se a Escala de Ansiedade das Crianças Spence e o Questionário de Inventário Infantil de Depressão de Maria Kovacs.

Os resultados do estudo mostraram que o grupo controle se beneficiou apenas dos serviços de rotina da Unidade. Antes das intervenções, os escores médios totais de ansiedade nas crianças queimadas nos grupos de pintura, de música e no grupo de controle foram medidos em $90,4 \pm 5,4$, $84,8 \pm 6,8$ e $77,4 \pm 13,8$, respectivamente. No entanto, os escores médios totais de ansiedade após a intervenção nas crianças queimadas nos grupos de pintura, música e controle foram estimados em $53,3 \pm 4,4$, $45,9 \pm 8,4$ e $72,4 \pm 12,9$, respectivamente ($p < 0,001$). Além disso, a média do escore total de depressão antes da intervenção foi medida em $38,7 \pm 3,4$, $32,8 \pm 5,4$ e $28,9 \pm 5,4$, para os grupos de pintura, música e controle, respectivamente ($p < 0,001$). Ainda, o escore médio total de depressão após a intervenção nos grupos pintura, música e controle foi obtido como $29,9 \pm 4,0$, $19,3 \pm 3,8$ e $25,2 \pm 4,9$, respectivamente ($p < 0,001$). Assim, os autores concluíram que a arteterapia com a aplicação da pintura e da música pode melhorar o controle de impulsos e, assim, diminuir a impulsividade nessas crianças e reduzir os níveis de ansiedade e de depressão em crianças com queimaduras (REZAZADEH et al., 2020).

O trabalho A4 expõe um projeto intitulado “Aletheia: artes e arteterapia como uma abordagem para o trauma e memória emocional” que se concentrava em investigar como as atividades grupais e coletivas de arteterapia podiam melhorar o bem-estar de crianças hospitalizadas. Os autores refletiram que a visão integral da arteterapia, centrada em todos os aspectos da pessoa e não apenas na doença, complementava os cuidados no serviço hospitalar. Jiménez (2018) também abordou algumas dificuldades e erros que emergiram na relação terapêutica, para tornar visíveis a realidade do trabalho e a complexidade dos casos de trauma, como a importância de afastar das expectativas e idealizações que o terapeuta pode ter no iniciar um caso e a importância de o terapeuta fazer uma terapia pessoal e passar por supervisão de casos, aspectos que podem auxiliar na

contratransferência positiva e auxiliar na reformulação de objetivos, de regras e de limites do contrato terapêutico, caso necessário.

O estudo A5 é um ensaio de controle randomizado pré/pós intervenção com arte que mediu o efeito da criação artística e das experiências criativas nos sinais vitais de crianças hospitalizadas e nos sintomas de depressão. Níveis de estresse foram medidos e monitorados pela frequência cardíaca e nível de saturação de oxigênio, antes e depois das atividades artísticas. O afeto emocional e o nível de dor também foram avaliados por meio da Escala de Dor de Wong-Baker em pré/pós intervenção. Os autores concluíram que as atividades artísticas foram úteis em fomentar a expressão de sentimentos, induzir o relaxamento e reduzir as respostas ao estresse – aferidas pela redução da frequência cardíaca e do aumento da saturação de oxigênio, além da melhora do bem-estar psicológico e fisiológico das crianças nos ambientes hospitalares. Assim, os resultados da pesquisa demonstraram que a arte pode ajudar na redução do estresse de crianças internadas (LOPEZ-BUSHNELL; BERG, 2018).

A pesquisa A6 traz a comparação do nível de cortisol de crianças hospitalizadas que foram submetidos a sessões de arteterapia com outras que não foram submetidos a nenhum tipo de intervenção. Antes e depois das sessões foram coletadas amostras de saliva para inspeção do cortisol salivar com o intuito de captar a evidência fisiológica na redução do estresse das crianças hospitalizadas. Após as análises laboratoriais, notou-se que houve uma tendência mensurável de diminuição do nível de cortisol salivar após um período expressivo de 90 minutos de sessão de arteterapia (YOUNT; RACHLIN; SIEGEL, 2013).

No trabalho A10, os autores observam o comportamento das crianças antes e após as intervenções de arteterapia em que foram utilizadas modalidades expressivas como o desenho, a pintura, a colagem, a modelagem, a construção, a dramatização dentre outras e os participantes foram divididos em grupo experimental – crianças que passaram pelo processo de arteterapia e grupo controle – crianças que não passaram pelo processo. Os resultados mostraram que os participantes do grupo experimental, após as intervenções de arteterapia, apresentaram um progresso significativo identificado pela mudança positiva de comportamento. Dessa forma, as crianças do grupo experimental apresentaram maior tranquilidade, respeito, obediência, independência, controle e melhoria da comunicação. Este estudo salienta como é importante o trabalho da arteterapia para as crianças hospitalizadas, pois essa prática é essencial para amenizar os efeitos nocivos tanto da doença quanto da internação (VALLADARES; CARVALHO, 2006a).

Esses dados corroboram com os achados de Sayed (2023) ao apresentarem que o processo de arteterapia auxilia às crianças hospitalizadas no estímulo ao processo criativo, na expressão de sentimentos e de pensamentos, bem como tem um papel positivo na redução do estresse e na melhora da autoestima, da consciência e dos comportamentos — aspectos que favorecem a saúde mental e o processo de cura. Em especial para crianças, que geralmente têm mais dificuldade de expressar seus sentimentos de forma unicamente verbal, podem ser ajudadas, pela arteterapia, a sair do espaço de interação consigo mesmas para interagir com o tratamento, com a produção artística e, posteriormente, com o grupo de pares ao seu redor. Ademais, a arteterapia dá a indicação mais precisa dos conflitos internos da criança e permite o contato linguístico e/ou social. O estudo também reconheceu a eficácia do uso da arteterapia no alívio da condição patológica e do sofrimento psíquico de crianças no hospital de câncer.

Outra pesquisa, desenvolvida por Rokoh e Juchung (2021), que também vai ao encontro dos resultados deste estudo de revisão, é um estudo de caso único de vinte sessões arteterapia semanais por 90 minutos, aplicado a uma criança de dez anos com doença de Crohn internada. A análise qualitativa mostrou que a arteterapia aliviou a vivência traumática psicológica da criança no hospital, ajudou-a a entender, a lidar com a doença, e na remissão dos sentimentos negativos em relação ao tratamento, o que melhorou a sua qualidade de vida e aumentou a adesão ao tratamento.

Outro estudo de revisão da literatura que trabalhou as relações da Arteterapia junto a crianças com câncer hospitalizadas apresentou resultados semelhantes aos encontrados nesta pesquisa. Foi uma revisão que utilizou as bases de dados: Periódicos Eletrônicos de Psicologia (*PePSIC*), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), PubMed e Google Acadêmico em que foram compilados 27 artigos científicos, uma tese e sites de pesquisas. Os resultados expuseram que a Arteterapia é uma técnica lúdica que estimula a expressão dos sentimentos e a criatividade infantis, que contribui positivamente na melhora de sua autoestima, que ameniza os impactos negativos da doença, do tratamento e da hospitalização, que favorece o desenvolvimento e o equilíbrio psíquico, cognitivo e social da criança hospitalizada com neoplasia. Os autores também acrescentaram que as atividades de arteterapia não trazem a cura da doença em si, entretanto, possuem uma representação simbólica que contribui diretamente no bem-estar físico e emocional na vida do paciente oncológico infantil (VITAL et al., 2020).

Considerações Finais

Esta revisão integrativa da literatura conseguiu analisar as evidências científicas capazes de subsidiar os benefícios da arteterapia no contexto hospitalar infantil e encontrou três categorias temáticas principais, a saber: influência da arteterapia no desenvolvimento infantil – cinco artigos, impacto da arteterapia sobre a expressão de

emoções de crianças hospitalizadas – dois artigos e efeitos da arteterapia em relação a saúde mental e bem-estar de crianças internadas – seis artigos.

Com o surgimento da doença, a criança é retirada de seu círculo social e familiar, há uma ruptura em sua rotina, o que interfere no desenvolvimento psicossocial. A internação traz consigo diversos questionamentos e sentimentos, como a tristeza, o isolamento, o desânimo, o medo, a ansiedade, fatores esses que interferem na saúde mental da criança hospitalizada.

Cada criança age de maneira diferente frente à hospitalização e, por meio dessa subjetividade dos sentimentos, é que a arteterapia se constitui como uma ferramenta de expressão dos anseios e das emoções, o que a torna essencial para amenizar os males que vêm com a internação. Desse modo, por ser um instrumento terapêutico que utiliza a dança, o teatro, pintura, música, desenho, escultura, gravura entre outros meios, faz com que a criança tenha autonomia e liberdade, e permite que ela venha a expressar, de maneira singular, suas angústias e necessidades.

A arteterapia é um conjunto de ferramentas lúdicas e dinâmicas, o que vai ao encontro do mundo infantil. Assim, permite que, no contexto da hospitalização, haja a canalização dos fatores estressores da internação, o que permite uma melhora do humor, maior interação e colaboração da criança no ambiente hospitalar, diminuição do medo, da tristeza, do estresse e da ansiedade, ampliação da criatividade e aprimoramento da capacidade cognitiva da criança, além da melhora significativa no que se refere ao quadro clínico.

Conclui-se que este estudo de revisão trouxe contribuições importantes, no que se refere à saúde mental do público infantil hospitalizado e a arteterapia é uma prática acessível que pode ser usada nesse contexto por profissionais de saúde — qualificados na área, para o enfrentamento da doença. No entanto, há uma escassez de literatura que avalie a eficácia das intervenções terapêuticas baseadas em artes voltadas para crianças hospitalizados, portanto, mais pesquisas futuras são necessárias para estabelecer seu impacto.

Referências

BARBOSA, I. C. F. J.; SANTOS, M. C. L.; LEITÃO, G. C. M. Arteterapia na assistência de enfermagem em oncologia: produções, expressões e sentidos entre pacientes e estudantes de graduação. **Rev Esc Enferm Anna Nery**, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n. 2, p. 227-233, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ctim.2018.09.020>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

BARRANTES FERNÁNDEZ, T. Estudio de caso en diálisis: el niño que construía castillos. *Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social*, Madrid, Espanha, v. 15, p. 67-76, 2020. Disponible en: <<https://doi.org/10.5209/arte.64591>>. Acesso em: 10 dez. 2022. (A1).

COSTA, T. S.; MORAIS, A. C. Child hospitalization: child living from graphical representations. **J Nurs UFPE on line**, Recife, PE, v. 11, n. Suppl. 1, p. 358-367, 2017. Available from: <<https://doi.org/10.5205/reuol.7995-69931-4-SM.1101sup201715>>. Acesso em: 30 jan.2023.

DALEI, S. R.; NAYAK, G. R.; PRADHAN, R. Effect of art therapy and play therapy on anxiety among hospitalized preschool children. **Journal of Biomedical Sciences**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 71-76, 2020. Available from: <<file:///C:/Users/User%20Lenovo/Downloads/34006-Article%20Text-99448-1-10-20210102.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2022. (A2).

HOPIA, H.; LATVALA, E.; LIIMATAINEN, L. Reviewing the methodology of an integrative review. **Scand J Caring Sci.**, Escandinávia, v. 30, n. 4, p. 662-669, 2016. Available from: <<https://doi.org/10.1111/scs.12327>>. Acesso em: 29 jan. 2023.

JIMÉNEZ, C. P. “Cuando no hay caso”: las dificultades en la relación terapéutica en una intervención a través del arteterapia con una paciente pediátrica de hemodiálisis. **Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación para inclusión social**, Madrid, Espanha, v. 13, p. 245-262, 2018. Disponible en: <<http://dx.doi.org/10.5209/ARTE.60726>>. Acesso em: 27 dez. 2022. (A4).

LOPEZ-BUSHNELL, F. K.; BERG, M. Effects of art experience on hospitalized pediatric patients. **Mathews Journal of Pediatrics**, New Mexico, EUA, v. 3, n. 1, p. 1-8, 2018. Available from: <<https://www.mathewsopenaccess.com/full-text/effects-of-art-experience-on-hospitalized-pediatric-patients>>. Acesso em: 30 dez. 2022. (A5)

MAIA, B. E. O. O uso da arteterapia pelo enfermeiro em sua assistência para o manejo da dor em crianças hospitalizadas. **Studies in Health Sciences**, Curitiba, PR, v. 3, n. 2, p. 810–823, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.54022/shsv3n2-014>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MAISONNETT, M.; SBEGHEN, M. R. Arteterapia com crianças hospitalizadas: uma revisão sistemática. **XIV Seminário Integrado de Ensino Pesquisa e Extensão-SIEPE**, Chapecó, SC, v. 27, n. 14, p. 1-2, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/25099>>. Acesso em: 28 jan. 2023.

REZAZADEH, H. et al. Effects of art therapy program on anxiety and depression among 6-12-year-old burned children. **Open-Access Macedonian Journal of Medical Sciences**, [S. l.], v. 8, n. B, p. 126-132, mar. 2020. Available from: <<https://doi.org/10.3889/oamjms.2020.3916>>. Acesso em: 28 dez.2022. (A3).

ROKOH, H.; JUCHUNG, Y. A single case study of art therapy in a child with Crohn's disease. *The Arts in Psychotherapy*. New York, EUA, v. 72, p. 101751, 2021. Available from: <<https://doi.org/10.1016/j.aip.2020.101751>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SANTOS, C. M. C.; PIMENTA, C. A. M.; NOBRE, M. R. C. The PICO strategy for the research question construction and evidence search. **Rev Latino-Am Enfermagem**, Ribeirão Preto, SP, v. 15, n. 3, p. 508-511, 2007. Available from: <<https://doi.org/10.1590/s0104-11692007000300023>>. Acesso em: 28 jan. 2023.

SAYED, N. S. A. The effect of art therapy on the children of hospital 57357 to achieve technical and psychological support. **International Design Journal**, [S. l.], v. 13, n. 50, p. 295-306, jan.-fev. 2023. Available from: <<https://doi.org/10.21608/idj.2023.276210>>. Acesso em: 11 fev. 2023.

SOARES, V. R. et al. A Arteterapia no câncer infantojuvenil: revisão integrativa da literatura. In: BARBOSA, F. C. (org.). **Ciências da saúde: uma abordagem holística – volume VI**. Piracanjuba, GO: Conhecimento Livre, 2022. p. 133-150. Vol. 6. Cap. 14. DOI: 10.37423/21120583. Acesso em: 10 fev. 2023.

VALLADARES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P. A arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização. **Rev Esc Enfermagem USP**, São Paulo, SP, v. 40, n. 3, p. 350-355, 2006a. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-62342006000300006>>. Acesso em: 30 dez. 2022. (A10).

VALLADARES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P. A arteterapia no contexto da hospitalização pediátrica: o desenvolvimento da construção com sucata hospitalar. **Rev ACTA**, São Paulo, SP, v. 18, n.1, p. 64-71, 2005a. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002005000100009>>. Acesso em: 30 dez. 2022. (A12).

VALLADARES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P. El dibujo del hospital em la visión del arteterapia em los ingresos pediátricos. **Rev Enfermería Global**, [online], Murcia, Espanha, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2006b. Disponible en: <<https://revistas.um.es/eglobal/article/download/295/356/1681>>. Acesso em: 28 dez. 2022. (A8).

VALLADARES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P. Produção de modelagem em sessões de arteterapia no contexto hospitalar pediátrico. **Rev. Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, MG, v. 9, n. 2, p. 126-132, 2005b. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v9n2a06.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2022. (A11).

VALLADARES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P. Promoção de habilidades gráficas no contexto da hospitalização. **Rev Eletrônica de Enfermagem** [online], Goiânia, GO, v. 8, n. 1, p. 128-133, 2006c. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ree.v8i1.934>>. Acesso em: 15 dez. 2022. (A9).

VALLADARES, A. C. A.; SILVA, M. T. A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização. **Rev Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, RS, v. 32, n. 3, p. 443-450, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000300002>>. Acesso em: 27 dez. 2022. (A7).

VALLADARES-TORRES, A. C. A. **Arteterapia na saúde: da dor à criatividade**. Curitiba, PR: CRV, 2021. 166p. Vol.1. DOI: 10.24824/978655868763.4. Acesso em: 05 fev. 2023.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; ARAÚJO, B. A. Desenho-história: instrumento de assistência de enfermagem aplicada a crianças e adolescentes com doenças crônicas. In: BARBOSA, F. C. (org.). **Tópicos em ciências da saúde – volume VI**. Piracanjuba, GO: Editora Conhecimento Livre, 2021. p. 7-20. Vol. 6. Cap. 1. DOI capítulo: 10.37423/210804620. Acesso em: 28 jan. 2023.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; LANDIN, M. E. A. P.; MANGUEIRA, R. R. A Arteterapia com grupo de crianças e adolescentes com doença crônica: representação gráfica do estar saudável ou doente. In: FREITAS, S. A. A. (org.). **Coletânea Saúde e Bem-Estar: teorias e práticas**. São Luís: Pascal, 2020. p. 89-109. Vol. 2. Cap. 6. DOI: 10.29327/523958. Acesso em: 21 jan. 2023.



VITAL, T. S. et al. Relações entre arteterapia em crianças hospitalizadas com câncer. **Diálogos Interdisciplinares**, Aquidauana, MS, v. 9, n. 4, p. 75-83, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/User%20Lenovo/Downloads/938-Texto%20do%20artigo-3105-1-10-20200602.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

YOUNT, G.; RACHLIN, K.; SIEGEL, J. Expressive arts therapy for hospitalized children: a pilot study measuring cortisol levels. **Journal Pediatric Reports**, São Francisco, EUA, v. 5, n. 7, p. 28-30, 2013. Available from: <<https://doi.org/10.4081/pr.2013.e7>>. Acesso em: 29 dez. 2022. (A6).

Recebido: 04/02/2023 | Revisado: 16/02/2023 | Aceito: 17/02/2023 | Publicado: 10/04/2023



NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TEXTOS A SEREM APRECIADOS PARA PUBLICAÇÃO

I- NORMAS GERAIS

A Revista Científica Arteterapia Cores da Vida é um periódico semestral destinado à divulgação arbitrada da produção científica na área da Arteterapia.

Serão aceitos artigos originais e inéditos, destinados exclusivamente à Revista Científica Arteterapia Cores da Vida, que contribuam para o crescimento e desenvolvimento da produção científica da Arteterapia e áreas correlatas.

Os artigos encaminhados são submetidos à avaliação de até três consultores, especialistas na área pertinente à temática do artigo, e aprovados pelo Conselho Editorial.

Os trabalhos poderão ser enviados por via eletrônica (e-mail ou disquete/CD) para arteterapia.goias@gmail.com. Concomitantemente, os autores deverão enviar por via postal ou eletrônica, um ofício solicitando a apreciação do manuscrito pela revista, autorização para sua publicação assinada por todos os autores, com indicação de endereço completo, telefone para contato com o(s) autor(es). Especial atenção ao e-mail atualizado para contatos entre o Comitê Editorial e os autores dos textos originais.

Serão aceitos trabalhos escritos em português, inglês ou espanhol.

Não serão admitidos acréscimos ou alterações após o envio para composição editorial e fechamento do número.

As opiniões e conceitos emitidos pelos autores são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial da Revista.

II- INSTRUÇÕES PARA O PREPARO E ENVIO DOS TRABALHOS INFORMES GERAIS

A Revista Científica Arteterapia Cores da Vida publica além de artigos originais, trabalhos de revisão, atualização, estudos de caso e/ou relatos de experiência e resenhas de livros, resumos de teses e dissertações.

Artigos especiais: são obras de destaque no volume, seja por seu aspecto relevante ou porque foi escrito por algum autor de renome na área de Arteterapia. Até 20 laudas.

Artigos originais: são trabalhos resultantes de pesquisa científica apresentando dados originais de descobertas com relação a aspectos experimentais ou observacionais e inclui análise descritiva e ou inferências de dados próprios. Sua estrutura é convencional que traz os seguintes itens: *Introdução, Métodos, Resultados e Discussão e Conclusão*. Até 20 laudas.

Artigos de revisão: são trabalhos de revisões sistemática ou integrativa, que têm por objeto resumir, analisar, avaliar ou sintetizar trabalhos de investigação já publicados em revistas científicas. Até 20 laudas.

Artigos de reflexão, atualização ou divulgação: são trabalhos que relatam informações geralmente atuais sobre tema de interesse para determinada especialidade, uma nova técnica, por exemplo, e que têm características distintas de um artigo de revisão. Até 15 laudas.

Relato de experiência: são artigos que representam dados descritivos de um ou mais casos explorando um método ou problema por meio de exemplo. Apresenta as características do indivíduo estudado, com indicação de suas características, tais como, idade entre outras. Até 15 laudas.

Resenha: são artigos que trazem aspectos descritivos e analíticos de obra recentemente publicada e de relevância para a Arteterapia. Até 5 laudas.

Resumos de teses e dissertações: podem ser apresentados resumos com até 400 palavras, em português, inglês e espanhol, no espaçamento simples entre as linhas trazendo a referência bibliográfica da tese ou dissertação de acordo com a NB 66/1989 (NBR 6023) da ABNT, acrescentando o nome do orientador, data (dia/mês/ano) e local (programa e instituição) da defesa.

FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

Os trabalhos deverão ser apresentados em formato compatível ao *MS Word for Windows*, digitados para papel tamanho A4, com letra Arial, tamanho 10, com espaçamento simples entre linhas em todo o texto, margem superior igual a 2,5 cm e inferior, esquerda e direita igual a 1,5 cm; parágrafos alinhados em 1,0 cm.

Título: deve ser apresentado justificado, em caixa alta, negrito e nas versões da língua portuguesa, espanhola e inglesa.

Autores: nome(s) completo(s) do(s) autor(es) alinhados à esquerda, numerado com a especificação no final do texto informando: formação profissional, titulação, local de trabalho ou estudo, endereço para correspondência do autor e E-mail atualizado.

Resumo e descritores: devem ser apresentados na primeira página do trabalho em português, espanhol e inglês, digitados em espaço simples, com até 300 palavras, contendo obrigatoriamente introdução, objetivos, métodos, resultados e discussão e conclusões. Ao final do resumo devem ser apontados de 3 a 5 descritores ou palavras

chaves que servirão para indexação dos trabalhos. Para tanto os autores devem utilizar os descritores da Biblioteca Virtual em Saúde (www.bireme.br - terminologia em saúde – Descritores em Ciências da Saúde – Consulta ao DeCS).

Estrutura do Texto: a estrutura do texto deverá obedecer às orientações de cada categoria de trabalho já descrita anteriormente, acrescida das referências bibliográficas, de modo a garantir uma uniformidade e padronização dos textos apresentados pela revista. Os anexos (quando houverem) devem ser apresentados ao final do texto.

Ilustrações: tabelas, figuras e fotos devem estar inseridas no corpo do texto contendo informações mínimas pertinentes àquela ilustração (Por ex. Tabela 1; Figura 2; etc.). Texto alinhado à esquerda com recuo de segunda linha de 2,0cm.

Citações: as citações *ipsis literis* de referências bibliográficas deverão aparecer entre aspas, incluídas no texto e indicando o número da página. Neste caso não são necessário recuos nos parágrafos. Os depoimentos dos sujeitos da pesquisa, quando for o caso, deverão estar em itálico, com o mesmo tipo de letra do texto, isto é Arial 10 e na sequência do texto, sem recuos de parágrafos. No corpo do texto, devem ser especificadas as fontes segundo AUTOR, DATA. Para dois autores, AUTOR 1 & AUTOR 2, DATA e, para três autores AUTOR 1; AUTOR 2 & AUTOR 3, DATA e mais de três autores AUTOR 1 et al, DATA. No caso de fonte secundária utilizar: Autor apud AUTOR SECUNDÁRIO, DATA, página se for literal.

Errata: os pedidos de correção deverão ser encaminhados em, no máximo, 30 dias após a publicação.

Referências bibliográficas: devem ser digitadas de acordo com a ABNT, NBR 6023 e ordenadas em ordem alfabética. Este item deverá conter apenas os autores citados no corpo do texto.

Exemplos de referências

Obs: até três autores, deve-se colocar todos. Mais de três, deve-se indicar o primeiro nome e a expressão *et al*.

Livros:

- CIORNAI, S. (Org.). **Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. vol. 62. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- MOLLER, C. R. **Clínica del arte**. 2. ed. Chile: Sociedad Atenea, 2005.

Capítulos de livros:

- ALLESSANDRINI, C. D. Prefácio. In: ARCURI, I. (Org.). **Arteterapia de corpo & alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.13. (Coleção Arteterapia).
- FAGALI, E. Q. Encontros entre arteterapia e psicopedagogia: a relação dialógica terapeuta e cliente, educador e aprendiz. In: CIORNAI, S. (org.). **Percursos em arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde**. São Paulo: Summus, 2005. Vol. 64. parte I, p.17-64.
- PHILIPPINI, A. Arteterapia e outras terapias expressivas no novo paradigma de atenção e saúde mental. In: - VALLADARES, A. C. A. (Org.) **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004. cap.5, p. 87-105.

Periódicos

- ORMEZZANO, G. A vivência de B: um estudo de caso. **Arteterapia Rev. Imagens da Transformação**. Rio de Janeiro: Pomar, v.11, n.11, p.165-75, set., 2004.

Tese/Dissertação/Monografia:

- BERNARDO, P. P. **A doce medicina: trabalhando a sabedoria da psique na criação de um conhecimento integrado ao autoconhecimento**. 2001. 0 p. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia-Área Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Jornais

- SOUZA, H.; PEREIRA, J. L. P. O orçamento da criança. **Folha de São Paulo**, 02 de maio de 1995. Opinião, 1º Caderno. São Paulo, 1995.

Leis/portarias/resoluções

- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196 de 10 de outubro de 1996**. Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 1996.

Obras em CD-ROM

- REISIN, A. Educación de la sensibilidad: sentidos y sin sentidos. In: CONGRESSO SUL AMERICANO DE CRIATIVIDADE, 4., Porto Alegre, 2005. **Anais**. Porto Alegre, 2005. CD-ROM



Internet

- VICTÓRIO, M. **A música como expressão simbólica (parte 3)** [online]. Disponível: http://webearte.net/musicaeterapia_marcia_expressaosimbolica3.htm [capturado em 18 out. 2005].

Observação: Todo texto extraído da internet possui um autor ainda que institucional.

Periódicos disponíveis por meio eletrônico

- URRUTIGARAY, M. C. Os problemas encontrados para a utilização da Arteterapia. **Rev. Científica de Arteterapia Cores da Vida** [online]. v.1, n.1, p.23-27, 2005. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>

- VALLADARES, A. C. A.; CARVALHO, A. M. P. El dibujo del hospital em la visión del arteterapia em los ingresos pediátricos. **Rev. Enfermería Global** [Revista Electrónica Semestral de Enfermería]. Espanha: Universidad de Murcia, Área Clínica, v.9, n.9, 10 p.00-00, nov. 2006. Disponível em: <http://www.um.es/eglobal/>



MODELO DE DECLARAÇÃO DE TRANSFERÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS

À Coordenação Editorial
Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida

Modelo de Declaração de Transferência de Direitos Autorais

Os autores abaixo-assinados declaram que os direitos autorais referentes ao artigo “_____ (Título do artigo)” que será publicado, se tornarão propriedade exclusiva da Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida. Do mesmo modo, assumem total responsabilidade pelas citações e referências bibliográficas utilizadas no texto, bem como sobre os aspectos éticos que envolvem os sujeitos do estudo.

Estamos cientes de que é vedada qualquer reprodução total ou parcial, em qualquer parte ou meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada e, se obtida, faremos constar o competente agradecimento à Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida e os créditos correspondentes.

Autores:

_____ (assinatura do autor)

Nome completo do Autor 1

_____ (assinatura do autor)

Nome completo do Autor 2

_____ (assinatura do autor)

Nome completo do Autor 3

_____ (assinatura do autor)

Nome completo do Autor 4

Cidade, dia de mês de ano.